

**RETOMADA DAS ATIVIDADES  
PRESENCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA:  
CONVERSAS, AFETOS E MEMÓRIAS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE-RS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL**

María Laura del Huerto

**RETOMADA DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS EM TEMPOS DE  
PANDEMIA: CONVERSAS, AFETOS E MEMÓRIAS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE-RS**

PORTO ALEGRE  
2022

María Laura del Huerto

**RETOMADA DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS EM TEMPOS DE  
PANDEMIA: CONVERSAS, AFETOS E MEMÓRIAS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE-RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Social e Institucional ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa  
Coorientadora: Profa. Dra. Rosana Aparecida Fernandes

PORTO ALEGRE  
2022

MARÍA LAURA DEL HUERTO

**RETOMADA DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS EM TEMPOS DE  
PANDEMIA: CONVERSAS, AFETOS E MEMÓRIAS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE-RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestra em Psicologia  
Social e Institucional ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia Social e Institucional da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daniele Noal Gai – UFRGS

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Inês Hennigen – UFRGS

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana Vieira Caliman – UFES

Porto Alegre, 29 de setembro de 2022

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à comunidade escolar da EMEF Neusa Goulart Brizola, especialmente às professoras Eliane, Gabriela, Jalize, Marju, Rita, Letícia, Roberta, Gislaine e Soraia pelo valioso tempo que me dedicaram, pelo cálido acolhimento na escola, e pela confiança em mim e nesta pesquisa. Agradeço também aos funcionários da escola e mães de alunas que aceitaram ser entrevistadas/os por mim. Agradeço às crianças por me deixar estar junto, especialmente às do 5º ano da professora Eliane (turma B21 de 2021), que me fizeram passar momentos tão felizes com sua curiosidade, espontaneidade e sempre afetuosa recepção, em um ano tão atípico e, muitas vezes, solitário.

Agradeço ao meu orientador Luciano pelas conversas, pelas leituras dos meus escritos, por ter sempre uma serenidade entusiasta nas orientações, até naquelas nas que me encontrava desanimada. Também agradeço à minha coorientadora Rosana pelas conversas e leituras dos meus escritos, e pelos momentos compartilhados no estágio docente, que também contribuíram para a realização desta pesquisa. Agradeço a ambos pelo clima acolhedor e espontâneo que sempre tiveram nas orientações, reuniões, conversas e em todo estar juntas/os.

Às minhas colegas e meus colegas do grupo de pesquisa Políticas do Texto: Tatiele, Cássio, Bruna, Érica, Anna Letícia, Daniel, Victória, Lidi e Laura, pelas leituras e contribuições ao meu trabalho, e pelos lindos momentos juntas/os ao longo do meu mestrado.

Às docentes da minha banca de qualificação e defesa do mestrado, pelo acolhimento, pela atenta leitura e pelas contribuições ao meu trabalho.

Ao meu companheiro Diogo, por sempre acreditar em mim.

À minha mãe Norma, por todo o sacrifício que fez na vida para que eu possa estudar.

Aos meus avós, Delia e Francisco, que já não estão, mas me contagiaram um amor enorme pela escola, e semearam em mim a profunda indignação por aquelas pessoas que têm que deixar de estudar cedo por causa da desigualdade social.

À CAPES: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

*“Precisamos desesperadamente de outras histórias, [...] histórias que contam como situações podem ser transformadas quando aqueles que as sofrem conseguem pensá-las juntos”.*

*Isabelle Stengers*

## RESUMO

Esta dissertação busca compreender como foi o processo de retomada das atividades presenciais em uma escola municipal de ensino fundamental, após meses da sua suspensão devido à eclosão da pandemia da Covid-19. A escola que protagoniza esta pesquisa está localizada numa região periférica da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Para acompanhar o processo de retomada utilizei a metodologia cartográfica, tendo como base encontros virtuais com docentes em 2020, através de uma ação de extensão, assim como conversas e entrevistas com docentes, alunos/as, mães e funcionários/as em 2021. Também realizei visitas à escola, participando do cotidiano escolar durante os primeiros meses do retorno às aulas presenciais em 2021. Para entender este processo, problematizo o conceito de “retomada”. A partir desta cartografia, foi possível observar que, pese aos enormes desafios causados pela desigualdade social e pelo contexto político brasileiro negacionista e de direita, a retomada revela-se como um processo capaz de abrir novos possíveis e fornecer pistas para a escola e a educação pública que queremos.

**Palavras-chave:** Escola. Retomada. Pandemia.

## RESUMEN

Esta disertación busca comprender como fue el proceso de retomada de las actividades presenciales en una escuela municipal primaria, después de meses de su suspensión debido a la pandemia de Covid-19. La escuela que protagoniza esta investigación está localizada en la periferia de la ciudad de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Para acompañar el proceso de retomada utilizo la metodología cartográfica, teniendo como base encuentros virtuales con docentes en 2020, a través de una acción de extensión, y conversaciones y entrevistas con docentes, alumnos/as, madres y funcionarios/as en 2021. También realicé visitas a la escuela durante los primeros meses del retorno a las clases presenciales en 2021. Para entender este proceso, problematizo el concepto de “retomada”. A partir de esta cartografía, fue posible observar que, a pesar de los desafíos causados por la desigualdad social y por el contexto político brasileiro negacionista y de derecha, la retomada se reveló un proceso capaz de abrir nuevos posibles y proveer pistas para la escuela y la educación pública que queremos.

**Palabras clave:** Escuela. Retomada. Pandemia.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ATM** – Associação Tempo de mudar

**EMEF** – Escola Municipal de Ensino Fundamental

**IPL** – Instituto Politécnico de Lisboa

**FACED** – Faculdade de Educação da UFRGS

**FAMURS** – Federação das Associações de Municípios do RS

**FCT** – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**OCDE** – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

**SMED** – Secretaria Municipal de Educação

**PL** – Projeto de Lei

**UBA** – Universidad de Buenos Aires

**UFES** - Universidade Federal do Espírito Santo

**UFBA** – Universidade Federal da Bahia

**UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**TI** – Terra Indígena

**TJ-RS** – Tribunal de Justiça do Estado de RS

**AMPD** – Associação Mães & Pais pela Democracia

**CPERS** – Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - FOTO DE SATÉLITE COM LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DA ESCOLA. GOOGLE MAPS, FEVEREIRO DE 2022.....	20
FIGURA 2 - MAPA DA ESCOLA FEITO PELOS/AS ALUNOS/AS, EXIBIDO EM CORREDOR, ENTRE A BIBLIOTECA E A DIREÇÃO. ACERVO PESSOAL, OUTUBRO DE 2022.....	20
FIGURA 3 – RUA E CASAS PRÓXIMAS À ESCOLA. ACERVO PESSOAL, JUNHO DE 2021. ....	23
FIGURA 4 - CALÇADA PRÓXIMA À ESCOLA. ACERVO PESSOAL, JUNHO DE 2021.....	24
FIGURA 5 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MÃES.....	43
FIGURA 6 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM DOCENTES E FUNCIONÁRIAS/OS.....	44
FIGURA 7 - 5º ANO NA RETOMADA DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS. FOTO COMPARTILHADA PELA PROFESSORA ELIANE NOS ENCONTROS VIRTUAIS, EM DEZEMBRO DE 2020. ....	53
FIGURA 8 - DESENHO QUE GANHEI DO MARCELO, ALUNO DO 5º ANO (TURMA B21). ACERVO PESSOAL, JUNHO DE 2021. ....	66
FIGURA 9 - ALUNOS/AS DO 3º ANO REALIZANDO UMA ATIVIDADE CIENTÍFICA NO PÁTIO DA ESCOLA. FOTO TIRADA PELA PROFESSORA MARJU, JUNHO DE 2021. ....	72
FIGURA 10 - REGISTRO DE OBSERVAÇÃO CIENTÍFICA DA ESCOLA FEITO POR ALUNA DO 3º ANO EM JUNHO DE 2021. ....	73
FIGURA 11 - REGISTRO DE OBSERVAÇÃO CIENTÍFICA DA ESCOLA FEITO POR ALUNO DO 3º ANO EM JUNHO DE 2021. ....	74
FIGURA 12 - REGISTRO DE OBSERVAÇÃO CIENTÍFICA DA ESCOLA FEITO POR ALUNO DO 3º ANO EM JUNHO DE 2021. ....	74
FIGURA 13 - OBRA DE ARTE AINDA EM ANDAMENTO NA FACHADA DA ESCOLA, FEITA POR MARCELO PAX (CELOPAX). ACERVO PESSOAL, JUNHO DE 2021. ....	78
FIGURA 14 - GRUPO DA TURMA B21 COM A PROFESSORA ELIANE E COMIGO NA FRENTE DA ESCOLA. FOTO TIRADA PELA PROFESSORA GABRIELA EM JUNHO DE 2021.....	79
FIGURA 15 - ALUNAS/OS DO 2º ANO COM SUA PROFESSORA NO LUGAR DO INCÊNDIO, PRÓXIMO À ESCOLA. ACERVO PESSOAL, 2021.....	88

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1	Apresentação da pesquisa.....	13
1.2	Apresentação da pesquisadora.....	14
1.3	Apresentação da escola .....	19
1.4	Apresentação da ação de extensão “Carta ao Mundo que Vem” .....	27
1.5	Objetivos .....	29
1.5.1	Objetivo Geral.....	29
1.5.2	Objetivos Específicos: .....	29
<b>2</b>	<b>NOTAS SOBRE A PALAVRA RETOMADA</b> .....	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>37</b>
3.1	O estranhamento e a confiança na pesquisa cartográfica.....	37
3.2	Entrevistas cartográficas, conversas e o uso de nomes próprios.....	40
<b>4</b>	<b>A RETOMADA EM 2020</b> .....	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>A RETOMADA EM 2021</b> .....	<b>55</b>
5.1	<i>Para cartografar é preciso estar num território</i> .....	55
5.2	<i>Que seja publica não quer dizer que não tenha que ser bonita</i> .....	56
5.3	<i>A pandemia foi muito ruim para os macacos</i> .....	59
5.4	<i>Faz quantos anos a gente não vem à escola?</i> .....	61
5.5	<i>O mundo pandemiou</i> .....	63
5.6	<i>Eles conheceram a escola assim; não só a escola, o mundo</i> .....	66
5.7	<i>Odeio a palavra reinventar!</i> .....	70
5.8	<i>Minhocas cantando</i> .....	78
5.9	<i>Eu gosto muito desta escola</i> .....	80
5.10	<i>Hoje tu é profe por um dia</i> .....	81
5.11	<i>Quando seja grande quero morar aqui</i> .....	83
<b>6</b>	<b>ENTREVISTAS CARTOGRÁFICAS</b> .....	<b>84</b>

<b>6.1 Entrevistas cartográficas: com quantos verbos se faz uma retomada? .....</b>	<b>86</b>
6.1.1 Tatear .....	87
6.1.2 Brigar (por amor) .....	87
6.1.3 Arriscar .....	87
6.1.4 Envolver-se .....	88
6.1.5 Transitar .....	89
6.1.6 Reunir-se .....	89
6.1.7 Comer.....	90
6.1.8 Divertir-se .....	90
6.1.9 Precisar.....	90
6.1.10 Reafirmar .....	91
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARJU .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELIANE .....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA COM A PROFESSORA GABRIELA.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A PROFESSORA JALIZE .....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE E – ENTREVISTA COM GISLAINE (VICEDIRETORA) E SORAIA (DIRETORA) .</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA RITA .....</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICE G – ENTREVISTA COM MÃE DE ALUNA DO 3º ANO .....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE H – ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIO DOS SERVIÇOS GERAIS.....</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICE I– ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIAS DA COZINHA .....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE J – ENTREVISTA COM MÃE DE ALUNA DO 2º ANO .....</b>	<b>174</b>

# 1 APRESENTAÇÃO

## 1.1 Apresentação da pesquisa

Esta pesquisa acompanhou o processo de retomada das atividades presenciais na Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F) Neusa Goulart Brizola durante a pandemia de Covid-19, após sete meses de distanciamento, incertezas, e suspensão da rotina escolar até então conhecida. No mundo inteiro, as portas das escolas foram fechadas pela pandemia de Covid-19 no início do ano 2020. No Brasil, isso aconteceu no mês de março, pouco tempo depois do ano letivo ter iniciado. Uma enorme sucessão de decretos municipais e estaduais veio depois, prevendo o retorno das aulas presenciais e prorrogando-o em função do agravamento da pandemia.

Como já é sabido, a desigualdade social e educacional no Brasil impossibilitou (e impossibilita) que todos os estudantes possam desenvolver atividades escolares através do ensino remoto. Docentes de escolas rurais, indígenas, quilombolas e das periferias urbanas viram-se no injusto desafio de ter que sustentar um espaço pedagógico enquanto a maioria dos seus alunos não possui(a) acesso à internet e às tecnologias digitais, ou possui(a) um acesso muito precário. Várias pesquisas realizadas no decorrer de 2020 denunciaram a falta de equidade no acesso à educação não presencial (ARRUDA, 2020; AVELINO E MENDES, 2020; CAMACHO ET AL, 2020; entre outros).

A escola que protagoniza esta dissertação teve as aulas presenciais suspensas desde março até outubro de 2020, mês em que iniciou um retorno presencial gradual e escalonado até o fim do ano letivo, em dezembro. Em parte desse período (de agosto a dezembro), manteve contato com docentes da escola através de uma ação de extensão vinculada à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulada “Carta ao mundo que vem: pensando a pandemia e sustentabilidade com estudantes de Porto Alegre e Lisboa”.

Num dos encontros virtuais da ação de extensão, a professora da quinta série, Eliane<sup>1</sup>, relatou o estranhamento dela e seus quatro alunos ao voltarem à escola depois de tantos meses

---

<sup>1</sup> As professoras participantes desta pesquisa optaram por manter sus nomes verdadeiros. Como elas também participaram de uma pesquisa maior na qual estive vinculada durante todo meu mestrado, intitulada “Infâncias e Sustentabilidades”, que passou pelo Comitê de Ética, foi possível manter seus nomes. Na seção “Apresentação da

sem habitá-la, deparando-se com uma escola muito diferente da que estavam costumados. Fui imediatamente contagiada por esse estranhamento coletivo; senti-me interpelada por esse relato, acompanhado de fotos das crianças afastadas entre si, segurando cartazes coloridos sobre a pandemia, feitos enquanto conversavam sobre como a escola estava diferente, numa sala que parecia imensa com a ausência de tantos colegas.

Para compreender como foi a retomada das atividades presenciais na E.M.E.F Neusa Goulart Brizola, utilizei a cartografia como método de pesquisa. Para realizar esta cartografia, realizei treze visitas<sup>2</sup> à escola, entre maio e julho de 2021, com frequência semanal (e outras visitas isoladas em momentos anteriores e posteriores). Nessas visitas, acompanhei o dia a dia das/dos alunas/os e funcionárias/os, registrando conversas, sentimentos e experiências no meu diário de campo após cada encontro. Também realizei entrevistas cartográficas a docentes, funcionárias/os e mães de alunas da escola, em julho e agosto de 2021, que foram gravadas no meu celular. Essas entrevistas também aconteceram na escola, a maioria em dias e horários combinados previamente. Além disso, também participei dos encontros semanais da ação de extensão mencionada acima. Nesses encontros aconteceram relatos importantes sobre como a escola foi se preparando para o retorno presencial e como as docentes lidaram com as dificuldades, medos e angústias relacionadas a esse retorno.

É importante assinalar, ainda na introdução, que a retomada das atividades presenciais nesta escola é muito mais ampla do que pode ser contado numa pesquisa de mestrado, que sempre é parcial. As observações feitas nas minhas visitas correspondem a um tempo parcial da rotina escolar. Da mesma forma, também é parcial o número de pessoas com quem conversei no tempo da pesquisa.

## **1.2 Apresentação da pesquisadora**

Uma pesquisa que assuma um compromisso social e político com a realidade pesquisada, como é o caso da pesquisa cartográfica, precisa colocar em análise o lugar que a pesquisadora ocupa nas relações de poder (PAULON; ROMAGNOLI, 2010). Mesmo nas pesquisas em que o pesquisador não assume um lugar de fala, este lugar existe. Haraway (1995)

---

Ação de Extensão ‘Carta ao Mundo que Vem’ falo sobre minha inserção nessa pesquisa maior e na seção “Percurso Metodológicos” falo sobre o uso de nomes próprios e fictícios.

<sup>2</sup> Escolho a palavra “visita” não pela sua alusão a algo temporário, se não pela alusão a um lugar de encontro-afetação. De acordo com o dicionário, visita é “ir ao encontro de alguém; ato de encontrar uma pessoa, num local determinado, para contemplar alguma coisa”.

defende que todos os conhecimentos, inclusive o conhecimento científico, são localizados e, portanto, parciais. E essa parcialidade, ao invés do que costuma se pensar, não impede uma visão objetiva, se não tudo o contrário. A objetividade feminista “revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades” (HARAWAY, 1995, p.21). Concordo com a autora em que a pretensão de transcendência do pesquisador, que permite estar em todos os lugares e em nenhum, é ilusória e irresponsável.

Haraway (1995), assim como outras autoras feministas (como HOOKS, 2020; FEDERICI, 2019; RIBEIRO, 2019; GONZALEZ, 1988, por mencionar algumas que citarei mais adiante), nos alertam que o pensamento hegemônico é eurocêntrico, branco, masculino, hétero e cis normativo. Achando-se universal, esse pensamento, que tem voz e corpo, domina a educação em todas suas fases, e a ciência em todas suas áreas, excluindo e invisibilizando outros saberes, produzidos desde outros corpos e outras vozes. Não pactuando com isso, esta pesquisa(dora) é “a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis. Irresponsável significa incapaz de ser chamado a prestar contas” (HARAWAY, 1995, p.22).

Um termo atualmente muito recorrente para situar-nos e referir-nos ao lugar que ocupamos socialmente é o de “lugar de fala”. Djamila Ribeiro (2019) aponta que a origem do termo “lugar de fala” é imprecisa; ela o pensa, principalmente, a partir da teoria do ponto de vista feminista (feminist standpoint), que tem a Patricia Hill Collins como uma das principais autoras. Ribeiro (2019) entende o lugar de fala como o lugar que ocupamos socialmente nas relações de poder, marcadas por raça, gênero, classe e sexualidade, e suas interseccionalidades. Esse lugar nos faz ter experiências e perspectivas distintas, e assumi-lo significa refutar uma visão universal de identidade. Além disso, “falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem” (RIBEIRO, 2019, p.49). Meu lugar de fala é o de uma mulher branca, estrangeira no Brasil, de classe média, heterossexual e cis gênero.

Minha relação com a escola e a educação foi muito privilegiada. A escola era um lugar onde eu tinha que ir, a possibilidade de não ir nunca existiu nem no pensamento. Diferente tinha sido para meus avôs, que tiveram que deixar a escola muito cedo e, enquanto foram, tinham outras obrigações tão (ou mais) necessárias do que estar na escola e aprender o que ensinavam lá. Meus avôs lembravam da escola com carinho e com nostalgia por ter tido que deixá-la tão

cedo. Para eles, estudar representava a possibilidade de ter uma vida melhor que, afinal, não pôde ser. Já minha mãe, pode se dedicar mais plenamente ao ensino fundamental, mas conseguiu concluir o ensino médio só na vida adulta, pois assim que saiu do ensino fundamental começou trabalhar. Para mim, a relação com a escola e a educação foi muito mais contínua, longa, plena e obrigatória. Rapidamente tornou-se a rotina mais importante da minha vida, pois quase tudo girava ao redor da rotina escolar. Não só da minha vida, mas também da minha mãe, que me criou sozinha e tinha que organizar-se para ter uma babá após o horário escolar, pedir permissão no trabalho para ir aos atos e reuniões escolares etc. Boa parte dos meus sentimentos dependiam de como tinha sido meu dia na escola, que era o único lugar onde podia encontrar amigas/os-crianças, o lugar onde minha infância deixava de ser solitária. Era um lugar de cuidado, onde cuidavam de mim quando minha mãe estava trabalhando. Era também um lugar que me abria possibilidades de uma vida melhor, pois só indo à escola poderia ir à universidade, e assim ter um trabalho onde não seja explorada, dizia minha mãe.

Desde criança até a vida adulta, fui aluna de instituições de ensino tanto públicas como privadas, mas só as instituições públicas me despertaram afeto e sensação de pertencimento. Não me refiro aos afetos das relações interpessoais, que em todas as instituições surgiram, mas ao afeto institucional, à identificação com o lugar, a o “sentir-se em casa”. Na minha qualificação do projeto de pesquisa, Inês Hennigen<sup>3</sup> refletiu sobre o fato das escolas e universidades particulares serem lugares de passagem. Independentemente de que podem ser de excelência na formação técnica e relacional, “ninguém sente a universidade [privada] como aquele lugar que é seu. Ela tem claramente um dono, ela tem posse, não é um território compartilhado”. Exatamente esse foi também meu sentimento nas instituições de ensino privadas.

Eu fiz a primeira parte do ensino fundamental numa escola particular muito pequena, com poucas crianças e que por problemas financeiros fechou suas portas repentinamente. Logo fui a uma escola que era o oposto, chamada Instituto Félix Fernando Bernasconi. Era (e ainda é) uma construção monumental antiga, inaugurada em 1929, que conta com matrícula para aproximadamente 4000 alunos. Diferente da escola anterior, onde tinha que vestir um uniforme específico dessa escola, na escola pública era obrigatório o uso de jaleco branco. Na Argentina, o jaleco branco é um símbolo da cultura escolar pública. Seu uso obrigatório é antigo e ainda

---

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

permanece. Inicialmente, pretendia diminuir as diferenças materiais entre os alunos, mostrando que na escola regem práticas para construir uma sociedade mais justa e igualitária, mas hoje existem muitos debates sobre seu uso obrigatório, e críticas em relação à homogeneização e desvalorização das diferenças<sup>4</sup>.

Nessa escola imensa, com tantas crianças de jaleco branco, fui sentindo, aos poucos, um pertencimento tão grande, que até hoje quando passo por lá, penso: “minha escola”. Não senti o mesmo no ensino médio, que fiz numa escola particular católica. Não é “minha escola”, é “a escola aonde fui”, com donos, com uniforme escolhido por eles, com um pagamento mensal para poder estar aí, com um enorme controle dos corpos, com a obrigatoriedade de rezar antes de entrar à sala de aula e ir à missa quando os donos decidiam que tínhamos que ir. Ali fiz grandes amizades, que fazem parte da minha vida até hoje, e juntas compartilhamos lembranças engraçadas de coisas que fazíamos para sobreviver numa escola onde o viés religioso penetrava à educação de forma muito violenta.

A não identificação com esse ensino médio, talvez tenha feito com que a minha primeira universidade, a Universidad de Buenos Aires (UBA), despertasse em mim um grande amor. Entrei com 17 anos e sentia-me orgulhosa de estar ali. Mas o mundo dos adultos me dava muito medo. Trabalhar em empregos precários, ter uma imensa quantidade de leituras com linguagem extremamente erudita, chegar na aula cedo para não ter que me sentar no chão (pois a quantidade de alunos ultrapassava o número de cadeiras), assistir as aulas sem interagir com o professor, e trocar de colegas a cada semestre era muito desmotivador. Sentia esse mundo frio e impessoal, mas, ao mesmo tempo, me sentia livre, e confortável para habitar todos os espaços que a faculdade me oferecia.

A faculdade de Filosofia e Letras da UBA era um prédio que antigamente tinha sido uma fábrica, e onde colocaram uma enorme quantidade de cursos de humanidades, deixando-a superlotada, especialmente pela noite. O prédio era de todas/os. Eu ia à cozinha a esquentar água para o chimarrão numa enorme chaleira de alumínio (nunca voltei a ver uma chaleira tão grande), e participava de um grupo de teatro criado por colegas, num salão do subsolo. Tinha pessoas vendendo filmes, comidas e artesanatos, outras pedindo dinheiro, e outras renovando

---

<sup>4</sup> Para mais informação sobre esses debates, sugiro ver: Dussel, I. (2004). Inclusion y exclusion en la escuela moderna argentina: una perspectiva postestructuralista. *Cadernos de pesquisa*, 34(122), 305-335, ou Melendez, C. E., Borthelle, J. A. Y., & Urbano, C. A. (2018). Sentidos sobre el uso obligatorio del guardapolvo blanco en escuelas de Catamarca. *Praxis*, 14(1), 61-76.

cartazes com manifestações políticas. Não era necessária nenhuma identificação para entrar em nenhum lado.

Quando vim morar no Brasil, me deparei com que o acesso à universidade pública era muito diferente do que tinha conhecido na Argentina. Lá, qualquer um podia inscrever-se para as disciplinas preparatórias para o ingresso na carreira escolhida. Se bem essas disciplinas tinham que ser aprovadas, fazendo muitas pessoas desistirem antes de ingressar na graduação escolhida, a gente já estava dentro da universidade. O acesso no Brasil é, a meu ver, muito mais restrito, com um número de vagas limitado e pequeno, e com um vestibular pensado para quem fez a escola no Brasil, e para quem pode pagar um curso pré-vestibular. Senti que estrangeiros não eram bem-vindos na universidade pública brasileira e, por primeira vez, me senti excluída da possibilidade de continuar estudando. Hoje, ao lembrar desse sentimento, penso nas pessoas que estão excluídas desde cedo do sistema educativo por questões de raça, classe e/ou gênero; lembro do sacrifício que faziam meus avôs para ir à escola; penso no sacrifício que ainda tantas pessoas fazem, e na injusta exclusão das/os que não podem nem pensar na possibilidade de ir à universidade, porque ir à universidade nunca foi uma opção.

Logo de fazer o vestibular para psicologia na universidade pública e não conseguir a pontuação necessária para obter a vaga, tive o privilégio de conseguir um crédito educativo numa universidade privada e que meu companheiro, já graduado na UFRGS e com trabalho estável, pôde e quis pagar. Apesar de que nesse momento já era ciente do enorme privilégio que é ter a possibilidade de fazer uma graduação particular no Brasil, detestava estar novamente numa instituição católica da qual jamais me sentiria parte. Além disso, detestava a sensação, que me acompanhou até o final do curso, de que poderia ter que interromper os estudos a qualquer momento por questões financeiras.

Nos últimos anos da graduação, realizei estágios em escolas de educação infantil, retomando esse mundo de cadeiras pequenas, torneiras baixinhas e emoções intensas. Essas escolas também eram muito diferentes: uma era pública e situada na periferia e a outra era privada e localizada num bairro de classe média, ambas na cidade de Porto Alegre. Nesses estágios, utilizei os contos de fadas como intervenção para a promoção de saúde na escola, orientada por leituras de autoras/es oriundas/os da psicanálise. A contação não consistia em reproduzir uma história. Em cada encontro, eu acrescentava todos os comentários e desvios que as crianças faziam durante o momento da narração, criando junto com elas uma nova história, que estava sempre em movimento. Esses encontros fizeram-me refletir sobre a importância dos

momentos de criação e invenção nas instituições escolares, motivando-me a querer pesquisar sobre atividades que incorporem momentos de invenção, descobrimento de si e ampliação da subjetividade nas escolas.

Quando meu orientador, Luciano Bedin da Costa<sup>5</sup>, me falou sobre os encontros de filosofia que aconteciam há anos no turno inverso na EMEF Neusa Goulart Brizola, fiquei encantada. Ele já tinha criado um bom vínculo entre esta escola e a UFRGS através de outros projetos, como a ação de extensão universitária “Saberes Significativos: quando a universidade aprende com a escola e a escola aprende com a universidade” que aconteceu no ano 2016, e a publicação dos livros “Estátuas de Nuvens” e “Inspiradores de Mundos”, no ano 2017. Assim, em novembro de 2019 visitei a escola, conheci à professora Rita, que coordenava o grupo de filosofia, e a três das oito jovens que nesse momento o integravam. Fiquei muito motivada e ansiosa em começar a participar desses encontros filosóficos, que eu imaginava de uma potência infinita, e dei meus primeiros passos de mestranda nessa direção. Até que a pandemia chegou.

### 1.3 Apresentação da escola

A calçada da nossa casa, a rua, as casas dos vizinhos, a passagem de nível próxima, a avenida a duas quadras, também são pedaços da nossa intimidade. Vivemos sempre metidos numa paisagem, mesmo se não quisermos. E a paisagem [...] é o símbolo mais profundo, no qual fazemos pé, como se fosse uma espécie de escritura, com a qual cada habitante escreve em grande sua pequena vida<sup>6</sup> (KUSCH, 2000, p.191).

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Neusa Goulart Brizola está localizada numa zona periférica do bairro Cavalhada, zona sul da cidade Porto Alegre. A poucos metros da escola, encontra-se a Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis do Loteamento Cavalhada, local onde trabalham muitos familiares dos alunos da escola. A localização da escola também tem como particularidade sua proximidade com o Morro do Osso. De acordo com o site da Prefeitura de Porto Alegre<sup>7</sup>, o morro possui 220 hectares de área natural, das quais 127 constituem o Parque Natural do Morro do Osso (PNMO), criado em

---

<sup>5</sup> Doutor em Educação (UFRGS) e docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS).

<sup>6</sup> Tradução minha. Original em espanhol: “La vereda de nuestra casa, la calle, las casas de los vecinos, el paso a nivel cercano, la avenida a dos cuadras, también son trozos de nuestra intimidad. Vivimos siempre metidos en un paisaje, aunque no lo queramos. Y el paisaje, ya sea el cotidiano o el del país, no sólo es algo que se da afuera y que ven los turistas, sino que es el símbolo más profundo, en el cual hacemos pie, como si fuera una especie de escritura, con la cual cada habitante escribe en grande su pequeña vida”.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p\\_secao=158](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=158). Acesso em: 1 fev. 2021.

1994, que apresenta uma grande biodiversidade e resquícios de Mata Atlântica em meio dos bairros Cavalhada, Camaquã, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda e Ipanema.

Figura 1 - Foto de satélite com localização da área da escola. Google Maps, fevereiro de 2022.

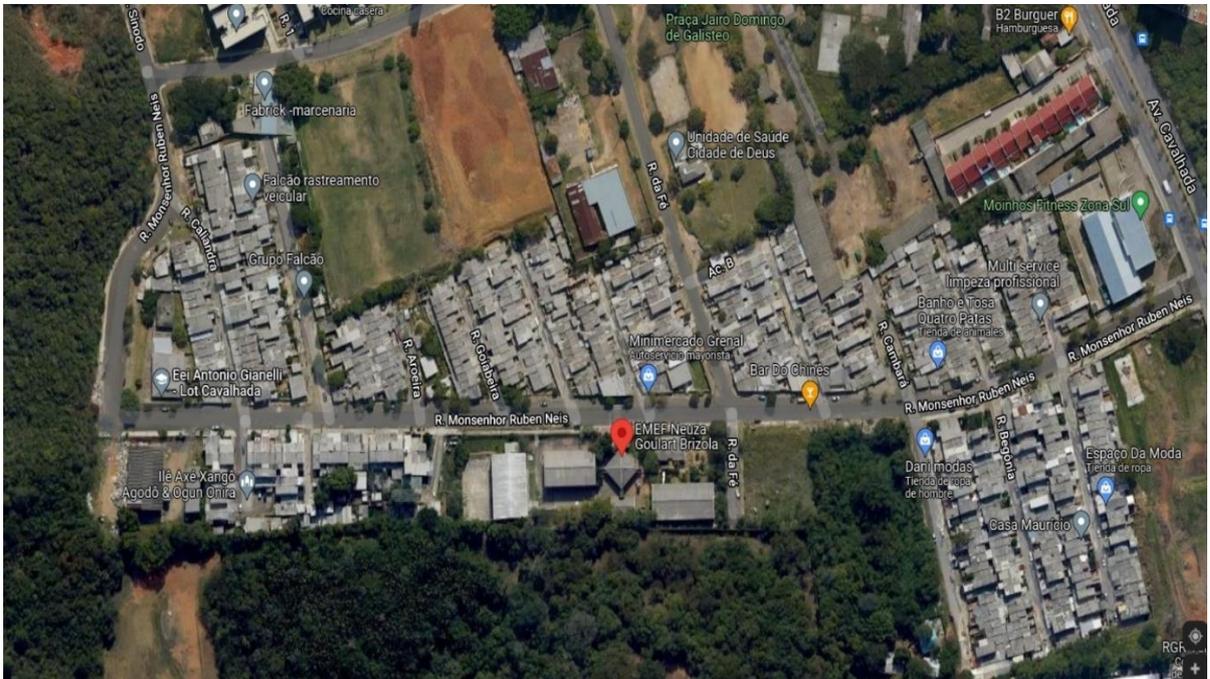


Figura 2 - Mapa da escola feito pelos/as alunos/as, exibido em corredor, entre a biblioteca e a direção. Acervo pessoal, outubro de 2022.



De acordo com um trabalho publicado em 2012 (FUHR; GERHARDT; KUBO, 2012), o PNMO foi resultado de mobilizações de ambientalistas e moradores da região que, desde final da década de 1970, tentavam garantir sua preservação. Em 2004, uma aldeia Kaingang<sup>8</sup> reivindicou a demarcação de uma terra indígena nesta área, lutando pelo reconhecimento, regularização e demarcação da Aldeia Topë pën. Na data em que foi publicado o trabalho mencionado acima, o processo ainda se encontrava em andamento, existindo uma polarização entre os que defendiam a manutenção no PNMO (incluindo a própria Prefeitura de Porto Alegre) e o povo Kaingang e seus aliados. Indígenas Kaingang afirmaram a presença de um cemitério ancestral no Morro do Osso, onde estão sepultados seus antepassados, tornando o morro um território de memória e enorme importância para a cosmologia e identidade Kaingang. Uma das explicações dadas para o nome do Morro do Osso é, precisamente, a presença de um cemitério indígena. Outra explicação é o fato de o morro ter sido usado para o jogo do osso<sup>9</sup>, já que desde a altura podia se observar a possível proximidade da polícia. Além disso, o Morro do Osso também abrigou quilombos de escravos, e prófugos de um presídio localizado nas proximidades (FUHR; GERHARDT; KUBO, 2012).

Um ensaio etnográfico que tem como foco o Loteamento Cavalhada, relata que

O Loteamento é uma vila de reassentamento da antiga Vila Cai-Cai, localizada até 1995 na Av. Beira Rio -próximo do Estaleiro Só- e atualmente realocada no bairro Cavalhada, na zona sul da cidade [...]. Os adultos, na sua grande maioria, possuem baixa escolaridade. Geralmente são mestiços de origem italiana e/ou açoriana, mas principalmente afro-brasileiros. Muitos ganham a vida como guardas noturnos, motoristas de ônibus, pedreiros, biscateiros, e operários intermitentes da construção civil. As mulheres, em boa medida, são faxineiras, domésticas ou simplesmente donas de casa. Alguns jovens completam suas rendas com o roubo ou com o envolvimento no tráfico de drogas na região [...]. A comunidade conta ainda com uma escola municipal (Escola de 1º e 2º Graus Neusa Brizola) e uma unidade sanitária (SILVEIRA, 2003, p. 148-149).

A descrição do Loteamento como um lugar em que a maioria é negra, tem baixa escolaridade, trabalha em atividades mal remuneradas, com jovens que roubam ou traficam drogas não nos surpreende. É a realidade do Brasil: pessoas não brancas tem menos acesso à educação, ganham menos, moram em periferias e estão mais expostas à violência desde cedo. Não só do Brasil, essa descrição poderia corresponder a qualquer periferia da América Latina, ou da América Latina, como propõe chamá-la Lélia Gonzáles. A partir da categoria de amefricaneidade, Lélia Gonzales (1988) busca reivindicar a influência negra na formação

---

<sup>8</sup> Maior população indígena do Sul do Brasil e uma das maiores do país.

<sup>9</sup> Jogo ilegal que envolvia apostas.

política-cultural do Brasil e do continente, invisibilizada e reprimida pela violência etnocida e racista que opera como herança do colonialismo europeu. O racismo latino-americano, que a autora classifica como racismo por denegação<sup>10</sup>, “é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento” (GONZALES, 1988, p. 73).

A descrição do Loteamento condiz com a descrição que fez a diretora da Neusa em um encontro virtual<sup>11</sup>, quando apresenta a comunidade onde se encontra a escola:

*Há casas populares, a maior parte dos moradores é muito carente, há muitos analfabetos, desorganização familiar, famílias com muitos filhos, muita mistura. Parece que todo mundo na comunidade são parentes. Há um galpão de reciclagem, muitas famílias trabalham ali e esse é seu sustento. Já foi referência mundial, mas ultimamente não. A verba total vem da prefeitura, mas a gente fornece material, pois muitos alunos não têm material nenhum. São crianças com muita energia, com muita vontade, com uma visão de mundo muito linda [...]. É importante que nossos alunos tenham uma visão de mundo diferente, porque eles vivem muito aqui dentro [...]. Muitas famílias não trabalham, vivem de bicos, bolsa família, muita gente no tráfico. A gente perde muitos alunos no tráfico, muitos (SORAIA, DIRETORA, ENCONTRO VIRTUAL, 2020).*

Como mencionei anteriormente, o galpão de reciclagem encontra-se a poucos metros da escola e ocupa um espaço importante na identidade da comunidade. Muitas docentes me perguntaram se tinha visto o galpão, e inúmeras vezes era mencionado por diferentes pessoas. Nos dias em que fui à escola, o galpão encontrava-se fechado, o que parece coincidir com a fala da Soraia supracitada, e de mais duas professoras que também me relataram que nos últimos anos a atividade do galpão tinha diminuído muito. Não sei dizer o motivo disso, nem quantos trabalhadores há atualmente. Na época do ensaio etnográfico de Silveira (2003), trabalhavam 13 recicladores e 31 recicladoras mulheres, todas/os residentes no Loteamento. Além do relato da Soraia, sabemos que ainda trabalham muitos/as familiares dos/as alunos/as pelo comentário da Eliane aos seus alunos/as em sala de aula:

---

<sup>10</sup> Em contraposição ao racismo de segregação explícita, que reforça a identidade racial (como é o caso do racismo que operou nos Estados Unidos).

<sup>11</sup> Encontro virtual da ação de extensão que irei descrever na seção “Apresentação da Ação de Extensão Carta ao Mundo que vem”

*Muitas pessoas vão e deixam todo tipo de lixo na porta, como se fosse uma lixeira. Ao invés de separar o lixo e ir jogar onde corresponde, jogam tudo ali na porta. Já pensaram nas famílias que moram nas casas frente ao galpão? E nas famílias dos alunos da escola que trabalham ali? (ELIANE, DOCENTE, DIÁRIO DE CAMPO, JUNHO DE 2021).*

Esta narrativa é muito significativa para compreender o território da escola. Nas minhas caminhadas ao redor da Neusa Brizola, me surpreendi com a enorme quantidade de lixo espalhado pelas calçadas. Há também a presença de muitas fezes de animais, e muitos cães soltos.

Figura 3 – Rua e casas próximas à escola. Acervo pessoal, junho de 2021.



Figura 4 - Calçada próxima à escola. Acervo pessoal, junho de 2021.



Seria hostil esse território? Um motorista de Uber que me levou até a escola, ao aproximar-nos do destino, me disse em tom de reclamação: “Tu tem que avisar antes quando é assim. Se eu soubesse não teria vindo” (DIÁRIO DE CAMPO, JUNHO DE 2021). Enquanto subíamos e descíamos ruas de terra, o motorista e eu ficamos em silêncio. O medo que ele sentia não era por nenhum acontecimento; era pela paisagem. “Quando é assim” significava: quando há lixo, cocô, sujeira, casas precárias em becos e ruas não asfaltadas. Aquela reclamação do motorista simbolizou a associação automática entre periferia, pobreza e violência que tanto assusta à classe média.

Porém, a primeira vez que fui pegar a lotação para voltar a casa, a professora Eliane, que me levou até a parada, disse que era tranquilo e seguro. Na segunda vez que fui pegar a lotação, um funcionário da escola fez a mesma afirmação, enquanto me assinalava até qual rua eu tinha que caminhar. Também senti outras docentes à vontade ao caminharmos juntas na rua. A percepção de quem habita o território é muito diferente da percepção de um visitante fugaz. Com o tempo, minha percepção também foi mudando, e tudo foi se tornando mais familiar: a escola, as ruas em volta, as pessoas, os cachorros e o cavalo branco comendo grama numa esquina vazia. Anos atrás, o Loteamento Cavalhada era um lugar mais violento e inseguro, conforme me contaram duas docentes durante uma conversa que tivemos na escola:

*A comunidade está muito mais tranquila nos últimos anos, mas antes era perigoso. Uma vez, o professor Joaquim<sup>12</sup> foi parado pelos traficantes quando vinha para a escola, levou um baita susto. Quando disse que era professor da escola, o deixaram passar sem problemas. Hoje está muito mais tranquilo, porque não tem mais briga entre traficantes, parece que ficou só um chefe”. Carla acrescentou: “eu venho muito devagar, já pensou se atropelasse sem querer uma criança ou um cachorro? Com certeza seria uma mulher morta (MARJU E CARLA<sup>13</sup>, DOCENTES, DIÁRIO DE CAMPO, JUNHO DE 2021).*

A narrativa mostra que fazer parte da Neusa é fazer parte da comunidade. Os traficantes deixaram passar o professor, ele gera confiança ou, talvez, respeito. Penso que esses sentimentos estão presentes não só porque são docentes dos seus filhos, irmãos etc., mas também pelas inúmeras vezes em que fizeram e fazem arrecadações para ajudar às famílias da comunidade. Arrecadações que requerem horas de trabalho voluntário e coletivo. Mesmo assim, vemos a partir da fala de Carla que precauções e inseguranças não estão excluídas do dia a dia de muitas docentes.

No início do meu mestrado, meses antes da pandemia, ia realizar minha primeira visita à escola quando as aulas foram suspensas porque alguns alunos entraram na escola de forma clandestina no final de semana, fato que teve uma grande repercussão na comunidade. Nesse momento não tive mais informação sobre o episódio, mas meses depois, em um encontro virtual com a professora Rita, coordenadora do grupo de filosofia, perguntei o que tinha acontecido. Ela relatou que três alunos e mais um menino da comunidade entraram na escola num final de semana, ordenaram as mesas e serviram comidas nos pratos do refeitório, estragando um monte de comida e material de limpeza. De acordo com a professora, “eles não sabem explicar até hoje por que fizeram aquilo ali” (RITA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, MAIO DE 2020).

Esse episódio de invasão e violência contra o patrimônio escolar e suspensão das aulas combinava perfeitamente com a ideia mais comum que se tem sobre as escolas públicas da periferia, ideia que eu também tinha. Porém, quando finalmente conheci a escola, levei uma surpresa. Percebi que era muito organizada e cuidada, tinha salas bem equipadas, amplas áreas

---

<sup>12</sup> Utilizo nomes fictícios para todas/os as/os alunas/os, mães, funcionárias/os e docentes que não participaram da ação de extensão, ou docentes que não foram consultadas/os sobre a utilização do seu nome verdadeiro, como é neste caso. Falo mais sobre o uso de nomes próprios e fictícios na seção “Percurso Metodológico”.

<sup>13</sup> Nome fictício.

verdes, professores engajados e com muitos anos de experiência e uma extensa formação de enorme qualidade, e alunos muito motivados que valorizam muito a escola. A surpresa não era só minha, pois o grupo de alunas da graduação em pedagogia que eu acompanhava<sup>14</sup> nessa primeira visita (anterior à pandemia) conversava com assombro sobre a motivação e bom comportamento das crianças durante a atividade, enquanto voltávamos para a FACED.

Provavelmente, isso tem a ver com a parceria preexistente entre a Neusa e a UFRGS, que gerou boas experiências na vida das/os alunas/os envolvidos nas atividades e projetos, e também na vida de quem fica sabendo da existência destes projetos. Em um encontro virtual, quando perguntei a Rita se achava que a filosofia com crianças e jovens contribuía para a transformação social, ela resgatou a importância do vínculo entre a escola e a universidade:

*O grupo mais antigo teve a expectativa de cursar uma universidade pública. Tem um menino que passou no vestibular de engenharia na UFRGS [...], duas meninas estão fazendo curso pré-vestibular para a UFRGS, outra menina está cursando história na UFRGS. Embora não seja uma transformação ampla, alguns não sabiam o que era a UFRGS, e hoje até os pequenos sabem o que é a UFRGS, eles querem participar dos projetos. Os maiores falam que querem terminar o ensino médio e fazer uma faculdade. No ano em que foi o colóquio de filosofia no Rio [...], juntamos dinheiro de rifas, brechó, e foram cinco alunos de avião, mas isso chegou a toda a escola (RITA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, MAIO DE 2020).*

Um ano depois, recebi uma mensagem da professora Rita sobre a importância que o colóquio e os projetos de filosofia tiveram na vida de um estudante, seguida de uma mensagem que o menino enviou para ela, que me contagiaram alegria e esperança:

*Oi Laura. Estou passando aqui para te contar algo que muito me alegrou. Gabriel<sup>15</sup> passou no vestibular da UFRGS para Publicidade e Propaganda. Fiquei emocionada, esse menino participou de todos os projetos de filosofia e se esforçou muito para passar, foi muito merecido. Estou feliz também com o reconhecimento dele, pela valorização dos projetos da filosofia (RITA, DOCENTE, DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL DE 2021).*

---

<sup>14</sup> Na primeira visita que fiz à escola, em 2019, eu estava acompanhando um grupo de alunas da pedagogia que tinham ido a realizar atividades com as crianças, para uma disciplina ministrada pelo meu orientador na FACED/UFRGS.

<sup>15</sup> Nome fictício

*Obvio que preciso agradecer, sora. Se não fosse pela senhora, eu não aprenderia um monte de coisas que sei hoje graças às aulas da senhora, os projetos que a gente fez e nossa viagem para o Rio de Janeiro, que me mostrou um horizonte que eu nem sabia que existia, que era possível. Nem tenho palavras para agradecer, de verdade. Muito obrigado por todos os ensinamentos, a senhora é uma das pessoas que faz parte dessa conquista. Obrigado sora.* (GABRIEL, ALUNO, DIÁRIO DE CAMPO, ABRIL DE 2021).

#### **1.4 Apresentação da ação de extensão “Carta ao Mundo que Vem”**

No primeiro semestre do meu mestrado, no final do ano 2019, fui convidada a iniciar um projeto junto com meu orientador e Luciana Caliman<sup>16</sup>, que mora em Portugal. O projeto tinha como objetivo criar dispositivos de troca (cartas, encontros virtuais e materiais audiovisuais) entre crianças, jovens e docentes de Portugal e Brasil. Pouco tempo depois se juntou a nós um pesquisador português, Tiago Almeida, e duas colegas do meu grupo de pesquisa Políticas do Texto, Tatiele Mesquita (mestranda) e Laura Pujol (doutoranda).

No início de 2020 começamos escrever este projeto, que inicialmente intitulou-se “(Di)Visões de Mundo”, para concorrer a um financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), ligada ao Ministério da Educação e Ciência de Portugal. A nossa proposta era trabalhar o tema da sustentabilidade pelo olhar das infâncias de Brasil e Portugal, através da metodologia cartográfica. Infelizmente não ganhamos o financiamento, mas este projeto continuou se desenvolvendo e atualmente se intitula “Infâncias e Sustentabilidades”.

“Infâncias e Sustentabilidades” encontra-se cadastrada na Plataforma Brasil<sup>17</sup> e já foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Conta com a participação de estudantes, docentes e pesquisadoras/es brasileiros e portugueses, por meio de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o Instituto Politécnico de Lisboa (IPL). Trata-se de uma pesquisa guarda-chuva, com duração de quatro anos, que continua com o objetivo de

---

<sup>16</sup> Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado de Rio de Janeiro (UERJ), professora adjunta convidada da Escola Superior de Educação de Lisboa, e professora do programa de pós-graduação em psicologia institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>17</sup> A Plataforma Brasil é um sistema eletrônico criado pelo Governo Nacional para sistematizar e unificar a projetos de pesquisa que envolvem seres humanos. Na Plataforma os projetos são analisados pelo sistema CEP/Conep, formado pela Conep (instância máxima de avaliação ética em protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos) e pelos CEP (Comitês de Ética em Pesquisa).

trabalhar a temática das sustentabilidades pelo olhar de infâncias que habitam lugares diferentes.

Nesta pesquisa guarda-chuva se inseriu a ação de extensão “Carta ao Mundo que Vem: Pensando a Sustentabilidade com Estudantes de Porto Alegre e Lisboa”. Esta ação de extensão objetivava a produção de uma carta coletiva que manifeste o pensamento crítico de estudantes de Porto Alegre e Lisboa acerca do mundo em que vivem e o mundo que imaginam depois da pandemia de Covid-19. A carta seria entregue aos gestores destas cidades pelas crianças e jovens participantes. Para conseguir essa produção, foram realizados encontros virtuais de frequência semanal entre agosto e dezembro de 2020. Neles participaram quinze docentes da EMEF Neusa Goulart Brizola, sendo três delas da equipe gestora, e cinco docentes da Associação Tempo de Mudar (ATM), sendo uma delas a diretora. A ATM é uma escola de educação infantil localizada no bairro dos Lóios, bairro periférico de Lisboa. Mesmo finalizada a ação de extensão, os encontros virtuais continuaram contando com a participação da maioria destas docentes e somaram-se docentes de outras escolas.

Durante estes encontros, as escolas vivenciavam momentos muito diferentes, no que diz respeito à política e, conseqüentemente, à pandemia. Sendo assim, no 2020 não foi possível escrever a carta pretendida, principalmente por causa da dificuldade de acessar aos estudantes da EMEF Neusa Goulart Brizola enquanto as aulas presenciais estavam suspensas. Entretanto, através da mediação das docentes, crianças de Portugal enviaram desenhos e escritas, que foram recebidos e respondidos por jovens do grupo de filosofia da Neusa. Além disso, as reuniões tornaram-se um espaço de conversa e reflexão entre docentes de nacionalidades diferentes que tinham muito a dizer sobre a situação das suas escolas, suas comunidades, seus países, e sobre a educação. Conversar, escutar, compartilhar experiências, preocupações e sentimentos foi especialmente importante em um ano em que estávamos sujeitos à incerteza e, em Porto Alegre, somava-se a triste convergência de governos de direita a nível nacional, estadual e municipal.

Participar nesses encontros foi fundamental na escolha do tema da minha pesquisa. Foi nessas reuniões que comecei a mergulhar na realidade da Neusa, iniciei um vínculo com as docentes, escutei suas angústias e os desafios que atravessavam para manter o vínculo com seus alunos e as famílias, além de sofrer a pressão do governo para retornar às aulas presenciais sem nenhuma garantia de segurança sanitária nem previsão de vacinação. Na breve retomada das aulas presenciais em 2020, poucas famílias enviaram suas crianças à escola, seguindo a

orientação das próprias docentes. Esse reencontro com a escola, depois de sete meses sem aulas presenciais, gerou um grande estranhamento, tanto nos alunos quanto nas professoras.

## **1.5 Objetivos**

Contagiada pelo estranhamento que gerou o reencontro com a escola, e diante do caminho que narro até aqui, revela-se a seguinte questão de pesquisa: Como está sendo o processo de retomada das atividades presenciais na Neusa Brizola, em relação aos processos de subjetivação das/os que fazem parte desta comunidade escolar?

### **1.5.1 Objetivo Geral**

Apresentar como foi a retomada das atividades presenciais na EMEF Neusa Goulart Brizola durante a pandemia de Covid-19 através narrativas de docentes, funcionárias/os, alunas/os e familiares, registradas a partir de conversas e entrevistas na escola (2021), e dos encontros virtuais da ação de extensão “Carta ao Mundo que Vem” (2020), além de imagens e relatos de experiências que vivenciei na escola.

### **1.5.2 Objetivos Específicos:**

Os objetivos específicos são (1) conhecer os desafios que as professoras e as/os alunas/os da EMEF Neusa Goulart Brizola enfrentaram para voltar à escola no contexto da educação pública brasileira em tempos de pandemia; (2) conhecer o cotidiano escolar da EMEF Neusa Brizola durante a retomada; (3) refletir sobre o processo de retomada a partir de conversas com docentes, estudantes, familiares e funcionárias/os; (4) problematizar a conversa como dispositivo vinculado à metodologia cartográfica de pesquisa e (5) problematizar o conceito “retomada”.

## **2 NOTAS SOBRE A PALAVRA RETOMADA**

O dicionário define a palavra retomada como “reconquista ou recuperação; ação ou efeito de retomar, de voltar a possuir” (RETOMADA, 2021). Na data em que escrevo esta frase, dia 29 de março de 2022, o Google apresenta 416.000 resultados para “retomada das aulas”, 273.000 para “retomada das aulas presenciais”, e 45.300 para “retorno presencial das aulas”. A

palavra “retomada” ganhou uma enorme popularidade para referir-se ao retorno das atividades escolares presenciais após sua suspensão pela pandemia de COVID-19, declarada pela OMS no 11 de março de 2020. Após esse dia, uma imensa sucessão de decretos municipais e estaduais passaram a determinar o fechamento e a abertura das escolas no decorrer do 2020 e 2021. O funcionamento da escola ganhou repentinamente uma grande atenção nas mídias, e converteu-se em foco de debates e disputas sociais. Além de informar a situação escolar conforme o momento e gravidade da pandemia, os noticiários também mostravam casos como o do jovem de quinze anos que todo dia subia no alto de uma árvore para melhorar o sinal de internet e assistir as aulas online<sup>18</sup>. Noticiado de forma romantizada, a situação desse aluno era exemplo do esforço que estava sendo para muitos estudar de forma remota, por falta de políticas públicas que garantam o acesso igualitário à educação.

A preparação para a retomada das aulas também foi acompanhada por uma enorme difusão de falas de especialistas em saúde, educação e desenvolvimento infantil que descreviam os prejuízos que as escolas fechadas estavam trazendo e trariam na aprendizagem, no desenvolvimento e na saúde mental de crianças e adolescentes. Muitas vezes, as falas e notícias sobre os prejuízos estavam apoiadas em estudos científicos de organizações internacionais<sup>19</sup>, que também anunciavam prejuízos econômicos, pois segundo um relatório publicado pelo Banco mundial, a Unesco e a Unicef (2021), a perda de aprendizado pelo fechamento prolongado das escolas e a falta de qualidade no ensino remoto, poderá fazer com que crianças e jovens de todo o mundo deixem de ganhar 17 trilhões de dólares ao longo das suas vidas.

Os dados de pesquisas e as falas de especialistas sobre os prejuízos que as escolas fechadas estavam trazendo à população infantil e adolescente começaram ser divulgados por apoiadores da abertura das escolas, como o movimento Lugar de Criança é na Escola, que surgiu no Rio Grande do Sul em fevereiro de 2021. Ao mesmo tempo, em oposição, o movimento Mães & Pais pela Democracia<sup>20</sup> (AMPD) defendia o fechamento das escolas, priorizando a preservação da vida e dando maior atenção à quantidade de pessoas contaminadas, às internações, e à enorme quantidade de mortes a nível local e nacional. Ambos os movimentos

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghtml> Acesso em: 3 abr. 2022

<sup>19</sup> Exemplos de notícias disponíveis em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/15/oms-alerta-para-prejuizos-no-fechamento-prolongado-de-escolas-durante-a-pandemia.ghtml> e em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/30/os-argumentos-de-quem-e-contra-a-favor-ou-esta-em-duvida-sobre-retomar-aulas-no-brasil-durante-a-pandemia.ghtml> Acesso em: 16 ago. 2022

<sup>20</sup> Movimento criado em 2018, em oposição ao projeto “Escola sem Partido”, que alegava a existência de doutrinação ideológica de esquerda nas escolas.

divulgavam seus posicionamentos nos seus perfis de Instagram, promovendo debates, lives e protestos.

No início da pandemia, Francesco Tonucci (2020) impactou-se com que todos chamem a expertos para dar dicas a pais e educadores, e ninguém se preocupasse por perguntar às crianças o que pensavam sobre a situação pandêmica. Ele pediu aos prefeitos que convoquem um “Conselho de Crianças”, e essas crianças expressaram três pontos básicos sobre a pandemia: a falta que sentiam dos amigos (o que não deve ser interpretado como sentir falta da escola, como alerta o pedagogo italiano); o prazer de passar tempo com seus pais (pois antes da pandemia, muitas crianças quase nem os viam); e disseram estar cansadas das tarefas virtuais<sup>21</sup>.

O primeiro ponto do Conselho das Crianças (a falta dos amigos), me trouxe uma lembrança. No 25º aniversário da EMEF Neusa Goulart Brizola, em abril de 2021, a escola pediu para toda a comunidade escolar mandar um vídeo, que seria publicado no Facebook da escola (fiquei muito feliz em ter sido convidada para mandar o meu). Quando estava assistindo os vídeos, percebi que todas as crianças falavam que do que mais tinham saudade era do recreio, de brincar, e dos amigos.

Para Tonucci, temos que aproveitar a pandemia para pensar uma nova escola, que atenda às necessidades da nossa sociedade, especialmente à diversidade. Na escola há crianças de culturas e línguas diferentes, crianças indígenas, crianças com deficiências, crianças de diferentes classes sociais, muitas delas sem acesso às tecnologias digitais. Uma educação democrática e eficaz tem que ser feita para diferentes, pois “com os mesmos textos para todos, pensados desde um ministério quase sempre na capital do país, a escola está deixando fora uma porcentagem enorme de alunos [...]. Quando começemos de novo temos que inventar uma escola que hoje não existe” (TONUCCI, 2020).

Além da ampla utilização da palavra retomada pela mídia e pela literatura científica para referir-se ao retorno às atividades escolares presenciais, esta palavra também é frequentemente utilizada para referir-se à reconquista das terras pelos povos indígenas. A liderança Kaingang Iracema explica que em português tem que falar a palavra “retomada”, mas na língua Kaingang usaria outras palavras, que traduz como “estou voltando para minha casa”. O texto que acompanha o vídeo de Iracema no Instagram @kaingangcanela, diz que “retomada

---

<sup>21</sup> É importante assinalar que as crianças mencionadas por Tonucci são europeias, e o cansaço das tarefas virtuais não representa a vivência das crianças de periferias latino-americanas.

é voltar para casa, reencontrar-se e reconstruir o território onde os antepassados nasceram, viveram e morreram. Não é qualquer terreno que importa, mas sim aqueles que guardam as marcas do passado e tem os meios para um futuro em que a cultura Kaingang possa permanecer através das gerações”<sup>22</sup>.

Numa reportagem<sup>23</sup>, a liderança Mbya-Guarani da Terra Indígena (TI) Tenondé Porã Karai Tiago dos Santos, diz a respeito das retomadas: "Não é que se diga 'vamos retomar para mostrar para o governo' ou 'vamos retomar porque senão vamos perder território'. Para os povos indígenas, retomadas são muito além disso. É o que a gente precisa para continuar em pé nesse mundo". Segundo ele, a decisão de retomar é guiada pelos espíritos dos seus ancestrais. Isto coincide com o exposto pelo Cacique Babau da TI Tupinambá de Olivença (no Sul da Bahia), na mesma reportagem: "Nós temos uma cultura ancestral e quem determina o que nós vamos fazer são nossos encantados. Eles é que definem como nós vamos andar". Babau também relata: "Vemos a retomada como uma oração. Um ritual de recuperar não só a terra, mas a nossa existência. Não nos referimos só ao território, mas a tomar na mão a vida que foi tirada".

Estas falas de indígenas de diferentes etnias nos mostram outro lado da palavra retomada, em que ganha destaque o processo de voltar para casa, de recuperação de um território ancestral e manutenção da própria existência. Como mostra Farias (2018), quem acompanhou a retomada de um território Mbya-Guarani na sua pesquisa de mestrado, quando se fala da retomada de um território, não se trata apenas da sua posse ou propriedade. A retomada que ele observou, lançou novos processos de subjetivação e agenciamentos nas pessoas e instituições envolvidas, produziu novos possíveis, e provocou a todos a retomar alguma coisa. Diferentemente dos brancos, para os guaranis suas terras não são comercializáveis, pois “as terras e as matas são, para esses povos, fontes de alegria e saúde, de sustento, de remédios e de troca com suas divindades. Sem suas terras, suas existências estariam comprometidas por inteiro” (FARIAS, 2018, p.22).

O sentido indígena de retomada como processo que produz novos possíveis lembra o conceito de *reclaim* utilizado pela filósofa Isabelle Stengers (2017), conceito que chegou até

---

<sup>22</sup> Instagram @kaingangcanela, publicação de 25 de agosto de 2021.

<sup>23</sup> Reportagem publicada no site de notícias “Brasil de Fato” em 14 de novembro de 2021, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/14/retomadas-em-todo-o-pais-indigenas-ocupam-suas-terras-ancestrais-ainda-que-sob-ataque>. Acesso em: 23 abr. 2022.

ela a partir de bruxas neopagãs contemporâneas, como Starhawk<sup>24</sup> e outros ativistas estadunidenses. A tradutora Jamille Pinheiro Dias, que escolhe traduzir *reclaim* como reativar<sup>25</sup>, fala numa nota de rodapé que “a história do termo passa pela ligação entre magia e espiritualidade e transformação social e política”, e que “o ‘reativar’ em jogo diz respeito não a um gesto nostálgico de repetição do passado, mas a ações e práticas situadas, norteadas pelo empirismo e pelo pragmatismo” (STENGERS, 2017, p.8).

Sztutman (2018) escolhe traduzir o termo *reclaim* como reativação ou retomada, e chama a atenção para sua conexão com as lutas indígenas, em que a retomada não se resume à recuperação de uma parcela de terra, mas se trata de um modo de existência que inclui, muitas vezes, a reativação de práticas mágicas. Sztutman reflete sobre o uso do termo *reclaim* em dois livros de Stengers: “A Feitiçaria Capitalista: Receitas para Quebrar Feitiço” e “No Tempo das Catástrofes”, onde Stengers discute as possibilidades de retomar “certas práticas marginalizadas e desqualificadas pelo mundo moderno-capitalista, como a magia e a feitiçaria, vendo aí modalidades de resistência política e possibilidades de recuperação de um comum” (SZTUTMAN, 2018, p. 339).

No primeiro livro (A Feitiçaria Capitalista), Pignarre e Stengers se inspiram na associação entre a gênese do capitalismo e a erradicação das práticas de bruxaria atribuídas às mulheres, e afirmam a necessidade de retomar técnicas de desenfeitiçamento que nos protejam do capitalismo, que não teria acabado com a feitiçaria, mas sim com os feiticeiros. Capturando as pessoas de forma imperceptível, o capitalismo emana feitiçaria por todos os lados; por isso é necessário retomar feitiços que possam nos proteger. Não se trata apenas de resgatar práticas, mas de criar contrafeitiços, novos rituais, novos possíveis que nos ajudem a resistir (SZTUTMAN, 2018).

No Tempo das Catástrofes, Stengers (2015, p.31) chama de “intrusão de Gaia” à reação brutal da terra contra “a brutalidade daquilo que a provocou, a de um ‘desenvolvimento’ cego às suas consequências [...]”. Este desenvolvimento cego, que ela chama de “transcendência capitalista”, se assemelha a “um poder de tipo ‘espiritual’ (maléfico), um poder que captura, segmenta, e redefine a seu serviço dimensões cada vez mais numerosas do que

---

<sup>24</sup> Escritora e ativista anarquista que se autodenomina bruxa, conhecida como teórica do neopaganismo e do ecofeminismo, muito mencionada nas obras de Stengers.

<sup>25</sup> A tradutora de “Reativar o Animismo” fala que o verbo *reclaim* também poderia ser traduzido como “reivindicar”, “recuperar”, “reformatar”, “regenerar” ou “reafirmar”.

constitui nossa realidade, nossas vidas, e nossas práticas” (STENGERS, 2015, p.31). Contra isso, é necessário aprender a compor com Gaia, retomar nossos vínculos com a terra.

Sobre os vínculos com a terra, o líder indígena e filósofo Ailton Krenak atenta que “quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista” (KRENAK, 2019, p. 33). Krenak já denunciava a destruição do planeta muito antes da pandemia, como efeito da separação que os brancos fazem entre a humanidade e a natureza, separação que não existe nem faz sentido no pensamento indígena.

Assim como a perseguição às bruxas e à feitiçaria, a perda dos vínculos com a terra também está relacionada com o surgimento do capitalismo. No final do século XV, na Europa, inicia uma crescente privatização de terras que anteriormente eram de uso comum. A privatização das terras comunais através de cercamentos, prejudicou enormemente às comunidades camponesas que, despojadas dos meios de subsistência, foram migrando às cidades e ficaram susceptíveis a se tornar mão de obra barata das indústrias nascentes. A associação entre os cercamentos das terras comunais e a acumulação primitiva do capital foi originalmente feita por Marx, mas seu trabalho não fez nenhuma menção às profundas transformações que o capitalismo causou na vida das mulheres nem à grande caça às bruxas dos séculos XVI e XVII, como aponta Federici (2019).

De acordo com a autora, o cercamento das terras comunais não só debilitou a situação econômica da população rural, mas também as relações de cooperação e sociabilização entre as pessoas, uma vez que festivais, jogos e reuniões eram realizados nestas terras. Dessa forma, o cercamento físico foi ampliado “por meio de um processo de cercamento social: a reprodução dos trabalhadores passou do campo aberto para o lar, da comunidade para a família, do espaço público (a terra comunal, a igreja) para o privado” (FEDERICI, 2019, p.163). Esse processo afetou especialmente às mulheres, pois nas terras comunais elas podiam trocar informações, ter um pensamento autônomo do pensamento masculino e se aliar contra um regime patriarcal cada vez mais opressor. Além disso, para as mulheres passou a ser muito mais difícil se sustentar, uma vez que não podiam se tornar soldados, nem ser trabalhadoras migrantes (qualquer vida nômade as deixava expostas à violência masculina), e tinham menor mobilidade pela gravidez e cuidado dos filhos.

As mulheres foram sendo confinadas ao trabalho reprodutivo e doméstico, que passou a ser visto como vocação natural, ficando invisibilizada sua função na acumulação do capital. Ainda de acordo com Federici (2019, p.294), a caça às bruxas cumpriu um papel fundamental na transição para o novo sistema, uma vez que “aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina de trabalho capitalista”.

Além disso, a caça às bruxas foi o principal meio utilizado pelo estado para destruir o controle que as mulheres tinham sobre sua função reprodutiva. A partir da crise demográfica dos séculos XVI e XVII<sup>26</sup>, o estado iniciou uma sequência de políticas pró-natalidade e um violento ataque a todas as formas de contracepção e de sexualidade não procriativa. Também a partir do século XVI, os governos europeus instituíram penas mais severas à contracepção, ao aborto e ao infanticídio, sendo este último castigado com maior severidade quando cometido por mulheres. As parteiras começaram a ser alvo de suspeitas de infanticídio por incompetência médica, o “que levou a entrada de médicos homens na sala de partos” (p.177). Dessa forma, a partir de meados do século XVI, o crescimento populacional, a procriação e o corpo das mulheres se tornaram assuntos de estado, a serviço da acumulação capitalista (FEDERICI, 2019).

Refletir sobre esses dados históricos nos alerta sobre as violências e as manipulações às que estamos expostas/os quando as relações coletivas são prejudicadas, como aconteceu quando as terras comunais foram privatizadas, e uma nova ordem social e econômica foi estabelecida, prejudicando especialmente às mulheres. Mas também nos mostra a força que têm (ou poderiam ter) as relações coletivas, e o perigo que podem representar ao poder dominante. O deterioro dos vínculos e a perda de um espaço comum onde pensar, socializar, se revoltar, festejar etc. é algo que, de certa forma, também aconteceu na pandemia de Covid-19, deixando nossas vidas nas mãos das decisões dos que têm o poder político e econômico. Assim como as retomadas indígenas, por um lado, e a retomada dos feitiços e os vínculos com a terra proposta por Stengers, por outro, a retomada cartografada nesta dissertação também trará consigo novos possíveis, novas práticas e novos modos de existência. As vivências que a pandemia trouxe à

---

<sup>26</sup> A diminuição da população na Europa, no século XVII, se deu por uma combinação de fatores. Está relacionada a Revolução dos Preços que chegou após a privatização das terras comunais, uma vez que uma grande quantidade de alimentos passou a ser exportada, aumentando o preço destes para a população local. Isto fez com que uma enorme quantidade de pessoas pobres morresse de fome e/ou doenças. “Também se considerou como fatores do declínio populacional a baixa taxa de natalidade e a relutância dos pobres em se reproduzir” (FEDERICI, 2019, p. 168).

comunidade escolar, o distanciamento do habitar tradicional da escola, seguido do processo de sua retomada, traz consigo reflexões que, por sua vez, ativam novas possibilidades. Uma reflexão interessante sobre a retomada foi feita pela vice-diretora:

*Nesse retorno está pensar o tipo de educação que a gente vem fazendo durante tanto tempo. O próprio reorganizar das salas onde os estudantes vão voltar, essas classes uma atrás da outra, esse monte de classes dentro de uma sala: será que a gente vai continuar dentro dessa perspectiva de educação, ou a gente vai dar outro rumo? Como a gente vai pensar sobre isso? Como o corpo de uma criança vai ficar quatro horas sentado numa cadeira, sendo que ele ficou um ano e meio estudando de uma outra forma? (GISLAINE, VICE-DIRETORA, ENCONTRO VIRTUAL, 2021)<sup>27</sup>.*

Outra reflexão importante sobre o papel da escola na retomada, que surgiu numa professora a partir da escuta das famílias, é a seguinte:

*A gente vê algumas famílias alheias de uma certa forma a isso tudo que está acontecendo. Uma questão de negar, uma questão de não ver uma importância da vacinação. São todas coisas que eu vejo que a gente enquanto escola precisa ir trabalhando. Eu vejo que a escola vai precisar retomar isso de alguma forma, de conseguir ser de novo um centro mais formador, nesse sentido de alcançar informação de qualidade para as comunidades. Eu não sei de que forma a escola vai poder fazer isso, mas nós vamos precisar movimentar isso de algum jeito. Não sei se através de reuniões, de seminários com as famílias, de ter uma outra forma de que essas famílias venham até a escola e a gente consiga dentro de uma outra atividade alcançar essas informações, com profissionais de outras áreas também que venham contribuir (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Como aponta Morel (2021), a relação entre negacionismo e extrema-direita existe há tempo, com pessoas financiadas por negar realidades como o aquecimento global, ou a própria pandemia de Covid-19. Mas o negacionismo popular, o negacionismo de quem não tira nenhum proveito ao negar uma realidade com muitas evidências, nos indica que o conhecimento científico deveria ser constituído junto com a população.

Não podemos desconsiderar que o elitismo e o colonialismo presentes na constituição das ciências modernas são fatores que colaboram para distanciar e gerar desconfiança

---

<sup>27</sup> Trecho de uma fala da Gislaine na minha qualificação de projeto de pesquisa do mestrado, realizada de forma virtual no dia 3 de maio de 2021, mesmo dia em que a EMEF Neusa Goulart Brizola retomava as atividades presenciais de 2021.

em parte da população. Para trazer um exemplo da área da saúde, mencionamos a Revolta da Vacina em 1904 no Rio de Janeiro. Mais do que um episódio ‘precursor’ do negacionismo, tal acontecimento demonstra como as políticas de saúde são distantes das classes populares, excluídas tanto de condições de vida dignas quanto do debate sobre os cuidados com seus corpos (MOREL, p. 6, 2021).

Nesse ponto vemos (novamente) a importância de resgatar uma vida comum, uma vez que o acesso à informação não é suficiente para que os conhecimentos científicos sejam reconhecidos pela população. E a escola, como pensa Eliane, é uma instituição com muita potência para movimentar experiências coletivas nas que a comunidade se envolve e confia.

### **3 PERCURSOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 O estranhamento e a confiança na pesquisa cartográfica**

Ao realizar esta pesquisa utilizei o método cartográfico, por se tratar de uma metodologia que destaca a dimensão processual dos fenômenos, incluindo os “desvios que podem se dar na alteração da demanda, na emergência do inesperado, nos deslocamentos que podem ser produzidos nas subjetividades que participam do estudo, [e] nos focos de invenção parciais que podem eclodir no processo [...]” (PAULON; ROMAGNOLI, 2010). Pesquisar o processo de retomada numa escola, com os processos de subjetivação que fazem parte dela, em meio a uma pandemia e a governos negligentes com a educação, foi desde o início um caminho imprevisível e cercado de incertezas. Uma metodologia que dê conta do inesperado foi essencial para a viabilidade da pesquisa.

Como a cartografia é comumente chamada de “pesquisa-intervenção”, surgiu-me a dúvida de se realmente eu estaria fazendo uma cartografia, pois eu imaginava que uma intervenção envolvia necessariamente a utilização de dispositivos como oficinas, grupos de discussão etc. Logo entendi que o caráter interventivo da metodologia cartográfica se refere à indissociabilidade entre conhecer e fazer; entre pesquisar e transformar a realidade. Nesse sentido, toda pesquisa é uma intervenção, “pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa” (PASSOS; BARROS, 2009, p.21). Dessa forma, a pesquisa cartográfica está atenta à produção de experiência que gera o próprio pesquisar, inclusive à produção de experiência que gera às/aos próprias/os pesquisadoras/es.

Outra característica importante da cartografia é que “objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar” e, portanto, “não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade” (PASSOS; BARROS, 2009, p.18).

A pesquisa cartográfica não é guiada por objetivos estabelecidos previamente, como acontece nas metodologias tradicionais. Os objetivos vão se traçando no percurso investigativo. Pensando na minha pesquisa de mestrado, construí meus objetivos estando já imersa no processo de pesquisa, mas, curiosamente, só fui perceber que a pesquisa estava de fato acontecendo uma vez que encontrei os objetivos. Talvez pela minha formação em psicologia, de viés clínico, tive muita dificuldade em começar a escrever sem metas pré-definidas, e em colocar em prática o que sabia sobre a cartografia na teoria. A espera por objetivos bem delimitados gerou travas na minha escrita, e a falta de escrita foi me gerando angústia, junto às incertezas que causava a pandemia: quanto demoraria a vida virtual? Teria que pensar uma pesquisa nessa modalidade? seria possível, no tempo do meu mestrado, ir à escola, conhecer pessoalmente às professoras, às crianças?

Mas a pesquisa tinha começado muito antes do surgimento dos objetivos. Meu primeiro vínculo com a escola aconteceu antes da pandemia, e foi através da professora Rita e o grupo de filosofia. Apesar de não ter seguido um caminho de pesquisa focado na filosofia com crianças e jovens, como pensava no início do meu mestrado, essa proximidade foi importante para conhecer a realidade da comunidade escolar, os projetos que aconteceram junto à UFRGS, e a importância da filosofia e do turno integral na escola. Não foi possível seguir esse caminho de pesquisa porque Rita iniciou seu processo de aposentadoria, e com a pandemia não parecia possível dar continuidade ao projeto sem ela. Além disso, pouco antes da pandemia começar, a prefeitura de Porto Alegre retirou os projetos do turno inverso, ou seja, o projeto de filosofia não teria mais espaço na escola. Por esses motivos, fiquei atenta e às situações que se entrelaçavam e que logo originaram meus objetivos, enquanto participava dos encontros da ação de extensão “Carta ao Mundo que Vem”<sup>28</sup>. Através desses encontros, conheci mais docentes da escola e a realidade que estavam vivenciando no primeiro ano de pandemia.

Num dos últimos encontros da ação de extensão a professora Eliane relatou o estranhamento dela e sua turma quando se encontraram com uma escola tão diferente. O seu relato estava acompanhado de fotos da sala de aula com quatro alunas/os realizando uma atividade sobre a pandemia, na primeira semana de retomada das atividades presenciais<sup>29</sup>. Me senti contagiada por esse estranhamento. Detida nessa cena, identifiquei minha atenção como

---

<sup>28</sup> A ação de extensão aconteceu de forma virtual de agosto a dezembro de 2020, e é descrita na seção intitulada “Apresentação da Ação de Extensão Carta ao Mundo que Vem”.

<sup>29</sup> Em 2020, a EMEF Neusa Goulart Brizola retomou gradualmente as atividades presenciais a partir do 28 de setembro, depois de quase sete meses com as atividades presenciais suspensas.

o tipo de atenção que Kastrup (2007, p.43) chama de “pouso”, que acontece quando “o campo se fecha, numa espécie de zoom” e se reconfigura, formando um novo território. Senti que devia mergulhar mais nos processos de produção de subjetividade que retomar esse território estava produzindo, e que o melhor que eu tinha a oferecer como produtora de conhecimento no contexto em que me encontrava, era acompanhar e registrar esses processos. A cartografia começa, então, estando imersa numa realidade de interesse, estranhamento e afetações coletivas.

Quando comecei ir à escola<sup>30</sup>, estranhamentos e afetações coletivas foram crescendo cada vez mais. Medo ao contágio e a o desconhecido, preocupação por seguir bem os protocolos, aprender a entender o que diziam as crianças com máscara (pois quando falavam baixinho era muito difícil compreender o que diziam), entender como era a nova rotina escolar. No início pensei que eram questões só minhas, mas ao conversar com as docentes percebi que compartilhavam muito do que eu sentia. Além disso, eu tinha minhas preocupações de pesquisadora. Em muitos momentos me sentia perdida na minha própria cartografia. Estou na escola, e agora? Como acompanho a retomada? Por onde e como devo transitar? Como entrar numa sala de aula? Quanto tempo é adequado ficar? Como me colocar para que as pessoas não se sintam observadas? Que perguntas são pertinentes e quais não? Como dizer quem eu sou e o que estou fazendo em poucas palavras? Como deixar de lado a sensação de estar sendo uma intrusa?

Cada pergunta convida a longas reflexões, mas acredito que o fio que costura todas as respostas tem a ver com a confiança, palavra na que encontramos (escondida) a criação conjunta: *con fiar*, fiar com, tecer com, como apontam Sade, Ferraz e Rocha (2013). Os autores e a autora afirmam que a pesquisa cartográfica se assenta na confiança na potência dos encontros que se dão no campo, nas alianças que, fundadas na confiança, nos lançam em trajetórias inventivas. Através da confiança, o lugar de pesquisador/a vai sendo diluído e a/o pesquisador/a passa a ser visto/a como parte integrante, apesar de ocupar um lugar diferenciado. É na confiança que se fundem os aspectos éticos e metodológicos da pesquisa cartográfica.

Olhando para esta pesquisa desde um momento em que já está, na sua maior parte, construída, vejo como ela foi costurada a múltiplas mãos com o fio da confiança desde o início.

---

<sup>30</sup> Em maio de 2021, fiz minha primeira visita à escola durante a pandemia, após poucos dias das aulas presenciais de 2021 terem iniciado para algumas turmas, e continuei indo uma vez por semana até final de julho, quando houve um recesso. Logo continuei indo a realizar entrevistas e participar de alguns eventos de forma esporádica.

Meu orientador confiou em mim ao me incentivar a me aproximar a uma escola com a que ele tinha um bom vínculo. Ele confiou em que eu não seria uma ameaça a esse vínculo. A equipe diretiva confiou ao me abrir as portas da escola e permitir que transite livremente por ela, e que conversasse com as docentes e funcionárias. As professoras também confiaram em mim ao me deixar aproximar às crianças, estar com elas na sala de aula, e aceitaram serem entrevistadas por mim. As crianças também confiaram: me fizeram muitas perguntas, me contaram histórias, me deram desenhos e comida de massinha.

### **3.2 Entrevistas cartográficas, conversas e o uso de nomes próprios**

A produção da confiança aumenta com o tempo e requer dispositivos de produção coletiva do conhecimento. Um desses dispositivos foi a ação de extensão, onde comecei a acompanhar o processo de retomada através dos encontros, quando as atividades escolares estavam suspensas e (mais para o final dos encontros) quando acontecia a transição à presencialidade. Nesses encontros surgiram importantes narrativas sobre a escola e a retomada, que registrei no meu diário de campo enquanto aconteciam. Compartilho algumas dessas narrativas no percurso da dissertação com a indicação “encontro virtual”.

Em 2021, após qualificar meu projeto de pesquisa e começarem as aulas presenciais em maio, de forma gradual, realizei treze visitas à escola com frequência semanal, de maio a julho. Nessas visitas, acompanhei a rotina escolar desde o ingresso de algumas turmas até sua saída, aproximadamente das 8h30 ao meio-dia<sup>31</sup>. Após cada visita, realizava registros no meu diário de campo de conversas com docentes, crianças e funcionárias/os, desenhos e fotos de atividades que as professoras compartilharam comigo, e cenas que me provocaram afetações. As conversas que registrei no diário de campo e compartilho na dissertação são fruto da minha memória, não foram gravadas como as entrevistas, nem as escrevi no momento exato em que aconteceram, como as narrativas dos encontros virtuais. Ao compartilhá-las, as destaco como “diário de campo”.

Além disso, realizei entrevistas cartográficas na escola, que foram gravadas no meu celular, em julho e agosto de 2021<sup>32</sup>. Entrevistei cinco docentes que participavam da ação de extensão, de forma individual; fiz outra entrevista à diretora e à vice-diretora juntas, que

---

<sup>31</sup> As turmas chegavam e saíam com certo intervalo de horário para evitar aglomerações.

<sup>32</sup> Com exceção da entrevista à professora Rita e a um funcionário dos serviços gerais, que foram entrevistados em outubro.

também participaram da ação de extensão. Também em conjunto, entrevistei cinco funcionárias da cozinha; fiz duas entrevistas individuais a duas mães de alunas da escola, uma delas também entrevistada em relação a sua experiência como funcionária dos serviços gerais da escola, e mais uma entrevista individual a outro funcionário dos serviços gerais. Essas entrevistas aconteceram na escola, em dias e horários combinados previamente com as/os entrevistadas/os. Foram no total dez entrevistas, que contabilizam, entre todas, aproximadamente oito horas de conversas, que logo da sua transcrição se converteram em quase cem páginas. Cada entrevista durou entre vinte minutos e duas horas. Quando compartilho um relato extraído de uma entrevista, coloco junto a ele “entrevista cartográfica”.

Utilizo o nome verdadeiro das docentes, diretora e vice-diretora porque elas participam da pesquisa maior “Infância e Sustentabilidades”<sup>33</sup>, que passou pelo Comitê de Ética. Todas decidiram manter seu nome verdadeiro quando perguntei se queriam mantê-lo ou preferiam um nome fictício. Logo de finalizar as visitas e entrevistas, lamentei não ter ido atrás das burocracias necessárias para poder utilizar os nomes verdadeiros de todas as pessoas que menciono. Por não ter feito isso, utilizo nomes fictícios para me referir a todas/os as/os participantes que não participam dessa pesquisa maior. Concordo com Vinciane Despret (2011) em que o anonimato nas pesquisas gera um “efeito sem nome”. Sob o pretexto de proteger e dar confiança às pessoas que entrevistamos, ao utilizar o anonimato induzimos a assimetria de papéis entre pesquisadores e pesquisados:

Apagando o nome é que se cria a posição de “sujeito” de uma pesquisa – eu entendo aqui “sujeito” no sentido em que a psicologia o designa, isto é, “qualquer um” definido por sua posição de profano em uma experiência. Em outros termos, é apagando o nome que se constrói a assimetria entre o profano e o expert, é apagando o nome que se constrói a postura particular daquele que deverá assumir o papel de pesquisado diante daquele que se define, no mesmo gesto, como expert. De qualquer maneira, o anonimato exerce um papel essencial no dispositivo sob a forma de uma indução que transborda amplamente aquela de um “sinta-se livre para dizer tudo o que você quiser” inclusive de um “fale sem medo” que se dá como motivo: seja livre, realmente, suas palavras não terão qualquer consequência (DESPRET, 2011, p.20).

Ao dar a entender às/aos participantes que suas palavras não terão qualquer consequência, as/os excluímos totalmente da produção de conhecimento, apoiando a ideia de que a produção de conhecimento é individual e as pessoas no campo de pesquisa são trocáveis, substituíveis, o resultado seria o mesmo se fossem outras, pois os créditos da produção pertencem só a quem escreve o trabalho acadêmico. Despret (2011) traz como exemplo uma

---

<sup>33</sup> Na seção “Apresentação da Ação de Extensão Carta ao Mundo que Vem” falo da pesquisa “Infância e Sustentabilidades”, e como eu me inseri nela.

pesquisa na que entrevistou refugiados, e entende que ao falar “um refugiado me disse”, ou “os refugiados”, as pessoas se convertem numa massa anônima com uma identidade que não escolheram. Concordando com a autora, quando trago frases de pessoas que não participaram da pesquisa maior e, portanto, não posso utilizar seus nomes verdadeiros, tento evitar me referir a elas como “uma criança” ou “uma docente” e, ao invés disso, utilizo um nome fictício. Acredito que a utilização de nomes fictícios é uma forma de reduzir o “efeito sem nome”, uma forma de não retirar as palavras da/o sua/seu dona/o quando não se lhe fez assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como mencionei anteriormente, para registrar cenas e conversas das visitas e das reuniões virtuais, utilizei o diário de campo, ferramenta que se tornou essencial na minha pesquisa. A função do diário de campo, como afirmam Barros e Kastrup (2009, p.70), é “transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer”. Os relatos no diário de campo incluem tanto informações objetivas e precisas quanto impressões que surgem após as visitas e atividades no campo de pesquisa. As autoras alertam que a escrita do relato não deve ser um mero momento burocrático para registrar informações que se consideram importantes, mas uma possibilidade de retornar à experiência de campo e falar de dentro dela, mantendo a processualidade e a dimensão coletiva na própria escrita.

Em relação às narrativas que compartilho ao longo da dissertação, surgiu-me uma questão: há diferença entre as narrativas que surgiram em conversas e as que foram extraídas de entrevistas? Tedesco, Sade e Caliman (2013), num artigo sobre a entrevista na pesquisa cartográfica, questionam se não estaria já acontecendo uma entrevista nas conversas informais com as pessoas no campo de pesquisa, o que gera a pergunta sobre qual é o início e o término de uma entrevista<sup>34</sup>. Estas questões não são respondidas no artigo, mas levantadas ao final, e têm a ver com a proximidade entre a entrevista cartográfica e a conversa. Essa proximidade reside em que na entrevista cartográfica, ao igual que nas conversas, é necessário acompanhar a processualidade do relato, uma vez que não se trata de fechar-se aos dados informacionais, mas estar aberta ao processo que está em jogo, à produção de experiência que gera a própria entrevista. Atentar-se aos desvios, silêncios, gestos, olhares, ruídos, imprecisões, variações da fala, torna a entrevista cartográfica mais parecida ao diálogo na clínica, do que a uma entrevista jornalística que busca informação (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p.307). Dessa forma,

---

<sup>34</sup> Penso que também é interessante ampliar essa pergunta à seguinte: quando inicia e quando termina uma pesquisa cartográfica?

ao realizar as entrevistas não priorizei receber respostas, senão o diálogo em si mesmo, as reflexões e sentimentos que minhas perguntas geravam, os acontecimentos que surgiam durante as entrevistas, os movimentos, as paisagens, os afetos. Até as remarcações de horário para me receber e as entrevistas que não puderam ser por falta de funcionárias, geraram significados.

No meu ver, a semelhança entre a entrevista cartográfica e a conversa mostra que ambas são igualmente importantes na produção de realidades e conhecimentos. Talvez sua diferença seja que na entrevista houve o planejamento de um roteiro de perguntas, e as conversas costumam ser mais espontâneas. Na entrevista também há uma gravação ou uma escrita simultânea, que geralmente não acontece nas conversas. Por esses motivos coloco destaques diferentes em uma e outra, pois nas conversas há interferência da minha memória, diferente das entrevistas, que foram gravadas e transcritas. Penso nas perguntas que realizei como disparadoras de um assunto de conversa, e não como perguntas que esperam uma resposta pré-determinada. Em todas as entrevistas surgiram desvios, tanto nas respostas quanto na formulação de novas perguntas. Em todas surgiram acontecimentos e emoções inesperadas, que aumentaram a potência do encontro e, portanto, também da entrevista. As perguntas orientadoras de conversa foram as seguintes:

Figura 5 - Roteiro para entrevista com mães

<p><b>Dados de identificação:</b> Nome / Nome da filha e em qual série se encontra / Ocupação</p> <p>No cenário da escola diante da pandemia,</p> <p>A) Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo esse ano? Quais são os maiores desafios, dificuldades?</p> <p>B) Houve/há apoio entre famílias? Criaram algum grupo de pais nas redes sociais?</p> <p>C) Como tu vê o papel a gestão municipal no que diz respeito da retomada das aulas presenciais em 2020 e 2021?</p> <p>D) Como tu percebeu os desafios das professoras no ano passado e nesse ano?</p> <p>E) Como tu percebeu os desafios das crianças no ano passado e nesse ano?</p> <p>F) Como tu achas que a sociedade está compreendendo o lugar da escola?</p> <p>G) Como tu achas que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?</p>
--

Figura 6 - Roteiro para entrevista com docentes e funcionárias/os

**Dados de identificação:** Nome / Função exercida na escola / Caso seja professora, com quais turmas trabalha / Formação / Caso seja professora, tempo de trabalho com educação / Tempo de trabalho na EMEF Neusa Goulart Brizola

No cenário da escola diante da pandemia,

- A) Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo em 2021? (maiores desafios; caso seja professora: que tiveram em conta ao dividir os grupos de cada turma e como está sendo o acompanhamento de quem não está no presencial?)
- B) Sentes falta/saudade de algo?
- C) Tem algo que aches positivo ou que gostarias que se mantenha após a pandemia?
- D) Como tu vê o papel da gestão municipal no que diz respeito ao teu trabalho na escola?
- E) Como se deu o apoio pedagógico (caso seja professora) e emocional neste período? De onde veio?
- F) Como tu percebes os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?
- G) Como tu achas que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia?
- H) Como tu achas que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?
- I) Poderias compartilhar algumas experiências que aches interessantes?

Sade, Ferraz e Rocha (2013) alertam que, muitas vezes, entrevistador e entrevistado têm fortes concepções sobre o que é uma entrevista, o que se quer ouvir e o que se deve ou não falar. Aqui entra em cena, novamente, a importância da confiança na relação entre entrevistador e entrevistado. É ela que favorece (ou não) uma relação criativa com a experiência, um aumento da potência de agir. Ao finalizar a entrevista com a professora Gabriela (2021), após eu agradecer o seu tempo, ela me disse:

*Foi muito bom. É bom, tu me faz pensar. Eu não tenho resposta para tudo, mas me faz refletir. E sendo muito honesta, Laura, não tenho preocupação nenhuma em ser educada, no sentido de dizer aquilo que seria bonito ouvir de uma professora. Porque não dá para romantizar essa profissão; também não dá para demonizar. Eu gosto, mas tenho um cansaço de tudo...*

Também senti nas outras entrevistadas a confiança em expressar o que realmente sentiam e pensavam. Talvez tenha ajudado que no início das entrevistas, eu avisava que iria gravar porque não conseguiria lembrar de tudo, nem escrever tudo no momento, mas que se

surgisse alguma fala que não gostariam que seja compartilhada, podiam me dizer, e eu não compartilharia. No entanto, ninguém solicitou a retirada de nenhuma fala, e as entrevistas se constituíram em momentos de conversa e reflexão sobre assuntos de interesse comum.

Em 2021, fui convidada a escrever um texto junto à mestranda Tatiele Mesquita Corrêa e à doutora Bruna Moraes Battistelli, colegas do grupo de pesquisa Políticas do Texto, sobre a importância do verbo conversar em nossas pesquisas acadêmicas. O convite foi feito pelo Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC) da UFRGS, que planeja a publicação de um ebook em 2022 com verbetes que acompanham o pesquisar. Escolhemos escrever sobre o verbo conversar porque as três acreditamos na potência da conversa, que tem sido especialmente importante para manter a continuidade das nossas pesquisas nos anos pandêmicos. O texto que escrevemos manteve um tom conversadeiro, que tento também manter na escrita da minha dissertação.

A forma como escrevemos, como conversamos com as/os leitoras/es, é política. Escrever partilhando conversas e mantendo um tom conversadeiro ressalta a produção coletiva do conhecimento, além de contemplar um/a leitor/a não universal, que pode não fazer parte da academia, ou viver uma realidade totalmente diferente da minha. Concordo com Paulo Freire (2014 p.7) em que “a vivacidade do discurso, a leveza da oralidade, a espontaneidade do diálogo, em si mesmos, não sacrificam em nada a seriedade da obra ou a sua necessária rigorosidade”, pensando como obra a pesquisa. Acredito que a conversa é um elemento que atravessou e determinou a minha pesquisa do início ao fim. Conversas com colegas, orientador, coorientadora, professoras da minha banca de qualificação; conversas com docentes, funcionárias/os, alunas/os e mães da escola que protagoniza esta pesquisa; conversas com autoras/es que li e conversas comigo mesma, foram imprescindíveis para a criação da dissertação.

Defendendo a conversa como caminho para uma pedagogia que busque estimular o pensamento crítico, bell hooks (2000) aponta que “aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva” (HOOKS, 2000, p.81). Ela conta que suas ideias sobre o conversar surgiram, precisamente, a partir de conversas com outro educador, quando se deparou com a impossibilidade de encontrar o limite entre suas ideias e as dele. Isso a fez refletir sobre a natureza democrática do aprendizado por meio da conversa, em contraposição à frequente competição acadêmica pela propriedade das ideias. Além disso, ela aponta que pessoas de todas

as raças, classes e gêneros se envolvem em conversas, e é a partir de conversas que chega até nós a maior parte do conhecimento que adquirimos.

#### 4 A RETOMADA EM 2020

*“eu quero fazer colorido, pelo menos a gente fica mais alegre”*

*Guilherme<sup>35</sup>, aluno do 5º ano*

No Brasil, e na maioria dos países do mundo, as atividades escolares presenciais foram substituídas pelo ensino remoto em março de 2020. Pouco tempo depois de ter iniciado o ano letivo no Brasil, no dia 16 de março, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2020a) e o Governo do Rio Grande do Sul (2020a) decretaram a suspensão das aulas presenciais. Ao dia seguinte, 17 de março de 2020, o Ministério de Educação decretou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais (BRASIL, 2020). Nesses decretos, a previsão de retomada das atividades de ensino presenciais era para o mês de abril, mas em função do agravamento da situação pandêmica, a retomada foi se prorrogando.

Em maio, o Governo do Rio Grande do Sul (2020b) instituiu o Sistema de Distanciamento Controlado para fins de prevenção e de enfrentamento à pandemia. O sistema estabeleceu quatro níveis de restrições segundo o grau de risco em cada região do estado, representados por quatro cores de bandeiras: amarela, laranja, vermelha e preta. Em todas as bandeiras há protocolos obrigatórios a serem respeitados, mas os critérios específicos de funcionamento dos diferentes setores econômicos variam em cada bandeira<sup>36</sup>. Em agosto, o governador Eduardo Leite estabeleceu a cogestão do Sistema de Distanciamento Controlado com os municípios, que poderiam adotar protocolos distintos aos da bandeira na qual estavam classificados. O protocolo criado em cada associação regional poderia ser adotado se 2/3 dos prefeitos de cada região o aprovassem, e se estivesse apoiado em evidências científicas, de acordo a critérios epidemiológicos e sanitários (RIO GRANDE DO SUL, 2020c).

---

<sup>35</sup> Nome fictício.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://distanciamentoccontrolado.rs.gov.br/>. Acesso em: 3 Abr. 2021.

Também no mês de agosto, o governador do estado apresentou uma proposta de retorno às aulas gradual e escalonado, iniciando com o ensino infantil no dia 31 do mesmo mês. Para retomar as atividades presenciais, as instituições de ensino deviam se encontrar em regiões que estiverem sob bandeira amarela ou, há duas semanas consecutivas, sob bandeira laranja. A decisão final sobre o retorno e as datas dele cabiam aos municípios. Uma pesquisa realizada pela Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (FAMURS), mostrou que a proposta foi rejeitada por 93,75% dos prefeitos do estado<sup>37</sup>. Assim, o calendário que autorizava as atividades presenciais de ensino adiou-se. Foi publicado em decreto que a autorização para o retorno presencial iniciaria no dia 8 de setembro com a educação infantil, continuando gradativamente até o dia 12 de novembro para os anos iniciais do ensino fundamental. O retorno não era obrigatório, as famílias podiam decidir se enviar seus filhos à escola ou não (RIO GRANDE DO SUL, 2020d).

Em função do alto índice de contaminação e mortes pela Covid-19 que acontecia no estado nesse momento, o retorno às aulas proposto pelo governo continuou sem ter boa adesão entre os prefeitos, as docentes e as famílias. O presidente da FAMURS manifestou a falta de estrutura para que os protocolos de segurança sanitária sejam cumpridos, e que o governo estava jogando a responsabilidade para cima dos municípios, para justificar o retorno da educação privada. Além disso, acusou o governo de deixar para os municípios o “experimento” de voltar às aulas, correndo o risco de contaminação, enquanto a rede estadual teria mais de um mês para retornar, podendo mudar a data de acordo a o que acontecesse com o retorno dos municípios<sup>38</sup>.

O Centro dos Professores do Estado do RS (CPERS) realizou uma pesquisa através de questionários online entre os dias 27 de julho e 12 de agosto de 2020, obtendo 3000 respostas da comunidade escolar (equipes diretivas, docentes, funcionários, pais e alunos) de 730 escolas estaduais. Destas, 1,7 mil foram consideradas válidas. Os questionários foram consolidados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), que identificou que ao menos 142 escolas tiveram profissionais que contraíram covid-19 durante plantões para atender à comunidade, entregar ou receber trabalhos e realizar tarefas

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/08/18/retorno-de-aulas-presenciais-e-rejeitado-por-mais-de-90-dos-prefeitos-gauchos>. Acesso em: 4 abr. 2021.

<sup>38</sup> Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/09/famurs-critica-volta-as-aulas-e-diz-que-governo-do-estado-deixa-experimento-na-mao-de-prefeitos-ckekbgz2o00030137a8gg97yf.html>. Acesso em: 4 abr. 2021.

administrativas, antes das aulas retornarem<sup>39</sup>. Outros dados importantes extraídos a partir das respostas a esse questionário, mostraram que 70% não recebeu máscara para realizar os plantões, 81% das direções afirmaram que não tinham o número adequado de funcionários para realizar a higienização, e 70% não tinha o espaço físico suficiente para manter a ventilação e distanciamento necessários. Além disso, 84% das famílias responderam que não pretendiam mandar os filhos à escola antes da vacina<sup>40</sup>.

Após duas semanas consecutivas com bandeira laranja, a prefeitura de Porto Alegre (2020b) autorizou o retorno às aulas presenciais, em decreto publicado em 16 de outubro. Antes disso, já tinham sido autorizadas algumas atividades. De acordo ao calendário divulgado pela Secretaria Municipal da Educação (SMED)<sup>41</sup>, o retorno iniciava no dia 28 de setembro com a alimentação da educação infantil e atividades de apoio e adaptação, avançando gradualmente até o 3 de novembro com o retorno do ensino fundamental, especial, primeiro e segundo ano do ensino médio, e atividades de turno inverso. Por último, o ensino superior retornaria no dia 23 de novembro. Dessa forma, a EMEF Neusa Goulart Brizola retomou gradualmente as atividades presenciais a partir do 28 de setembro, depois de quase sete meses da sua suspensão.

Pouco tempo antes disso, na ação de extensão “Carta ao Mundo que Vem”, a ATM (que tinha retomado as atividades presenciais no mês de maio) compartilhou um vídeo de apresentação da escola, onde vimos crianças brincando, se abraçando e ficando muito próximas. Além disso, as docentes tiravam suas máscaras ocasionalmente para que os bebês pudessem ver seus rostos. No nosso lado do mundo, uma escola com abraços e flexibilidade no uso da máscara parecia muito distante. No vídeo de apresentação da EMEF Neusa Goulart Brizola, duas meninas do grupo de filosofia mostraram a escola. Foram mostradas fotos de anos anteriores, mas também do momento atual, com a escola vazia. Quando uma das meninas apresentava o saguão, “onde acontecem a maioria dos encontros, das apresentações, a chegada na escola, a saída, o recreio”, sua colega acrescenta que ali “nunca estava vazio, até começar a pandemia; sempre tinha gente, sempre tinha alguém, sempre” (ALINE E ISADORA<sup>42</sup>, ALUNAS, MATERIAL AUDIOVISUAL, 2020).

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/09/01/covid-19-ja-chegou-a-142-escolas-estaduais-no-rs-aponta-pesquisa>. Acesso em: 6 abr. 2021.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/08/13/cpers-apresenta-pesquisa-sobre-volta-as-aulas-presenciais-no-rs-em-agosto-muito-cedo.ghtml>. Acesso em: 6 abr. 2021.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/coronavirus/volta-aulas>. Acesso em: 2 abr. 2021.

<sup>42</sup> Os nomes de alunas/os, mães, funcionárias/os ou docentes não registrados na pesquisa Infâncias e Sustentabilidades, são nomes fictícios.

A fala das meninas, as imagens do saguão e do refeitório vazios, causaram-me angústia, inquietações e perguntas: Como estaria sendo esse tempo sem escola para os alunos? Que estariam fazendo as crianças e os jovens? como seria voltar à escola, depois de tanto tempo? Do que teriam mais saudade? Para as docentes, pensar no retorno gerava medo e insegurança, conforme expressavam nas reuniões:

*Estamos vivendo uma situação de tensão para abertura das escolas pelas autoridades, embora os casos de contaminação estejam em alta. Estamos, enquanto categoria, tentando preservar tanto as comunidades quanto os profissionais da escola. Lembrando que nossa Escola é Municipal, este ano tem eleições e as decisões da Prefeitura estão atravessadas por vários interesses políticos, eleitores<sup>43</sup> (CLAUDIA<sup>44</sup>, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2020).*

*A insegurança e o medo devem-se ao fato de termos homens tiranos no poder, tanto na Prefeitura como na Secretaria de Educação, que pouco se importam com crianças e educadoras (GABRIELA, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2020).*

*Como a gente faz escola sem se transformar numa clínica, num hospital? Como a gente vai dar conta do currículo, que garante que as crianças se desenvolvem e aprendem brincando? [...]. Aqui em Porto Alegre não temos documentos que orientem o currículo, as únicas orientações são sanitárias. Muito triste e frustrante (GISLAINE, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2020).*

O ensino remoto também era muito triste e frustrante. A falta de acesso à internet e às tecnologias digitais, muito comum nas zonas urbanas periféricas, fazia com que a maioria dos alunos não conseguisse dar continuidade aos estudos. A desigualdade social e educacional no Brasil impossibilitava que todos os estudantes possam desenvolver atividades pedagógicas através do ensino remoto. Segundo um relatório da United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF) divulgado em agosto de 2020, pelo menos um terço das crianças em idade escolar em todo o mundo (463 milhões de crianças, da pré-escola até o ensino médio) não conseguiu acessar o ensino remoto após o fechamento das suas escolas (UNICEF, 2020a). De acordo com dados coletados entre outubro de 2019 e março de 2020, no Brasil, 4,8 milhões

---

<sup>43</sup> A eleição municipal da cidade de Porto Alegre aconteceu nos dias 15 de novembro (primeiro turno) e 29 de novembro de 2020 (segundo turno).

<sup>44</sup> Nome fictício.

de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos (17% dessa população) não possuem acesso à internet nos seus domicílios, e 11% delas não é usuária de internet, ou seja, não acessa a rede nem em casa nem em outros lugares (UNICEF, 2020b).

Uma pesquisa sobre a educação na pandemia em Porto Alegre, realizada pelo Comitê Popular Estadual de Acompanhamento a Crise Educacional no RS e a Associação Mães & Pais Pela Democracia, coletou dados entre os dias 23 e 28 de julho através de um questionário online, envolvendo mais de 2000 pessoas, familiares e educadores da rede básica pública (municipal e estadual) e privada<sup>45</sup>. Os resultados revelaram que 53% das famílias tiveram a renda diminuída e 27% estavam em situação de desemprego; 22% das famílias relataram deixar os filhos sozinhos em casa, e 13% os deixam com familiares, amigos ou vizinhos maiores de 18 anos. Outros dados importantes mostraram que 59% dos alunos das escolas estaduais e 47% das municipais têm computador, enquanto na rede privada mais de 96% dos estudantes possuem computadores. Nas escolas municipais, apenas 14% dos estudantes têm banda larga em casa, e 20% na rede estadual, enquanto na rede privada a porcentagem aumenta para 49% dos estudantes.

As docentes da EMEF Neusa Goulart Brizola relataram que no início da pandemia, sem receber orientação nenhuma, criaram grupos de Facebook por turmas para manter a conexão com as famílias, prepararam atividades impressas e marcaram datas para que as famílias retirem o material. Em junho, a prefeitura iniciou a implantação da plataforma CórTEX, ferramenta digital para o ensino remoto<sup>46</sup>. Entretanto, a gratuidade da internet só foi oferecida pela prefeitura no final de agosto<sup>47</sup>. Até outubro, metade dos alunos nunca tinha acessado à plataforma digital, que era “muito mais de gestão e controle do que pedagógica” (GISLAINE, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2020), e a maioria dos estudantes não dava retorno às atividades.

Nas reuniões, cada vez que as docentes portuguesas ligavam o microfone, escutava-se barulho de escola: gritos, choros e risadas de crianças. Eu pensava como se sentiriam as docentes daqui, há tantos meses sem ouvir e sentir isso. Imaginava que além do medo e as

---

<sup>45</sup> Disponível em:

[https://docs.google.com/document/d/1b3kPNu8ecd\\_Y2HErHRmGPOwbghbWst4ONpeQQin2UvA/edit](https://docs.google.com/document/d/1b3kPNu8ecd_Y2HErHRmGPOwbghbWst4ONpeQQin2UvA/edit). Acesso em: 4 abr. 2020

<sup>46</sup> Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/prefeitura-comeca-implantacao-da-plataforma-cortex-na-rede-municipal>. Acesso em: 3 mar. 2021.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smed/noticias/prefeitura-oferece-acesso-gratuito-internet-para-alunos>. Acesso em: 3 mar. 2021.

preocupações, sentiriam saudade da escola. Esses sentimentos ambivalentes foram narrados pela professora Gabriela, posteriormente a um encontro em que ela e a professora levantaram a questão da duração e frequência das reuniões da ação de extensão, pedindo maior objetividade nelas. A diretora da ATM foi a primeira a responder, apontando que sua escola não iria participar de um projeto estilo “check list”, ou seja, um projeto que vise à produtividade e ao cumprimento de metas a partir de reuniões curtas e objetivas. Após essa colocação, a professora da EMEF Neusa Goulart Brizola chorou e desligou sua câmera, agradecendo no chat à diretora da ATM pela fala, e dizendo que se reconhecia nesse lugar de produtividade. Na reunião posterior, relatou o seguinte:

*Queria falar sobre meu surto na última reunião. Aquele dia foi o primeiro dia de volta à escola. Me preparei para esse momento, essa luta contra o medo [...]. É uma crise, uma mistura de sensações e sentimentos. Quando a Sara [diretora da ATM] trouxe a questão do tempo, de toda essa coisa produtiva, eu me enxerguei como uma peça dessa engrenagem. Há quatro anos estamos sob tortura. O governador e o prefeito de Porto Alegre não se importam com a vida das educadoras, nos massacrou. Tu tem que provar o tempo todo que é produtiva, porque acham que professoras ganham bem e só tomam cafezinho. Senti muita alegria de poder voltar [à escola], e espanto da minha alegria, da criança que habita dentro de mim (GABRIELA, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2020).*

Outra reflexão importante sobre a pressão por produtividade que acompanha o discurso de “docentes ganham bem”, apareceu mais adiante, na entrevista com a professora Rita:

*Eu me lembro que em 2017 quando a gente publicou o livro com os textos dos alunos feito nas aulas de filosofia, foi publicado pela gráfica da UFRGS no projeto com o Luciano e a gente foi lá no secretário levar o livro e dizer para ele que tinha um projeto dentro da escola, enfim, dar conhecimento e ele não teve interesse nenhum em saber, só ficou me questionando se eu trabalhava história da filosofia com os alunos, de onde tinha saído o dinheiro para fazer o livro, e que a UFRGS ia entrar em greve de novo...essas foram as questões que ele me perguntou. Eu vejo da secretaria só cobranças de índices, já de algum tempo. Na gestão anterior era pior ainda, porque tinha uma coisa de que “se os alunos não aprendem é porque os professores não ensinam”. E não eram coisas que a gente estava interpretando, eles diziam isso mesmo, que “os professores da rede Municipal eram os que mais ganhavam no Brasil”, o que não é verdade, e “que tinham altos salários”. Até divulgavam a média salarial lá em cima, dizendo que a gente ganhava muito, que tinha muito problema de aprendizagem e que a culpa*

*era do professor, e que se o aluno não estava aprendendo era porque o professor não ensinava e não queria trabalhar. Em resumo era isso. Então, muita cobrança de índice, de números, mas não tem nenhum apoio e nenhuma estrutura pedagógica (RITA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Além da percepção da Gabriela, penso que o pedido de objetividade nas reuniões também pôde estar relacionado à exaustão causada pela transferência das atividades escolares para casa, fato que contribuiu para a precarização do trabalho docente por vários motivos, como a inexistência de horários de trabalho delimitados, e a ampliação de exigências administrativas que passaram a ser vistas como naturais e corriqueiras, como observam Pontes e Rostas (2020), e como eu mesma observei e escutei durante as entrevistas, em muitos trechos que irei compartilhando.

Na retomada das atividades presenciais em 2020, a maioria das famílias não levou as crianças à escola, por orientação das próprias professoras, que expressaram aos pais a falta de segurança sanitária para o retorno. Até o encontro do dia 22 de outubro, apenas uma criança dos 397 alunos da EMEF Neusa Goulart Brizola tinha voltado à escola, e no encontro do dia 12 de novembro, segundo o relato de uma docente, não chegavam a ser dez crianças entre todas as turmas. No último encontro, dia 10 de dezembro, a turma que mais alunos tinha era a do 5º ano, com quatro estudantes. A professora Eliane contou que um aluno lhe disse: “profe, a escola está tão diferente”, e ela respondeu: “eu também nunca imaginei uma sala de aula assim”.

Essa narrativa veio acompanhada de algumas fotos que a professora tirou dos alunos realizando uma atividade sobre a vida na pandemia. A sala de aula estava sem cortinas nem cartazes por prevenção à Covid-19. Cada um/a dos/as quatro alunos/as, afastados/as entre si, segurava um cartaz que recém tinha feito, com palavras relacionadas à pandemia: “Ansiedade, escolas fechadas, distanciamento, proteja-se, use máscara / antissocial, saudade, tédio, depressão, insegurança, acredite: logo logo isso irá acabar / medo, se cuidar, tristeza, saudade, preocupação / valorizar às pessoas, esperança, máscaras, limpeza, medo” (MATERIAL GRÁFICO, 5º ANO, 2020). Os seus rostos, cobertos pelas máscaras, pareciam sérios. Durante a atividade, Guilherme<sup>48</sup> falou para Eliane: “eu quero fazer colorido, pelo menos a gente fica mais alegre”. Eliane relatou: “Eu os senti decepcionados, estavam com a expectativa de que

---

<sup>48</sup> Nome fictício.

mais colegas retornassem. Dá na gente um sentimento de vazio, compartilhei com eles essa sensação” (ELIANE, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2020).

Figura 7 - 5º ano na retomada das atividades presenciais. Foto compartilhada pela professora Eliane nos encontros virtuais, em dezembro de 2020<sup>49</sup>.



É importante ressaltar que o Brasil foi o país que mais tempo manteve as escolas fechadas entre os 46 países avaliados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2020, totalizando 178 dias sem aulas presenciais na pré-escola e no ensino fundamental. O relatório da OCDE também apontou que Brasil também é um dos países com maior desigualdade educacional entre estudantes com diferentes níveis socioeconômicos, e que o número médio de estudantes por turma no ensino fundamental público é maior do que nos países analisados, sendo este um aspecto crítico na hora de reabrir as escolas. Além disso, o relatório apontou que, em comparação aos anos anteriores, Brasil não aumentou, em 2020, o orçamento destinado à educação para o ensino fundamental, diferente da maioria dos países avaliados (SCHLEICHER, 2020).

Não só não aumentou o orçamento: um relatório da Câmara dos Deputados identificou que em 2020, o Programa Educação Conectada, que tem como objetivo ampliar a conexão de internet nas escolas, teve menos da metade das verbas que no ano anterior. Também em 2020,

---

<sup>49</sup> Foto com efeito artístico adicionado para preservar a identidade dos/as alunos/as

o governo reduziu a verba destinada à infraestrutura das escolas<sup>50</sup> e, no início de 2021, Bolsonaro vetou integralmente um projeto que previa a compra de planos de internet móvel e tablets para estudantes e docentes da rede básica. O projeto tinha sido aprovado pela Câmara em dezembro de 2020 e pelo Senado em fevereiro de 2021<sup>51</sup>.

Além disso, também é importante mencionar que o governo federal recusou ofertas de vacinas, impedindo a vacinação antecipada de milhões de pessoas. Em setembro de 2020, a empresa Pfizer enviou uma carta ao presidente e outras autoridades brasileiras, na tentativa de negociar a entrega de até 70 milhões de doses da vacina Pfizer contra Covid-19 a um preço muito menor do que o preço pago por outros países, mas a carta não foi respondida<sup>52</sup>. Durante todo o percurso da pandemia, o presidente Bolsonaro fez inúmeras declarações minimizando a gravidade da Covid-19 e, além disso, ele e seus apoiadores defendiam o “tratamento precoce”, que envolvia o uso de medicamentos como a cloroquina, sem eficácia comprovada cientificamente contra o coronavírus.

O negacionismo da pandemia de Covid-19, articulado ao negacionismo do discurso científico, é um fenômeno muito complexo que, como problematiza Morel (2021), está relacionado ao crescimento da extrema-direita e conseqüentemente, ao aumento do que Achille Mbembe (2018) chamou de necropolítica. A necropolítica diz respeito à gestão do Estado sobre a vida e a morte das pessoas, ou seja, ao uso do poder político para ditar quem pode viver e quem deve morrer. Como aponta Morel (2021, p. 4) “ao negar a gravidade da pandemia e, conseqüentemente, os cuidados quanto a ela, intensificou-se a ‘política de morte’, descrita por Mbembe, voltada contra aqueles que sofrem com a precarização das suas vidas – negros, pobres, idosos, povos indígenas, mulheres”.

Acrescento que a ação necropolítica do governo federal, estadual e municipal (Porto Alegre teve os três governos de direita durante a pandemia) também se manifestou ao defender a retomada das aulas presenciais antes da vacinação das docentes. A abertura das escolas sempre esteve atrelada ao interesse da retomada total da economia, tanto que em abril, a Câmara dos deputados aprovou o Projeto de Lei (PL) 5595/20 que tinha como objetivo tornar a educação serviço essencial em todo o país. Isso significa que, se for aprovado também no

---

<sup>50</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/06/comissao-da-camara-conclui-que-o-mec-reduziu-investimentos-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/governo-veta-projeto-de-internet-gratis-a-alunos-e-professores-da-rede-publica/>. Acesso em: 20 ago. 2022

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/07/bolsonaro-recusou-vacina-da-pfizer-pela-metade-do-preco-pago-por-outros-paises>. Acesso em: 20 ago. 2022

senado, as escolas deverão funcionar em formato presencial em pandemias e calamidades públicas, e as/os professoras/es não têm mais direito a greve. Na realidade, se o governo realmente achasse à educação um serviço essencial, teria aumentado o investimento nela desde o início da pandemia, ao invés de tê-lo diminuído.

## **5 A RETOMADA EM 2021**

### ***5.1 Para cartografar é preciso estar num território***

No que diz respeito aos impasses sobre o retorno às aulas presenciais, o ano 2021 começou (e continuou) tão conturbado como o de 2020. No dia 28 de fevereiro, o retorno presencial foi suspenso a partir da vitória de uma ação na Justiça pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS) em parceria com a AMPD, que pedia a suspensão das aulas em todos os níveis durante a vigência da bandeira preta. Nesse momento, o número de pessoas contaminadas com o vírus e a previsão do agravamento em todo o Estado era alarmante. Um mês depois, uma carreata organizada por Lugar de Criança é na Escola percorria a região central de Porto Alegre com destino ao Tribunal de Justiça do Estado (TJ-RS), pedindo o retorno às aulas.

No dia 26 de abril de 2021 a justiça negou o recurso apresentado pelo Estado para a volta das aulas presenciais, deixando-as suspensas enquanto o Rio Grande do Sul estiver em bandeira preta. Um dia após a decisão da justiça, o Governo do Rio Grande do Sul (2021) publicou um decreto alterando o modelo de distanciamento controlado, suspendendo o sistema de cogestão e colocando todo o Estado sob bandeira vermelha. Dessa forma, ficou autorizado o retorno presencial das aulas em todo o Estado, cabendo às famílias a decisão de que seus filhos voltem às aulas presenciais ou continuem no ensino remoto. Segundo o protocolo da bandeira vermelha, a ocupação máxima das salas escolares é pautada pelo distanciamento mínimo de um metro e meio entre as classes e do professor, o uso de materiais deve ser individual, e ficam proibidas as atividades coletivas que envolvem aglomeração ou contato físico.

No início do mês de maio, a EMEF Neusa Goulart Brizola iniciou a retomada das atividades escolares presenciais de forma gradual e na semana seguinte, realizei minha primeira visita à escola durante a pandemia. A partir dessa visita, esta pesquisa cartográfica ganhou uma

dimensão mais corpórea. Segundo Costa (2014, p.69), “para cartografar é preciso *estar* num território”. Esse *estar* tem a ver com o encontro entre o corpo físico do pesquisador e as coisas que inusitadamente encontra no decorrer do seu caminho de pesquisa. Por isso, podemos dizer que a cartografia é uma prática corporal, pois “trata-se de uma autoria do corpo, de traçados do corpo no encontro com o mundo, de trajetos corpo/autorais” (COSTA, 2014, p.74).

*Estar* num território, disponível ao encontro com outros corpos, lembra à reflexão de Larrosa (2002) sobre o sujeito da experiência:

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos (LARROSA, 2002, p.24)

O sujeito da experiência não se define por sua atividade, mas por sua passividade, pensada aqui como uma passividade anterior à oposição ativo/passivo. Trata-se “de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA, 2002, p.24). Dito isso, compartilho a continuação registros de visitas que fiz à escola durante a retomada das atividades presenciais de 2021. São registros de modos de estar na retomada como sujeito da experiência, segundo a concepção de Larrosa supracitada. Momentos que me afetaram e registrei no diário de campo pouco tempo após cada saída da escola, e que as vezes relaciono com alguma fala surgida posteriormente, nas entrevistas.

## ***5.2 Que seja publica não quer dizer que não tenha que ser bonita***

12 de maio de 2021 - Fui visitar a EMEF Neusa Goulart Brizola pela manhã. Uns dias antes tinha feito essa combinação com a Gislaine, vice-diretora, que falou que o horário das crianças era das 8h às 11h30. Quando cheguei, poucos minutos depois das 8h, uma senhora da equipe de limpeza mediu minha temperatura. Gislaine e Soraia (diretora) disseram-me que estavam com falta de funcionários, pois não tinham alguém específico que possa ficar sempre na porta medindo a temperatura, por exemplo, tendo que ficar alternando de funcionária/o

conforme era possível. Elas estavam no saguão recebendo os/as alunos/as e suas famílias. Três crianças com suas mães esperavam sentadas que suas professoras viessem buscá-las. Todas/os estávamos usando máscara. Perguntei a Soraia como foi sua recuperação após ter tido Covid-19 no final do ano passado, no breve retorno presencial das aulas de 2020. Ela disse que ficou muito tempo com dor de cabeça, que ainda tem, mas menos que antes, e que acha que pegou o vírus quando estavam entregando cestas básicas, pois teve muita gente na escola. Falei que recentemente vi no Facebook da escola que estavam entregando cestas básicas, e me chamou a atenção, pois não sabia que as escolas entregavam. Elas me explicaram que essa função tinha passado para as escolas durante a pandemia e que no início de maio, o conselho escolar organizou e divulgou nas redes sociais uma vaquinha para comprar 250 cestas básicas para as famílias não contempladas pelo programa Bolsa Família<sup>53</sup>. Desde que acompanho os movimentos da escola, foram muitas as vezes que as docentes arrecadavam doações para ajudar à comunidade. Em janeiro, a escola arrecadou doações para ajudar às famílias atingidas por um incêndio na região do loteamento Cavahada. Doações de roupa, material de limpeza, colchões etc. foram guardadas na escola, que também recebeu doações em dinheiro numa conta bancária.

Gislaine caminhou comigo pela escola, me apresentando às docentes e funcionárias como quem “esteve com Rita no projeto de filosofia”, como a “Laura do (Di)visões de Mundo”, ou como quem “realiza uma pesquisa na escola junto com o Luciano”. Algumas professoras que participaram das reuniões virtuais da ação de extensão (Di)visões ficavam pensando um tempo, e ao me reconhecer faziam cara de surpresa, pois até então eu era “um quadradinho na tela”, como dizia Gislaine. A professora Gabriela me esticou os braços de longe com uma proposta de abraço com o rosto distanciado. Quando Gislaine me apresentava para as crianças, eu as cumprimentava com a mão, e elas retornavam o gesto. Nenhuma sala tinha mais de três crianças, e na sala de música tinha só uma menina, pintando. Era estranho ver a escola com tão poucas crianças, afastadas entre si. Além disso, com a máscara e os agasalhos (a manhã era fria), pareciam muito sérias e quietas. Perguntei a Gislaine se teriam recreio, e ela disse que não, pois os protocolos não permitiam.

Enquanto caminhávamos pela escola, Gislaine assinalava coisas que pretende arrumar: renovar a tinta dos corrimãos, as fitas antiderrapantes das escadas, fazer uma horta e retirar a grade que separa esse espaço dos jogos das crianças pequenas, para que elas possam circular

---

<sup>53</sup> Programa de assistência social do governo federal que proporciona ajuda financeira a famílias em vulnerabilidade social que, em troca, devem garantir que seus filhos vão à escola e recebem as vacinas obrigatórias. O Bolsa Família foi convertido em lei em 2004, durante o governo de Lula da Silva.

livremente entre os jogos e a horta porvir. Também está organizando que sejam pintados novos grafites, pois os atuais já estão velhos. “Que seja pública não quer dizer que não tenha que ser bonita”, ela disse, referindo-se à escola. Eu fiquei pensando o quanto eu estava costumada a esperar menos dos espaços públicos: menos estética, menos renovação, menos cuidado, menos infraestrutura. Eu achava que a escola estava perfeita. Nunca repararia na tinta dos corrimãos, pois estou costumada a que certas coisas que se desgastam nos espaços públicos ficam assim para sempre. Pensei o quanto toda escola precisa de uma Gislaine, disposta a renovar tudo o que precisa ser renovado, derrubar grades e construir hortas. Logo em seguida, ela foi chamada para solucionar outras questões, relacionadas à falta de alguém medindo a temperatura na entrada da escola.

Fiquei um tempo com a professora Gabriela na sala que foi destinada às aulas de teatro, por ser mais ampla que a sala de arte tradicional. Ali estavam as cestas básicas que recentemente as docentes conseguiram através de doações e, enquanto conversávamos, um homem entrou para levar uma. Gabriela lembrou da vez que se emocionou numa reunião da ação de extensão, por ter se reconhecido como produtivista. Falei que o fato dela ter pedido mais objetividade podia ter a ver com o cansaço; talvez lá em Portugal as gurias não estivessem tão exaustas. “Pode ser, mas tem algo além disso. Lá, as gurias querem as crianças na escola, e aqui não queremos as crianças na escola”. Respondi que não querer as crianças na escola tem a ver com o cuidado, pois sabem que ainda não é seguro para elas e suas famílias. Senti um tom de culpa na sua reflexão, e fiquei pensando quantas docentes estariam sentindo o mesmo, e quão injusto é o sistema que faz elas sentir isso. Logo fomos almoçar. As cadeiras estavam colocadas distantes umas das outras, intercaladas, tendo apenas duas por mesa, de acordo ao protocolo.

Antes de ir embora, deixaram a porta aberta para mim, enquanto eu aguardava um Uber. Enquanto entrava uma mãe com duas crianças, uma menina de aproximadamente 8 ou 9 anos saiu da escola sozinha. Eu perguntei aonde ela ia, e respondeu-me que a sua casa. Eu falei que esperasse eu verificar com alguém, pois ficava preocupada em que fosse embora sozinha. Não tinha nenhum funcionário perto, e a menina continuou indo embora, numa postura desafiadora e ao mesmo tempo insegura. “Eu moro ali perto”, ela disse. Eu fiquei nervosa, desesperada, sem saber o que fazer, pois achava exagerado trazer ela para dentro da escola usando a força. Ela tinha saído devagar, tranquila, como quem sai de casa. Segui ela com a vista e ficou parada na esquina, me olhando. Perguntei a uma funcionária da limpeza se conhecia a menina, assinalando-a. A mulher olhou ela, que continuava me olhando de longe, e disse que sim, que

morava na volta. Confirmou que ia embora sozinha, e que ela ainda não tinha começado as aulas, apenas tinha vindo à escola para falar com a sua professora.

### ***5.3 A pandemia foi muito ruim para os macacos***

17 de maio de 2021 - Hoje retomavam as aulas presenciais as crianças da 3º, 4º e 5º série. No saguão aguardavam algumas crianças e seus pais. Me ofereci para acompanhar uma menina da 3º série até sua sala. Foi ela que, de certa forma, marcou um caminho às minhas visitas de hoje em diante. Enquanto caminhávamos até a sala, perguntei como se chamava, e se estava com saudades da escola. Fez cara de não saber a resposta. Percebi que estava sorrindo, apesar de ter metade do rosto coberto com a máscara. Por causa da máscara, não conseguia entender tudo o que me falava. Apenas entendi que em casa não tinha nada para fazer. Ao chegar à sala, a professora Marju perguntou surpresa seu nome, e logo de olhar numa lista, disse que hoje não era o dia que ela tinha que vir. Tinha vaga para ela, mas precisava conversar com a diretora. Tinha mais um menino e uma menina na sala, muito afastados. Marju pediu-me para ficar com as três crianças, e disse que estavam conversando sobre os sentimentos na pandemia: ansiedade e solidão (palavras que eles tinham falado).

Fiquei sozinha com os três pequenos, me olhando seriamente. Quis continuar a proposta dela, e falei algo sobre ansiedade e solidão que não me lembro, pois estava nervosa com o silêncio e o olhar sério deles. Perguntei se estavam com saudade da escola, mas não souberam responder, ou não entendi a resposta. Eles pareciam-me tão sérios, que pensei que não iam falar comigo de jeito nenhum. Até que Carlos<sup>54</sup> disse-me que não tinha conseguido fazer os temas de casa. A menina do lado dele, disse que também não tinha conseguido. A seriedade deles seria preocupação por isso? Estariam com medo de que os temas sejam cobrados? Falei que não tinha problema. Perguntei o que tinham feito em casa, nesse tempo todo sem escola. Ele disse que tinha mirado muita tv, pois não tinha nada para fazer. Não consegui entender às meninas.

Mais adiante, eu soube que essa seriedade que me chamava tanto a atenção, também surpreendia às docentes, que percebiam os/as alunos/as muito apáticos:

---

<sup>54</sup> Nome fictício, igual que o de todos/as os/as alunos/as que foram e serão mencionados/as.

*Eu acho que eles voltaram com um comportamento diferente, participando pouco [...]. Eu não sei dizer o porquê. Não sei se foi muito tempo em casa, a falta de convivência com os outros [...]. Eles faziam tudo aquilo que eu estava pedindo [em julho], mas sem motivação, sem se envolverem mais [...]. Eu tinha uma ideia contrária, achei que quando estivesse liberado para vir, eles iam querer mais vir à escola. [...] Pensei assim: “quando for liberado vai vir todo mundo”, e não é isso que está acontecendo (RITA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021)*

*Lembro que eu pensava assim: quando abrir a porta dessa escola, as crianças vão vir todas correndo, porque elas ficaram enfiadas dentro de casa, cheias de energia, elas vão vir correndo. E não, vieram apáticas. Foi uma surpresa (GABRIELA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Ao lembrar que eu não tinha me apresentado, falei quem eu era, e expliquei que eu tinha sotaque porque nasci em outro país. Pedi para eles adivinharem qual. Nesse momento chegou a professora, que pegou um mapa no fundo da sala e o trouxe para o quadro. Alguém falou que eu seria da França. A professora mostrou no mapa onde ficava a França, e disse que meu país ficava muito mais perto do Brasil. Uma menina falou que eu seria da Itália, então Marju disse que a Itália ficava perto da França, também longe do Brasil. Logo mostramos onde fica Argentina.

Marju queria saber como estavam escrevendo os/as alunos/as, então pediu para escreverem algumas palavras numa folha: “pão”, “melancia” e “na pandemia olhei muita tevê”. Uma menina pediu-lhe um lápis, e Marju falou que não o perca, pois tinha que ficar com o lápis “para sempre”. Como achei engraçado o “para sempre”, Marju me explicou que pelo protocolo da Covid-19, ela não podia pegar de novo nenhum material. Ela também não conseguia ouvir direito às crianças por causa da máscara, tendo que pedir para falarem mais alto muitas vezes. Duas funcionárias vieram oferecer o lanche, que era uma banana dentro de um saco plástico. O saco plástico também fazia parte do protocolo.

Quando Marju desceu com as crianças ao banheiro, a professora Eliane, que estava na sala do lado, me convidou a entrar. Na quinta série hoje tinha um menino e três meninas. Cumprimentei eles, perguntei se estavam com saudade da escola e, diferente da outra turma, eles responderam que sim com muita convicção. Bruno me falava de Portugal, então percebi que Eliane tinha conversado com eles sobre a ação de extensão, e que ele estava achando que

eu era portuguesa. Falei para eles que eu não era de Portugal, mas da Argentina, e morava no Brasil há oito anos. Bruno contou-me muitas coisas. Assinalou o mato que se enxergava pelas janelas, e perguntou-me: “Sabe que ali no mato mora uma família de lagartos? Já os vimos passeando pela escola. A pandemia é muito ruim para os macacos, pois a ciência faz experimentos com eles”. Concordei com ele, e acrescentei que eu não gostava disso. Ele disse que também não. Pegou uma sacolinha com várias máscaras da mochila. “Minha mãe disse que tenho que trocar de máscara, ela não pode ficar húmida porque deixa de funcionar”. Ele trocou a máscara. “Do que mais tenho saudade, é do refeitório”. Quando foram ao refeitório, ele pulava nas marcas que indicam o distanciamento no chão.

Ao realizar as entrevistas, entendi quão importante é o refeitório, não só para suprir as necessidades de alimentação, mas como espaço de encontro, afeto, socialização, convivência. Não só para as crianças, mas também para as funcionárias da cozinha e as docentes:

*Eu: Vocês sentem falta, saudade de algo? / Funcionárias da cozinha: Aahhhh simmmmm (risos) Da bagunça das crianças, do refeitório cheio, quebrada de prato, comida no chão, não usar máscara, se olhar o sorriso, porque a gente gosta de ver. Eles chegam aqui e querem te abraçar, conversar mais, agora eles não podem conversar com a gente [...]. Antes era uma ba-gun-ça! Mas tu estava acostumada com os gritos, com as brigas, com as comilanças pelo chão, prato quebrado (risos), “tia me dá água!”, “tia me dá água!”, e não podia dar água, tinha o bebedouro (FUNCIONÁRIAS DA COZINHA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

#### **5.4 Faz quantos anos a gente não vem à escola?**

24 de maio de 2021 - Hoje retomavam às aulas presenciais os/as alunos/as do 3º ciclo. Deixei-me levar pelo caminho da última visita, traçado ao acompanhar uma menina até sua sala do 3º ano, e logo visitando à professora Eliane e seus/suas alunos/as, na sala vizinha. No 3º ano novamente eram três crianças, mas não as mesmas da semana passada. Marju me explicou que dividiu a turma em dois grupos, de acordo à capacidade da sala para manter o distanciamento de um metro e meio entre as classes. Hoje era o primeiro dia de aula do segundo grupo. Marju perguntou se achavam a escola diferente. Valentina disse: “Muito diferente! Tem distância entre as mesas, somos poucos...”. Diego acrescentou: “não tem recreio”, e logo perguntou: “faz quantos anos a gente não vem à escola?”. O menino logo perguntou se podia limpar-se o nariz

com seu lenço de pano, pois estava ranhento. A professora falou que quando descerem para ir ao banheiro, ele limparia com papel, pois os lenços de pano facilitavam a transmissão da Covid-19, e que “se está ranhento não pode vir na escola”. O menino olhou assustado, e ficou em silêncio.

Ela perguntou se sabiam quando tinha iniciado a Covid-19. Explicou que se chama Covid-19 porque começou no ano 2019, e já passou todo o 2020, e agora estávamos em 2021. Uma das meninas não conseguia abrir sua garrafa de água. Marju falou que não podia ajudá-la, pois não podiam trocar materiais de nenhum tipo. Mas ao ver que a menina continuava sem conseguir, esborrifou álcool na garrafa, pegou papel higiênico para evitar o contato direto com a sua mão e a abriu. Logo perguntou-lhes o abecedário, e foi copiando as letras no quadro enquanto eles/as falavam, e também colocou data. Uma das meninas me fez uma pergunta sobre algo que tinha anotado no caderno. Eu me aproximei, mas em seguida vi o distanciamento marcado no chão. Fiquei pensando como ajudar ela, sem conseguir ouvi-la direito pela máscara, nem enxergar o que me mostrava, pela distância. Absurdamente, fiquei parada na distância certa com meus pés, mas inclinei meu corpo para conseguir ver seu caderno.

Após essa atividade, a professora deu uma tarefa impressa. Diego tinha uma bola de enfeite no lápis, e Marju pediu para guardá-la no estojo, pois tinham que evitar todo material que não fosse sumamente necessário. Isso fazia parte do protocolo sanitário de retorno às aulas: reduzir o número de superfícies onde poderia se fixar o vírus, por isso não tinha mais cartazes nem trabalhos nas paredes. Perguntei a Marju o que tinha achado da escrita do grupo da semana anterior, e ela disse que todos/as estão com níveis muito diferentes, o que é um grande desafio para seu trabalho.

Na turma da professora Eliane (5º ano – B21) continuava o mesmo grupo. Estavam escrevendo um resumo com início, médio e fim sobre uma história que tinham levado a casa para ler. “Sora seu sotaque diminuiu! está com menos sotaque que semana passada”, me disse Bruno. Eu ri e falei que não diminuiu, mas ele tinha começado se costumar com ele. Logo fui ao setor onde se encontram as salas do terceiro ciclo, mas como todas as turmas estavam tendo aulas expositivas, e eu não conhecia nenhuma professora, resolvi ir embora. Na saída, estava a menina que tinha saído sozinha da escola na minha primeira visita. Conteí a história para a professora volante, Carla<sup>55</sup>. Ela falou que a menina vai embora sozinha mesmo, e acrescentou:

---

<sup>55</sup> Nome fictício.

“é algo difícil da gente entender, está muito longe da nossa realidade; se eu tivesse uma filha dessa idade, não a deixaria ir sozinha”. A menina perguntou duas vezes se já podia ir embora, e quando a professora respondia que ainda não, ela fazia cara de birra. Perguntei por que estava com tanta vontade de ir embora, se não tinha tido saudade da escola (era o primeiro dia dela e dos seus três colegas). Ela pensou um pouco e respondeu que mais ou menos.

### **5.5 O mundo pandemiou**

02 de junho de 2021 – No dia anterior, não houve atividades presenciais porque foi o dia da primeira vacinação das docentes. Hoje fui à aula de artes da professora Gabriela, na turma B21 (5º ano da Eliane), como tínhamos combinado por mensagem de Whatsapp no dia anterior. Ela disse que tudo estava muito estranho, com pouquíssimos alunos, e sugeriu acompanhar sua aula nessa turma, que era a que mais alunos tinha. Quando cheguei, ela e mais três alunos estavam em roda, fazendo exercícios com o corpo. Ela me convidou a entrar na roda. Fiz os exercícios junto com eles/elas. Um dos exercícios consistia em que alguém dizia para ela uma ação, como “ler um livro” ou “dançar samba”, sem que ninguém ouvisse. Depois de fazermos uma sequência de pulos e giros muito divertidos, ela anunciava a ação e tínhamos que expressá-la ficando imóveis. Gabriela explicou: “tem que imaginar que está ali, fazendo o movimento, e de repente para, como o mundo na pandemia, que parou assim, de repente”. Marcelo disse: “eu não diria que o mundo parou durante a pandemia”, “e o que tu diria?”, “diria que... pandemiou”. Todas/os rimos.

Eu me perguntei se alguém já teria convertido a pandemia em verbo, no verbo pandemiar. No pretérito perfeito do indicativo: eu pandemieei, tu pandemiaste, ele pandemiou, nós pandemiamos, vós pandemiastes, eles pandemiaram. Segundo o dicionário, o significado figurado de pandemia é “Qualquer coisa que, concreta ou abstrata, se espalha rapidamente e tem uma grande extensão de atuação. [...] A palavra pandemia tem sua origem no grego pandemías, as. Significa ‘todo o povo’. Também representada pela junção dos elementos gregos: ‘pan’ (todo, tudo) e ‘demos’ (povo)” (PANDEMIA,2021).

Logo dessa atividade, as crianças continuaram fazendo uma atividade que tinham iniciado na última aula. Diferente das professoras Marju e Eliane, Gabriela me convidou a fazer as atividades junto com as crianças. Emprestou-me o livro da turma, e explicou-me o que estavam fazendo. A atividade consistia em desenhar duas personagens que logo iriam ser

recortadas pelas bordas e coladas num papel preto, colado num palitinho. Através de uma luz forte, elas gerariam sombra na parede e fariam parte de uma história, criada pelos/as alunos/as. Eu desenhei um cavalo e uma ovelha. Marcelo disse que tinha vergonha do seu desenho. Gabi disse que não tinha que ter vergonha, que não existia um jeito certo de desenhar, e por mais que aprendêssemos a reproduzir certos desenhos, não precisávamos seguir esses estereótipos. Eu falei que também estava com vergonha dos meus, e elas/es pediram para eu mostrar. Eu mostrei timidamente, e eles disseram que estavam muito legais.

Eliane, que estava havia um tempo perto da porta, perguntou gentilmente quanto tempo mais ia durar a aula. Gabriela percebeu que se tinha passado do horário, e disse brincando que era porque eu tinha atrapalhado. O relógio da sala não funcionava. Eu fiquei pensando se, no fundo, não seria verdade que eu tivesse atrapalhado. Mesmo me esforçando em não fazer ninguém se sentir observada/o, sou ciente que minha presença é a de uma pesquisadora, que está observando e vai escrever sobre isso que observa. Curiosamente, eu também me sinto observada, todas/os na escola sabem que eu não pertencço à equipe, e a maioria não sabe quem eu sou, nem o que estou fazendo exatamente. Ao sair, Gabriela me comentou que fez os/as alunos/as levarem o livro para casa, pois “vai que as aulas parem de novo, de repente”.

Decidi ficar na mesma turma, com a professora Eliane. Sentia-me bem ali, como se já tivéssemos intimidade. Perguntei pelo Bruno, e Eliane contou que não veio porque estava com sintomas gripais. As crianças continuaram fazendo uma cartilha sobre a pandemia. Iasmin colocou que “para combater o vírus, o mundo precisa estar unido” e “vírus nojento, logo logo você vai sumir”. As cartilhas tinham desenhos do coronavírus, de máscaras, e instruções para o combate: uso de máscara, lavado de mãos, álcool gel, distanciamento. Marcelo e Iasmin terminaram a atividade antes dos outros dois colegas. Iasmin perguntou para Eliane se tinha se vacinado. Ela respondeu que ainda não, pois fazia pouco tempo tinha se dado a vacina da gripe. Em seguida, Marcelo e Iasmin começaram me fazer um monte de perguntas:

*Iasmin: Tu já se vacinou? / Eu: Sim. / Iasmin: Ontem? / Eu: Não, já tinha me vacinado / Iasmin (pensativa): Tu é profe? / Eu: Não. Eu sou psicóloga. / Iasmin: Sério? Nos dá uma dica para a vida! / Eu: Que difícil, não se me ocorre nada... / Iasmin: Por que tu veio aqui? / Eu: Meu companheiro é brasileiro, eu o conheci na Argentina e vim aqui com ele. / Marcelo: Tua família está lá? / Eu: Sim. / Iasmin: Por que tu não está trabalhando agora? / Eu: Eu estou fazendo mestrado... é um estudo que se faz depois da faculdade. Estou estudando como está sendo a retomada das atividades presenciais aqui. / Marcelo: Tua mãe cozinha? / Eu: Não,*

*nunca. / Marcelo: E teu pai? / Eu: Meu pai... não está mais aqui. / Marcelo: Tu cozinha? / Eu: Sim. / Iasmin: A que idade tu aprendeu a cozinhar? Quem te ensinou? / Eu: Mais ou menos na idade de vocês, aos 12, por aí. Aprendi com uma vizinha. / Marcelo: Se tua mãe não sabe cozinhar, e tu está aqui, como ela faz? Quem cozinha? / Eu: Às vezes ela prepara algo simples, outra vezes compra comida pronta. / Iasmin: Que idade tu tem? / Eu: Trinta e dois. / Marcelo: De que cores é a bandeira da Argentina? / Eu: Azul claro e branca. / Eliane: Deu o interrogatório à profe Laura? Os outros dias também fizeram um interrogatório para mim. Eu te digo profe, e tu disse que não é profe, não sei se te incomoda... / Eu: Claro que não, eu gosto de ser profe por um dia (TURMA B21, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

A espontaneidade das perguntas das crianças, sua curiosidade em assuntos aparentemente aleatórios relacionados a mim, reativaram-me um estado de infância que havia tempo não experimentava. A partir de uma interpretação afroperspectivista, Nogueira e Alves (2020) recorrem ao orixá Exu como heterônimo da infância. Segundo narrativas iorubás, Exu era o filho mais novo dos quatro filhos de Orunmilá e Iemanjá. Exu tinha muita fome, uma fome incontrolável que aumentava quando comia:

Em termos filosóficos afroperspectivistas, comer é buscar o sabor das coisas, fazer a digestão das coisas para incorporá-las. A infância incorpora tudo que está no seu trajeto [...]. Por isso, por onde Exu passa as coisas são devoradas por um desejo de conhecer. Exu é a vida em estado de infância, isto é, curiosidade pelo mundo. O ato de comer tudo indica o desejo por descobrir o sentido das coisas [...]. Exu nada rejeita, tem interesse por tudo. Ele é ávido por uma curiosidade radical que nada dispensa. Exu é o nome da fome de mundo. [...] infância é a fome de mundo: uma vontade desmesurada por saborear toda realidade (NOGUERA; ALVES, 2020, p. 538).

Estar com eles/as, fazer parte do interrogatório (como o chamava Eliane) foi uma forma de retomar a fome incontrolável pelo mundo, mais apagada do que nunca na vida adulta durante o tempo de isolamento social que trouxe a pandemia. A vontade de saborear toda a realidade era contagiosa, mais do que o vírus. Eliane me convidou a pronunciar os meses em espanhol, atividade que eles/as vinham fazendo. Os/as alunos/as repetiam cada mês depois de mim. Ganhei um desenho do Marcelo, com a bandeira da Argentina (como ele a imagina).

Figura 8 - Desenho que ganhei do Marcelo, aluno do 5º ano (turma B21). Acervo pessoal, junho de 2021.



### ***5.6 Eles conheceram a escola assim; não só a escola, o mundo***

11 de junho de 2021 - Quando cheguei, tinha crianças aguardando no saguão, igual que sempre nesse horário (ao redor das 8h30). Gislaíne mediu minha temperatura. Dois cachorros grandes corriam pelo pátio, brincando. Todos/as acompanhávamos com o olhar. Logo entraram mais dois cães da rua, e um professor tentou fazer ir embora um deles. Perguntei a Jalize, professora do Jardim A, se podia conhecer sua turma. Ela aceitou e me recebeu muito bem. Me apresentei às crianças, e ela pediu para eles se apresentarem. Um menino disse seu nome e o das três colegas. Mostraram-me onde ficam os brinquedos. A Mulher Maravilha tinha pegado Covid. Enquanto as crianças brincavam numa mesa grande, cada um com seus brinquedos, fiquei conversando com a professora.

*Eles estão muito costumados com os protocolos de cuidado, eles sozinhos esticam a mão para pedir álcool gel quando trocam de brinquedo ou antes de comer. Eu fiquei muito surpresa com a facilidade com que se adaptaram. Na verdade, eles conheceram a escola assim. Não só a escola, o mundo [...]. Na educação infantil está permitido que não usem máscara, mas por sorte todos os pais os mandam com máscara. Aqui também temos máscaras do*

*tamanho deles, mas pedimos que sempre venham com máscara, e os pais sempre os mandam com máscara (JALIZE, DOCENTE, DIÁRIO DE CAMPO, 2021)*

Ela mostrou um pote com muitas máscaras coloridas em saquinhos transparentes. Perguntei se as máscaras tinham sido entregues pela prefeitura e ela disse que não, que eram doações. Perguntei também como fazia com a questão do contato físico, pois nessa idade as crianças costumam pedir colo, abraços etc.

*Na adaptação tivemos muita sorte: nenhuma delas chorou. Se adaptaram muito bem. Não sei como teria sido se chorassem. Os outros dias uma criança entrou na escola chorando porque recém tinha tomado vacina. Não parava de chorar. Eu a abracei, não consegui me conter. No início estava muito obsessiva com tudo, mas aos poucos tentei relaxar um pouco (JALIZE, DOCENTE, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

Perguntei pelas crianças que a inda não estavam vindo presencialmente. Ela disse que tinha outra turma do jardim vindo de tarde, e no jardim A vinham só essas quatro crianças, por enquanto. As famílias dos que não tinham retornado buscavam o material na escola. Mostrou-me um saquinho com material impresso, um livrinho e algumas coisas relacionadas à festa junina. Os que estavam no presencial ganhariam o mesmo, mas trabalhavam o material impresso em sala de aula. “Eu acho que deveria fazer algo para acessar as crianças que não estão vindo, mas não sei como fazer”, ela me disse.

As crianças brincavam de fazer comida com massinha. Logo saíram brincar no pátio, junto com as crianças do jardim B. Brincaram de caminhar com um livro na cabeça, pular no caracol desenhado no chão, o jogo das cadeiras e com brinquedos para armar. Todas estavam atentas ao momento, se divertindo, rindo. As professoras e eu ríamos junto com elas, enquanto batíamos palmas para o jogo das cadeiras. Foi um momento lindo. Marcelo passou por ali, caminho ao banheiro, e me cumprimentou com a mão. Quando as crianças começaram brincar no pátio com as peças para armar, Jalize chamou a atenção de algumas crianças com novas peças, tentando dividir o grupo, que estava ficando muito “aglomerado”. Ela comentou que se não estivéssemos em pandemia, teria umas vinte e cinco crianças.

Um mês depois, Jalize também me contou algumas experiências com os pequenos que achou interessantes:

*O que mais chamou a atenção foi a forma como eles chegaram na escola. Já chegaram falando sobre a situação da pandemia, com medo no início, mas aos poucos começaram a se aproximar porque perceberam "que não era legal brincar sozinho". Como nós estamos mantendo os protocolos, controlando temperatura, álcool, limpeza a cada turno, fui deixando que eles sentassem juntos e pudessem ter essa troca entre eles, que é o principal na educação infantil. Uma atividade que fizemos foi uma roda de conversa para ouvir o que eles sabiam sobre a pandemia e o vírus, e o que podíamos fazer para nos proteger. Nessa conversa vieram relatos: "O vírus mata às pessoas". "As pessoas ficam no hospital com um monte de fio no rosto". "A gente não pode ficar junto com um monte de gente". "Tem que comer frutas e legumes para o corpo esperar e expulsar o corona". No início de maio, a mulher maravilha teve covid e ficou em isolamento, não podia brincar com os outros super-heróis. Mas ela se recuperou e hoje está bem (JALIZE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Quando fui visitar a turma B21, encontrei a professora do quarto ano, que me convidou a entrar na sala enquanto ela ia buscar algo. Fiquei um pouco nervosa, pois ainda não conhecia essa turma. Percebi que elas/es estavam copiando contas do quadro, e como eu o estava cobrindo, pedi desculpas. Dois meninos começaram a rir, disseram-me que eu falava estranho. Eu sorri e disse que tinham percebido rápido que eu não era brasileira. Perguntaram de onde eu era, e pedi para eles adivinhar. França, Uruguai e Japão foram alguns dos países que disseram antes de acertar. Logo perguntaram-me como se dizem em inglês seus nomes. Eu expliquei que na Argentina não se fala inglês, que falávamos espanhol. Então quiseram saber seus nomes em espanhol, e fui dizendo um a um seus nomes. A turma tinha cinco estudantes e mais um grupo presencial, que vinha na semana seguinte.

Quando a professora voltou, perguntou-me se estavam acontecendo as reuniões do (Di)Visões. Eu respondi que estavam por começar na semana da retomada, e por este motivo tiveram que ser postergadas. Convidei ela a se juntar a nós, pois até então nunca tinha participado, mas ela disse que estava muito cansada. Quando fui embora, as crianças perguntaram à professora algo que não consegui escutar, e ela respondeu que Brasil tinha recebido colonização portuguesa, mas no resto da América Latina a colonização foi espanhola.

Na turma da Eliane tinha quatro alunos/as fazendo atividades do livro. Marcelo perguntou-me o que eu estava fazendo antes com "os pequenos". Eu perguntei: "não posso visitar os pequenos?", e logo de pensar um pouco, respondeu-me que podia. Também perguntou minha idade, e Iasmin perguntou quanto eu calçava. Depois de terminarem a atividade, a

professora apresentou o projeto do meio ambiente que estava iniciando na escola toda. Falou que podiam escolher entre várias opções: reciclagem, flores ornamentais, horta, arvores frutíferas, alimentação, e apresentou cada uma delas. Cada estudante tinha que votar por uma alternativa, e os/as quatro votaram pela horta. Depois disso, num tom de preocupação, Eliane me contou:

*Vou ter que dividir a turma em dois grupos, pois aos poucos os pais estão autorizando o presencial e já ultrapassou o limite de alunos dessa sala [...]. O ruim é que muitos estão faltando. Apesar dos pais terem assinado a volta presencial, alguns faltam muito. O Oscar veio só um dia; o Paulo veio só dois (ELIANE, DOCENTE, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

Falei que ia ter saudade da turma junta, e ela disse que também teria. Logo explicou para as crianças que ia escrever no quadro os dois grupos (A e B) com o nome de cada um, conforme ela os tinha dividido. Bruno ficou indignado: “ah não, sério sora? Vai me deixar com a Sophia, que enche meu saco?”. Logo falou que no grupo dele tinham ficado “os superiores”. Eliane respondeu: “Não é assim, Bruno, não tem superiores; os grupos foram divididos por outros critérios”. Marcelo também reclamou de ter ficado no mesmo grupo que outro colega. A professora falou qual grupo tinha que vir na próxima semana. Bruno falou: “que bom! semana que vem vou ficar em casa”.

À medida que vão surgindo afetos, intimidade, familiaridade, começo sentir-me angustiada ao lembrar que meu tempo na escola, com as crianças e as professoras, será um tempo breve. Ferraro (2018) diz que

*A philía é o laço pelo que se tem carinho. É o sentimento que torna todos os outros como tais [...]. Não se pode compreender *philía* sem uma disposição que transforme o espaço em lugar [...]. Os lugares são as pessoas que os habitam. Um espaço não é um lugar, porque não tem tempo. O lugar é um espaço cheio de tempo, que se torna singular pelas relações que ali se disseminam (FERRARO, 2018, p.29).*

A escola Neusa Goulart Brizola foi deixando de ser um espaço e transformando-se num lugar. Um lugar que foi me acolhendo e confiando em mim, onde dá vontade de estar. Ao pensar isso, imagino como devem se sentir as docentes com contratação temporária, que vão todos os dias à escola sabendo que ao final do ano, ou ao ano seguinte, seu contrato acaba, tendo que deixar à escola e tudo o que construíram: os vínculos, a sensação de pertencimento, os projetos iniciados, as amizades, a *philía*. Além disso, as/os professoras/es com contrato temporário recebem seu salário apenas nos meses letivos, perdem tempo de contribuição ao INSS, não

recebem férias, nem 13° integral, e não tem garantidos seus direitos no plano de carreira. Isso é consequência da aprovação da reforma trabalhista (Lei 13.467/2017) no governo do presidente Michel Temer, em 2017. Desde então, as contratações temporárias de docentes vêm aumentando, e as contratações efetivas através de concursos públicos, diminuindo.

### ***5.7 Odeio a palavra reinventar!***

15 de junho de 2021 – Igual que nas visitas anteriores, hoje também tinha alguns cachorros brincando na entrada da escola. A diretora contou-me que recém uma professora teve que levar um cachorro até a saída, pois tinha entrado na sua sala. Fui até a sala da professora Marju, pois na minha última visita ela tinha me chamado para olhar uns trabalhos que as crianças tinham feito, relacionados ao projeto do meio ambiente. Nessa semana, eu não tinha conseguido visitar sua turma (3° ano). Quando entrei na sala, eles estavam iniciando uma degustação de chás. A professora explicou-me que, para o projeto do meio ambiente, eles tinham escolhido cultivar ervas na horta. No dia anterior, tinham degustado chá de Melissa, e hoje era dia de experimentar Capim-Cidreira. Antes da degustação, estavam escrevendo o que tinham achado do chá de Melissa, e a o que lhes lembrava.

Marju servia o chá num copo descartável a cada uma das três crianças que, como sempre, estavam afastadas um metro e meio uma da outra. Também serviu o chá para mim. Enquanto isso, ela me contava que ao degustar, sempre se lembra alguma coisa. “Por exemplo, Carlos disse que o chá de melissa tinha gosto de mato”. As crianças provaram o chá de Capim-Cidreira com muita concentração. Pedro lembrou de limão; Carlos falou com cara de nojo que tinha gosto de folha, e não quis terminá-lo; Mônica falou que lembrava ao chá de Melissa. Marju pediu para eles escreverem isso no caderno. Mônica demorava mais do que os colegas em escrever, e me perguntou se tinha escrito bem a palavra “achei”, que estava escrita “a chei”. Eu falei que estava bem, mas que se escrevia tudo junto, e ela apagou rapidamente, sem me dar tempo de dizer nada.

Marju pediu para ela que escrevesse como ela achava que é, pois agora não precisava se preocupar em que esteja certo. Logo eles iriam trabalhar nisso, mas nesse momento tinham que escrever como eles achavam. Me explicou que Mônica ficava travada por querer escrever certo, sem nenhum erro. Fiquei pensando que eu também era como Mônica, escrevendo minha dissertação muito devagar por medo a errar, mas também por certa lentidão cognitiva que estava

tendo após ficar tanto tempo em casa, ter aumentado o tempo nas telas, e quem sabe por que mais. Também pensei no processo de alfabetização, e nesse olhar individual, profundo e necessário que a professora estava conseguindo ter de cada aluna/o, e que seria impossível nas aulas “normais”, com mais de vinte crianças na sala, como era antes da pandemia. Sobre isso, na entrevista, Marju relatou:

*A alfabetização passa muito por isso: saber o que eles estão pensando. Cada criança tem um processo, tu vai ter que acompanhar, perguntar o que ele tá pensando, lendo. Claro que com anos e anos de experiencia tu já sabe: “esse aqui está nesse processo”, mas muitas crianças se perdem. Tem aqueles que chamam a atenção o tempo todo, e te pedem o tempo todo, e tu vai atender. E tem aquele que é mais tímido, não te solicita tanto, e quando tu vê: “meu deus, faz uma semana que não chego no caderno e não converso, não pergunto ou não acompanho a atividade de fulano ou fulano”. Daí eu me sinto culpada, me sinto tri mal e digo: agora vocês se aquietem ai! Chega! Agora vou trabalhar aqui. É que as vezes vira um conflito, um campo de guerra (risos) para tu conseguir atender aqueles que não falam. Mas aí que eu te digo: lá pelas tantas tu sente falta disso (risos) (MARJU, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Após escreverem sobre a degustação de chás, as crianças começaram fazer uma atividade do livro. A professora comentou-me que na semana passada fizeram a mesma atividade muito mais rápido porque a fizeram nos primeiros trinta minutos de aula, e que depois desse tempo eles não conseguem prestar mais atenção. Logo Marju convidou às crianças a escolherem um brinquedo. Cada aluna/o pegou um, e ficou brincando na sua mesa, afastadas/os das/os colegas. Falei baixo para Marju: “que triste, né? Cada um brincando sozinho”. “Muito!”, ela respondeu. No dia anterior, elas/es tinham feito uma atividade científica no pátio, que consistia em fazer uma observação, um registro da escola com muita atenção e rigor. Marju mostrou-me os desenhos, que representavam com muita riqueza de detalhes e fidedignidade o pátio da escola.

Figura 9 - Alunos/as do 3º ano realizando uma atividade científica no pátio da escola. Foto tirada pela professora Marju, junho de 2021.



Figura 10 - Registro de observação científica da escola feito por aluna do 3º ano em junho de 2021.



Figura 11 - Registro de observação científica da escola feito por aluno do 3º ano em junho de 2021.



Figura 12 - Registro de observação científica da escola feito por aluno do 3º ano em junho de 2021.



Quando as crianças foram na aula de música, Marju, a professora volante e eu ficamos sozinhas conversando.

*Num dia normal, teria 25 crianças na sala. A gente não consegue dar aula assim que nem hoje, tem que ficar sendo carrasco (...). Tinha um aluno que conseguia prestar atenção apenas 5 minutos, o restante do tempo ficava fazendo cambalhota no chão da sala, sem parar. Mas a gente também podia dar carinho, abraçar, porque mesmo eles estando na terceira série, a gente os abraça e os aperta. Até para contra restar ter sido carrasco (MARJU E CARLA, DOCENTES, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

A saudade do afeto, do contato físico, e dessa mistura inseparável entre amor e bagunça, também foi mencionada por outras docente:

*Eu sinto muita, muita saudade dessa questão afetiva, do abraço, do contato físico, disso eu sinto falta. Principalmente por se tratar de crianças pequenas ainda, para mim eles são pequenos, dez, onze anos, eles são pequenos. Eles têm muito ainda a coisa do brincar, da brincadeira, o compartilhar. Eu vejo uma perda grande por não fazerem atividades em grupo, mais próximos. Eu vejo que isso torna o dia a dia mais individualizado, em termos de realização das atividades, embora a gente consiga fazer ainda algumas adequações, mas eu sinto muita saudade desse tempo, dessa espontaneidade solta. Na verdade, a gente está o tempo todo tendo cuidado para manter o distanciamento, para que eles não retirem a máscara, para que eles não fiquem trocando materiais, a gente precisa cuidar toda vez que eles saem da sala, quem entrou, quem levanta, tem que fazer higienização, a gente precisa estar o tempo todo orientando eles. Então, eu sinto saudade desse tempo solto, da espontaneidade e do estar juntos sem nenhuma raridade. Tz tz tz!!!! Um de cada vez ai! Sem trocar de balanço, senta nesse e fica. Nós já vamos subir. Aproveitem o sol!<sup>56</sup> (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021)*

*Sinto falta das crianças, das famílias, de ouvir barulho na escola, porque há um silêncio na escola comparado a o que era antes. Saudade de tudo como era antes: a correria, a loucura de ir para o almoço todo mundo junto, aquele tumulto na saída, aquele tumulto na entrada, que em alguns momentos a gente se estressava com isso, mas agora a gente vê que não*

---

<sup>56</sup> Entrevista realizada no pátio, enquanto a professora cuidava dos alunos.

*precisava ter se estressado tanto. Faz falta* (JALIZE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

Marju disse que ia trocar de lugar as mesas, pois recentemente tinha tido que dividir a turma em três grupos, pois aos poucos mais alunos retomavam às aulas presenciais. Quando o número de estudantes presenciais superava a capacidade da sala, de acordo ao afastamento de um metro e meio entre as mesas, a turma tinha que ser dividida em mais um grupo. Cada grupo ia à escola numa semana diferente. Na porta de cada sala estava escrito em papel colorido e muito visível o número de estudantes que a sala podia ter. A maioria das salas tinha escrito o número oito ou nove. Ao iniciar um terceiro grupo, Marju teria menos alunos cada semana, por isso decidiu reacomodar as mesas, assim as crianças poderiam se enxergar entre si. Enquanto reinventava a posição das mesas, conversava comigo e com a professora volante:

*Reinventar, tem que reinventar. Odeio a palavra reinventar! / Carla: pois é, se tem que reinventar é porque alguma coisa não tá bem, né? / Marju: É o “tem que” do “reinventar” que eu não gosto!* (MARJU E CARLA, DOCENTES, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Umás semanas depois, durante a entrevista, Marju me explicou o seguinte:

*Eu estava com dois grupos. Deu um pouco de confusão no início, mas se acostumaram, uma semana para cada um estava bom, estava confortável. Daí muitas mães demonstraram interesse em trazer a criança e chegou mais gente, superou o número, então tive que dividir eles de novo. Dividi em três grupos e agora eles começaram a não vir. Porque claro, vem uma semana e fica duas em casa, acaba desestimulando-os. Depois das férias, vou reagrupar para dois grupos de novo, para não perder esses que estão vindo* (MARJU, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

O fato de mais famílias assinarem o retorno presencial, mas não levarem todo dia as crianças à escola, prejudicava às famílias que ansiavam pelo retorno presencial pleno e estavam comprometidas em levar à escola seus filhos/as todo dia, como relata a mãe de Paula<sup>57</sup>:

*Tem pessoas que entendem que a escola é importante, que é fundamental, e tem pessoas que não estão nem aí. O exemplo dos próprios colegas da Paula, que iriam vir, assinaram um termo e disseram que viriam, e se montaram três grupos para que eles não viessem. Isso de*

---

<sup>57</sup> Nome fictício.

*uma certa forma prejudicou a Paula e às outras crianças que estavam vindo toda semana direitinho. Depois do recesso, Marju disse que vai voltar a dois grupos. Para mim é ótimo, porque quando a Paula lhe está funcionando a cabeça, aí ela tem que ficar duas semanas em casa, já perde aquele ritmo (MÃE DA PAULA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Antes de ir embora, Marju perguntou se tínhamos visto as flores bonitas que tinha dado uma planta do pátio da escola (acho que uma Camélia). Falei que tinha visto a foto no Facebook da escola. Ela disse que nunca tinha tido tempo de parar para observar as flores do pátio, e dessa vez conseguiu parar para olhar. No mesmo dia, quando passei pelo pátio, outra docente perguntava a uma colega se tinha visto as lindas flores que deu a planta.

Quando estava por ir embora, Eliane falou-me que seus alunos/as tinham perguntado por mim: “Ela está na escola e ainda não veio visitar-nos”. Eu entrei na sala para cumprimentá-los, mas o dia escolar já estava acabando. Combinei com ela em que os visitaria ao dia seguinte. Perguntei-lhes o que tinham achado do novo grafite na entrada da escola, feito recentemente por Marcelo Pax, um dos principais artistas urbanos de Porto Alegre. Eles disseram que tinham gostado, e Gabriel me perguntou: “Por que não pintam toda a escola assim?”. A obra de arte, ainda não concluída, foi uma doação do artista à escola.

Figura 13 - Obra de arte ainda em andamento na fachada da escola, feita por Marcelo Pax (CeloPax). Acervo pessoal, junho de 2021.



### 5.8 *Minhocas cantando*

16 de junho de 2021 – Quando cheguei, o 3º ano estava com a professora volante e duas crianças, fazendo uma atividade no caderno.

*Mônica: Profe, sabia que nos Estados Unidos estão fazendo vida normal? as pessoas já não usam mais máscara / Carla: É que lá fizeram as coisas bem, vacinaram mais pessoas / Mônica: e aqui na vacina te colocam ar<sup>58</sup>. / Carla: Não, não te colocam ar... e tu pode olhar quando te estão vacinando (3º ANO, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

Quando a turma desceu ao refeitório, fui ao pátio e encontrei a turma B21 na aula de arte com a professora Gabriela, ao ar livre. Já tinha visto outras aulas no pátio, muitas vezes

---

<sup>58</sup> Provavelmente ela lembrou de uma notícia com grande repercussão no Brasil sobre uma idosa a quem tinham colocado ar em vez da vacina contra Covid-19. Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2021/02/14/idosa-recebe-dose-de-ar-no-lugar-da-vacina-contr-a-covid-19-em-petropolis-no-rj.ghtml> Acesso em ago. 2022.

com os/as alunos/as sentados em roda, em cadeiras iguais às das salas. Meses depois, numa reunião do projeto Infâncias e Sustentabilidades<sup>59</sup>, Gislaine contou que no início do ano, quando tiveram que diminuir o número de cadeiras e classes de cada sala por causa do distanciamento, ela pediu para um funcionário deixar algumas cadeiras no pátio, ao invés de guardá-las. Ela queria estimular experiências educativas que ajudem a desemparedar, que significa retirar às crianças dos espaços entre paredes, espaços onde passam a maior parte do tempo, ainda mais durante o confinamento pela pandemia. Gislaine não convidou ninguém a usar as cadeiras no pátio, e por três dias ninguém usou, até que uma professora perguntou se as podia usar para dar uma aula. Outros/as professores/as viram e começaram dar aula no pátio também. “ ‘O pátio das cadeiras’, dizem as crianças. Estar com o meio ambiente, com a natureza, é saúde mental” (GISLAINE, DOCENTE, ENCONTRO VIRTUAL, 2021).

Gabriela perguntou aos alunos se já tinham ido observar o grafite novo na entrada da escola. Eles responderam que sim. Gabriela insistiu, perguntando se tinham saído para observar detidamente, e os/as alunos/as responderam que não. Então saímos para contemplar o grafite. “São E.T.s”, “parece que estão gritando”, “são larvas”, “são minhocas cantando”, “olha sora! esse parece que está de pijama”. Nesse momento chegava a professora Eliane, e tiramos algumas fotos.

Figura 14 - Grupo da turma B21 com a professora Eliane e comigo na frente da escola. Foto tirada pela professora Gabriela em junho de 2021.



---

<sup>59</sup> Projeto descrito no capítulo “Apresentação da Ação de Extensão Carta ao Mundo que Vem”.

Eliane comentou novamente que algumas crianças estavam faltando muito, pois “as famílias também estão se reorganizando”. Percebi que para várias docentes estava sendo um desafio a questão de dividir a turma em grupos, de acordo à quantidade de pessoas por sala permitidas pelo protocolo, pois logo os/as alunos/as faltavam e cada grupo ficava com poucos/as estudantes, gerando desmotivação:

*Eles disseram que estavam cansados de ficar em casa, alguns disseram: “eu não tenho nada para fazer em casa, eu faço as atividades muito rápido”. A gente vê eles com aquela vontade de vir, e ao mesmo tempo todos os dias algum deles comenta: “que bom seria se todos os colegas estivessem aqui na sala de aula, né? Quando vai chegar o dia que todos estejam?”. E eles estão aguardando também, eles falam bastante da vacina, de quando é que vai ter a vacina para os adolescentes e para os pequenos (eles já não se consideram pequenos, crianças) (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Na aula, falaram da horta, pois a maioria da turma tinha votado pela horta para o projeto do meio ambiente. A professora trouxe um livro com desenhos de hortas circulares, estilo mandalas. Enquanto ela falava, algumas crianças pareciam inquietas nas suas cadeiras. Pelo contrário, eu tinha vontade de me sentar. Era uma das grandes contradições da escola: as crianças, com toda sua energia, têm que estar quietas e sentadas, e os adultos, que cansam mais facilmente, tem que ficar de pé. Antes de ir embora, ganhei um novo presente do Marcelo: um novo desenho colorido do meu nome. Ele também tinha feito um para a professora, com o nome dela colorido. Eliane o levava sempre na sua pasta.

### **5.9 Eu gosto muito desta escola**

23 de junho de 2021 – No dia anterior, não houve aulas porque as professoras receberam a segunda dose da vacina. A escola estava enfeitada com coisas típicas da festa junina. Porém, não houve uma festa, para evitar aglomeração. Fui à sala do 2º ano por primeira vez. A professora Letícia contou-me sobre seu projeto de rádio e jornal, em que as crianças que estão indo às aulas presenciais contam como foi a semana para os/as colegas que não foram essa semana à escola, ou que ainda não retornaram ao presencial. O projeto é uma excelente estratégia para melhorar a falta de comunicação entre as crianças de uma mesma turma que não vão na mesma semana, e com as que ainda estudam desde casa.

Na sala tinha quatro crianças. Era o primeiro dia de uma menina. Me apresentei, perguntei como tinha sido esse tempo todo sem escola e o que tinham feito. Uma menina respondeu que brincou muito na rua, de esconde-esconde e de pega-pega. Jogamos com um dado grande com perguntas, para conhecer melhor à nova aluna e que ela conheça os/as colegas também. Às 10h as crianças foram ao saguão para a despedida da professora Claudia, que ia se aposentar e hoje era seu último dia na escola. Todas as turmas e funcionários/as estavam no saguão, mantendo distância entre si. Após a diretora e a vice-diretora falarem uma homenagem à professora, perguntaram se alguém queria dizer algo. Um menino do jardim A levantou a mão, então passaram-lhe o microfone: “Eu gosto muito desta escola”.

### **5.10 *Hoje tu é profe por um dia***

30/06/2020 - Como sempre, cheguei na escola ao redor das 08h30, horário em que ingressa o primeiro e segundo ciclo. O terceiro ciclo ingressa às 9h, e o jardim A e B às 8h. Mediram minha temperatura e fiquei uns minutos no saguão, esperando alguma pista que definia meu rumo. A professora Gabriela apareceu perto de mim e me cumprimentou, mas eu demorei em reconhecê-la, pois tinha muitos agasalhos, e entre a toca de lã e a máscara, só assomavam seus olhos. O dia estava muito frio, 8° de mínima segundo a previsão do tempo. O dia anterior tinha sido ainda pior, com sensação térmica de 2°. Gabriela me disse: “Que frio, lembrei tanto de ti, quando tu me falou da Argentina, do frio que estavam passando as crianças e as professoras nas salas, tendo que ter tudo aberto”.

Eu tinha feito esse comentário umas semanas atrás, quando o frio na Argentina já tinha começado e postagens nas redes sociais mostravam estudantes e docentes nas salas de aula com as janelas abertas, quase congelando. Agora que o frio tinha começado aqui, o saguão onde as crianças aguardavam todo dia estava quase vazio. Perguntei a várias professoras se aconteceu algo, além do frio, para ter tão poucos alunos, mas todas responderam que não, que faltaram pelo frio. Na turma B21 hoje tinha só dois alunos, Marcelo e Iasmin. Eliane me disse que:

*A mãe do Oscar falou que não está mandando-o porque não tem roupa de abrigo para este frio [...]. O Marcelo me manda mensagens no WhatsApp quando não é a semana dele vir na escola. ‘Oi sora’. Eu respondo, fico pensando que ele está sozinho em casa; imagino a mãe dele, como deve ficar preocupada. O Bruno é outro que fica sozinho, a mãe também trabalha. Não mora nessa vila, mora em outra aqui perto. Vem com um ônibus escolar. Na volta, o ônibus*

*o deixa na esquina da casa porque não quer entrar na rua dele* (ELIANE, DOCENTE, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Assim como as mães dos meninos, Eliane também ficava preocupada por eles na semana que não iam à escola. Além de estar em contato com os/as alunas por Whatsapp, as docentes também mantinham contato com as famílias. Na entrevista, perguntei a Eliane se as conversas por Whatsapp com as famílias exigiam tempo fora do seu horário de trabalho, e ela respondeu:

*Isso exige um tempo fora, porque anteriormente, ano passado [2020], quando nós não tínhamos aula presencial, o meu tempo era meu turno de trabalho. Agora no meu turno de trabalho eu tenho os alunos presenciais [...], então eu tenho um tempo mais curto agora. Isso precisa de outros horários durante meu dia a dia para poder dar um retorno às famílias. Algumas famílias conseguem me dar um retorno à noite, finais de semana, eu tenho famílias que mandam perguntas, que estão com dificuldade para orientar as crianças em relação a alguma atividade para realizar. É um tempo que a gente precisa organizar, colocar mais ou menos o tempo que a gente tem de disponibilidade, mas ao mesmo tempo eu me sinto... como é que vou te dizer?... Com um compromisso de estar mais disponível para que eles consigam dar um retorno melhor. Porque se não a gente também dificulta, aumenta uma dificuldade que eles já têm de comunicação em função da internet, da disponibilidade de um celular* (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

Como outras vezes, Eliane me convidou a pronunciar palavras na aula de espanhol, que hoje era sobre os úteis escolares. “Hoje tu é profe por um dia”, me disse. Marcelo perguntou-me o que era “estuche” e eu assinelei seu estojo. “Tu poderia ser profe de espanhol!”, disse a Iasmin para mim, num tom de grande descoberta. Quando terminaram a atividade, eu li as palavras em espanhol e eles repetiram depois de mim, como outras vezes. Ao irmos embora, Marcelo perguntou: “viram que a polícia matou o Lázaro?<sup>60</sup>”. “Sim. Será que não poderiam ter prendido ele, ao invés de matá-lo?”, eu perguntei. “É, eu também acho”, disse Eliane. “Mas ele matou um monte de gente”, disse Marcelo. “Eu não gostei como carregaram o corpo dele”, disse Iasmin.

---

<sup>60</sup> Homem que cometeu vários crimes e estava sendo procurado pela polícia havia vinte dias, tendo grande divulgação dia a dia nos noticiários. Notícia disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/lazaro-barbosa-e-morto-em-operacao-policial-para-prende-lo-veja-video-apos-captura>. Acesso em: 22 ago 2022.

Quando passamos pela horta, perguntei se já tinham conseguido o espaço para a horta circular. Eliane, Marcelo e Iasmin me mostraram um canto que estava escondido. Lá iam cortar umas ramas que entravam da rua, tapando o sol. Também seriam retirados alguns objetos que estavam ali abandonados, para dar espaço à horta-mandala que a turma pretendia construir. O restante do espaço destinado à horta já contava com canteiros retangulares, e eu ficava encantada com a persistência da turma na circularidade da sua horta porvir.

### **5.11 Quando seja grande quero morar aqui**

6 de julho de 2021 - Hoje a maioria das salas estava com a capacidade total de ocupação. No 2º ano tinha sete ou oito crianças fazendo uma atividade muito divertida, com palavras e prendedores, após a contação de uma história com animais. A professora falou que ela e as crianças gostavam da minha visita, pois elas ficavam mais empolgadas para fazer as atividades. Um pequeno que parecia de mal humor na minha primeira visita, desta vez estava alegre e curioso com minha presença.

No 3º ano estava só a Mônica. Já nos conhecíamos, mas perguntou-me novamente qual era meu país. Marju a convidou a chegar perto do mapa e mostramos onde ficava Argentina. Ela olhou as bandeiras embaixo do mapa e disse: “quando seja grande quero morar aqui”, assinalando a bandeira do Brasil. A professora de música veio buscá-la. Enquanto a menina finalizava um desenho, as duas professoras e eu ficamos conversando ao redor dela, de pé. Quando me dei conta, me afastei, pois achei que poderia ser intimidador para a menina. Era estranho sermos mais adultos do que crianças na sala de aula. Sobre a pouca quantidade de alunas, algumas professoras apontaram:

*Poucas crianças que nem hoje, que estou só com uma, tem umas vantagens: a gente consegue observar eles mais de perto, mas tu perde muito na parte da socialização [...]. Uma turma de 20 alunos estaria ótima. Teria crianças suficientes para socializar, e tu ainda conseguiria organizar bem eles. Mas tu não tem, agora a gente está com o extremo de ter poucas crianças, ou então tu tem o extremo de ter muitas crianças e não dá conta (MARJU, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

*Eu estou vivenciando uma coisa inédita [...], que é: tu poder dar uma atenção absurda para os alunos, uma atenção descomunal. E mesmo com 5, 6, 7 eu já tenho que dizer “só um pouquinho, a sora tá atendendo aqui o outro”. [...] eu acho que nosso trabalho, nas condições*

*de uma população tão vulnerável, tão sequestrada de tanta coisa, isso seria o ideal de uma educação: uma turma com 10, 15 alunos. Com tempo para dar atenção a cada um (GABRIELA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

*Acredito que o positivo é esse olhar mais individualizado. Com certeza, um grupo menor, de 6-7 alunos em sala de aula, é muito diferente de conseguir dar um atendimento mais individualizado, de maior qualidade, digamos assim, do que em uma sala de aula com 25-30 alunos (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Na turma da Eliane tinha cinco crianças. Apenas entrei na sala, o Bruno gritou “profe Laura!” e começou o interrogatório:

*Bruno: Em quanto tempo se chega a Argentina de ônibus? / Eu: Em 18 horas. / Bruno: E em avião? / Eu: 1 hora e meia, mas é muito mais caro. / Bruno: Quanto custa? / Eu: A última vez que pesquisei, custava uns 1500 reais. / Bruno: Nossa! E para ir a Rússia, quantas horas são? / Eu: Imagino que umas 16h. / Bruno: E quanto custa? / Eu: Uns 4000 reais, talvez. / Bruno: Melhor ir de ônibus. / Eu: Acho que a Rússia não dá ir de ônibus, tem muito mar no meio. / Bruno: Sabia que uma mulher teve o bebê no banheiro do ônibus e o jogou pela janela? / Eu: Onde foi isso? / Bruno: Por aqui. / Eu: Não sabia / Eliane: Eu também não, onde tu ouviu isso, Bruno? / Bruno: Na Tv, sora. Depois encontraram o bebê. / Eu: Como essa turma está bem-informada! semana passada estavam muito atualizados sobre o Lázaro. / Sophia: Uma amiga minha fala que nem tu. Em que língua tu fala? / Eu: Eu estou falando português. / Sophia: Fala espanhol! / Bruno: Sim, fala espanhol! Eu: Estoy muy ansiosa para ver la huerta circular! (TURMA B21, DIÁRIO DE CAMPO, 2021).*

## **6 ENTREVISTAS CARTOGRÁFICAS**

Retomando o já mencionado no capítulo sobre metodologia: realizei dez entrevistas na escola, em dias e horários combinados previamente com as/os entrevistadas/os, em julho e agosto de 2021 (exceto duas, que aconteceram posteriormente). Cada entrevista durou entre vinte minutos e duas horas, foram gravadas no celular e, logo da sua transcrição, se converteram em quase cem páginas. Essa extensão foi um imprevisto para mim, e foi difícil ter que selecionar só algumas partes para compartilhar, tendo em conta a extensão possível de uma dissertação de mestrado.

Comecei entrevistando às professoras que participavam da ação de extensão. Pedi a uma delas (a Marju) a indicação de algum familiar de aluno/a para entrevistar, e ela me apresentou à mãe de uma aluna, que aceitou realizar a entrevista na escola. As funcionárias entrevistadas foram indicadas pela vice-diretora (Gislaine), que sugeriu conversar com uma funcionária dos serviços gerais que também é mãe de uma aluna da escola, e com uma funcionária da cozinha. Para minha surpresa, todas as funcionárias que estavam na cozinha nesse dia quiseram participar da conversa. A maior dificuldade foi conseguir entrevistar à diretora e à vice-diretora, pois houve várias remarcações de dia e horário, já que nessa época (final de agosto) estavam com mudanças constantes na organização escolar e nos protocolos sanitários, além de uma enorme quantidade de trabalho burocrático, e sob grande estresse. Quando perguntei se achavam algo positivo da pandemia, na sua experiência profissional na escola, elas refletiram e ficaram um tempo em silêncio:

*Gislaine: Acho que é coletivo esse sentimento dos diretores de escola de exaustão.*

*Soraia: Muito cansativo, exaustivo. Acho que a mantenedora ainda não percebeu o papel da gestão, da equipe diretiva, porque eles não nos estão dando condições de trabalho, de valorização. No momento em que eles dizem que tem direito a planejamento fora da escola só quem é professor, eles estão negando o direito do supervisor, que em casa passa uma boa parte do seu tempo planejando atividades, planejando o trabalho para encaminhar aos professores. Trabalho sábado, trabalho domingo, trabalho de noite, abro e-mail, respondo e-mail, respondo aos pais, respondo à comunidade. A gente não para, a gente trabalha o tempo inteiro. E eles não fazem esse reconhecimento [...]. Imagina: Tu organiza o trabalho com os professores, com os pais, os alunos, toda uma organização. Daí, na outra semana, tu recebe uma orientação diferente, tu tem que reorganizar tudo de novo. Só para ir ao refeitório, a gente ficou três, quatro dias com a técnica de nutrição pensando como fazer uma logística, porque tudo é uma logística. Para receber no portão, para encaminhar os alunos, para dividir os grupos A, B, C. Tem sido bem cansativo, sabe? [...].*

*Gislaine: É muito louco, Laura. Por exemplo, aqui [assinala um quadro com horários e turmas] nossa organização para cuidar os recreios a partir de amanhã. A gente vai ter três horários de recreio, e em cada recreio a equipe tem que acompanhar o pátio. E vai todo mundo a cuidar o recreio: vou eu, a Soraia, a supervisão, a orientação, a secretaria, todo mundo tem que cuidar o recreio. Ai tu para tudo o que está fazendo (prestação de contas, responder e-mail, abrir processo) e vai para o recreio. Não tem nenhum problema ir para o recreio, mas*

*nos faltam pessoas, nos falta estrutura. O RH tem sido um setor bastante acolhedor, tem feito o possível para repor pessoas nas escolas, mas não dá conta também. A gente tem falta de RH ainda [...]. A gente não está tendo final de semana, não está tendo noite, como disse Soraia, a gente trabalha o tempo inteiro. É no Whatsapp, respondendo e-mail, alimentando o Facebook da escola, respondendo aos pais no Messenger, porque também os pais ficam ansiosos e querem respostas.*

*Soraia: Sabe que antes a gente tinha uma carga horária para uma pessoa que era responsável por esses eventos da parte cultural? A gente tinha 10 horas de parte cultural. A pessoa ia buscar, por exemplo, peças de teatro, apresentações teatrais na escola, ir a museus, ingressos grátis. A pessoa fazia toda essa busca para que a escola estivesse sempre num movimento cultural, alimentava o Facebook, e a SMED também tirou fora [na gestão anterior].*

*Gislaine: É a direção para tudo, Laura. Para a parte burocrática, administrativa, pedagógica, para e-mails [...]. A supervisão é consumida com demandas administrativas porque a SMED funciona de uma forma bem administrativa, a gente sempre tem planilhas para alimentar, tabelas, Google Forms para responder. A supervisão sempre fazendo e refazendo horário. A supervisão é a coordenação pedagógica né, que articula também essas coisas, mas é muito consumida pelo burocrático. Bem puxado. A gente não tem uma pessoa que fique só em questões pedagógicas. Não tem. O pedagógico sempre é consumido por outras coisas. Não se discute pedagogia, não se discute currículo, não se para analisar as práticas, para repensar e redimensionar um percurso. E é estratégico, isso é uma escolha política (SORAIA E GISLAINE, DIRETORA E VICE-DIRETORA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

## **6.1 Entrevistas cartográficas: com quantos verbos se faz uma retomada?<sup>61</sup>**

Considerando que as entrevistas geraram um material muito extenso, meu orientador e eu optamos por trabalhar com as transcrições de modo inventivo. Resolvemos seguir as pistas deixadas por Kastrup (2019, p. 101) quando fala da necessidade de uma atenção inventiva em relação aos problemas que criamos em nossas pesquisas cartográficas, uma atenção que opere “por circuitos inventivos que vão produzindo sentidos num movimento sucessivo de retomada

---

<sup>61</sup> Referência ao livro “Com quantos verbos se faz uma pesquisa?”, que será publicado ainda em 2022, e foi organizado pelo Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC) da UFRGS. Trata-se de um trabalho em torno dos verbos que conjugamos em nosso fazer como pesquisadores, ensinantes, e/ou extensionistas, no qual escrevi o capítulo sobre o verbo “conversar” junto a duas colegas do meu grupo de pesquisa, a mestranda Tatiele Mesquita Corrêa e a doutora Bruna Moraes Battistelli.

de um problema que se fecha sem se esgotar num único sentido ou solução”. Desta forma, fomos extraindo das entrevistas verbos que pudessem expressar a experiência de retomada para cada pessoa entrevistada, priorizando o aspecto potencializador dela, ou seja, aquele que mostra o que merece e deve ser retomado. Temos ciência de que as entrevistas deverão ser melhor trabalhadas em trabalhos e artigos vindouros, mas por ora pensamos que seria interessante a apresentação por meio destes dez verbos.

### 6.1.1 Tatear

*A gente foi seguindo, **tateando** como a gente diz, procurando um melhor caminho para estar alcançando atividades para os alunos. Então foi bem difícil* (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

### 6.1.2 Brigar (por amor)

*Mas aí que eu te digo: lá pelas tantas tu sente falta disso (risos). Estava conversando com a Luíza<sup>62</sup> da secretaria: “ai, que saudade de brigar com eles! que vontade de ter umas crianças que vou brigar!” (risos). **É uma briga, mas é uma briga de amor.** Aquela coisa: Fulanoooo, olha aí, o que tu fez? Onde que já se viu?! (risos)”* (MARJU, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

### 6.1.3 Arriscar

*Uma criança que treme as perninhas porque ela tem que correr um metro de uma cadeirinha a outra... e hoje só fiquei observando: “ai machuquei meu pé”. E não aconteceu nada. **É o corpo que perdeu a experiência do arriscar-se.** Não saber saltar, correr. Ter medo. O corpo inerte. Não sedentário, mas apático, inerte. Aprender a brincar no convívio de novo. Uma ressocialização, porque existe um desaprender. Nunca foi muito fácil, eu te confesso. Sempre foi extremamente difícil esse trabalho, porque é muito conflito com que tu lida, que tu gera. O jogo provoca isso: questões de gênero, de competição, de saber ser generoso, esperar. E eu não falo de jogo competitivo, falo de jogo dramático, teatral, do jogo da brincadeira* (GABRIELA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

---

<sup>62</sup> Nome fictício

#### 6.1.4 Envolver-se

*Teve a questão do incêndio também, que foi muito chocante. Teve uma campanha muito grande, um movimento muito grande de toda a comunidade, de todos os professores e funcionários para arrecadar e conseguir reconstruir a rotina dessas famílias que ficaram sem casa, sem comida, sem roupa, sem nada. No dia seguinte ao incêndio cheguei lá na escola para levar minhas doações e tinha muita gente, mas era muita gente, e muita doação na escola. Foi um momento lindo de ver, mesmo com as dificuldades que a gente sabia que eles tinham (alguns não trabalhavam, outros trabalhavam e iam na escola em algum horário vago para ajudar) [...], conseguiram se envolver, se engajar para uns ajudarem os outros. Foi chocante por saber da realidade deles, porque parece que é uma coisa que está só na Tv. Quando a gente chega na escola numa comunidade que precisa muito do auxílio que a prefeitura não dá, infelizmente, é que a gente vê que aquela realidade existe, é de verdade (JALIZE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

Figura 15 - Alunas/os do 2º ano com sua professora no lugar do incêndio, próximo à escola. Acervo pessoal, 2021<sup>63</sup>



<sup>63</sup> Foto com efeito artístico adicionado para resguardar a identidade dos/as alunos/as. Na foto pode se ver o lugar do incêndio mencionado acima, na narrativa da professora Jalize. No cartaz assinalado pela professora do 3º ano, diz: “reconstrução do beco da vila Cai Cai” e a Neusa Goulart Brizola aparece entre os apoiadores. A foto foi tirada por mim quando acompanhei os alunos do 2º ano a uma caminhada pela comunidade em busca de jornal, para um projeto que a professora estava desenvolvendo na época.

### 6.1.5 Transitar

*No início eu senti bastante falta até desse barulho, porque não parecia uma escola, era silêncio total. Tu subia e tinha três, quatro, cinco alunos na sala de aula, e esse barulho que tem agora de ir para educação física, não tinha, porque não tinha educação física no pátio. **E eu senti muita falta** não do barulho, mas do movimento, vamos dizer assim: **desse transitar deles pela escola** (RITA, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

### 6.1.6 Reunir-se

*Soraia: Sentimos falta de ter um espaço de reuniões pedagógicas. A gente tinha antigamente nas quintas-feiras reuniões pedagógicas entre todos da escola. Com a entrada do Marchezan foi retirada essa reunião pedagógica e [...] sem reunião é muito complicado. Hoje a gente conseguiu de manhã em função da dedetização da cozinha.*

*Gislaine: **uma reunião bem bacana. Fazendo concepções, fazendo alguns resgates, pensando no futuro, no aspecto curricular, projetando.** A prefeitura, a SMED, disparou a discussão da proposta pedagógica da rede. Só que essa discussão está sendo feita só com diretores e supervisores. Não é com a representação da rede, porque os diretores e supervisores não representam a rede, existem os professores, existem os pais, alunos. E a gente está sentindo falta dessa discussão mais ampliada sobre a questão pedagógica [...]. E como a gente viveu esse processo democrático por muitos anos, de se reunir, discutir, sistematizar com toda a comunidade escolar, a gente sente falta. E a gente fica muito restrito. Tu apresentar uma proposta pedagógica para a rede em nome de diretor e supervisor, que não é representação de toda a rede. Porque a gente nem consegue conversar, nem consegue reunir nossos professores para dizer o que está sendo discutido no grupo dos diretores, dos supervisores. E isso vai dando um cansaço, porque hoje de manhã a gente se reuniu e falta tempo, todo mundo quer falar, todo mundo quer discutir, todo mundo quer estudar. A gente não estuda mais. É uma rede que estudava muito, e não estuda mais. Não tem mais oportunidade de estudo, de estudo coletivo (SORAIA E GISLAINE, DIRETORA E VICE-DIRETORA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021)*

### 6.1.7 Comer

*Cozinheira: A única coisa que me marcou foi um gurizinho que chegou no portão e perguntou: “tia, quando é que a cozinha vai voltar? **Porque eu estou com fome, tenho que comer**”. Aquilo me marcou.*

*Cozinheiro: E não é só ele né, quantas crianças vem aqui pela alimentação. Eles valorizam de mais a comida. Eles não têm na casa deles, muitas vezes, a qualidade que a gente tenta oferecer aqui (FUNCIONÁRIAS/OS DA COZINHA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021)*

### 6.1.8 Divertir-se

*Ela agora está superfeliz. Ela chega em casa contando tudo o que está aprendendo, que aprendeu coisas novas. Eles estão, esses dias, com essas lentes de aumento, as lupas, procurando umas flores. **Tudo para ela é diversão na escola**, ela está aprendendo, se divertindo, ela está outra criança agora, olhando do ano passado a esse ano, até uns meses atrás, ela está outra criança (FUNCIONÁRIA DOS SERVIÇOS GERAIS E MÃE DE ALUNA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).*

### 6.1.9 Precisar

*Eu trago ela todo dia. Está chovendo? não interessa, pego um guarda-chuva e venho. Muitos assinaram presencial e não vêm, daí tiram a oportunidade de quem realmente quer vir. Eu quero que ela venha, é fundamental. Ontem eu disse para meu marido: “tu acredita que só a Paula<sup>64</sup> foi?”, “ah sim, mas tá frio, por mim ela não ia”, “mas tu tá na moto, tá trabalhando, e eu não vou ficar parada dentro de casa”. **Ela tem que ir, ela precisa ter atividade, ela tem que ter uma rotina**. Já basta os dias que ela não tem aula, que ela dorme até o meio-dia. Então no dia que tenha aula, ela tem que ir para aula. Ela tem que fazer alguma coisa, tem que ver as pessoas, os colegas, os amigos, ela tem que se divertir, se não só fica deitada, com o celular na mão, e não faz mais nada [...]. Se não estiver bem, se ela está com tosse, está gripada, não*

---

<sup>64</sup> Nome fictício.

*tem como ir, aí tudo bem, ela não vai. Mas do contrário, ela vai* (MÃE DA PAULA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021)

#### **6.1.10 Reafirmar**

*Eu acho que a escola vai precisar reafirmar esse compromisso com a sua comunidade. Não sei como, porque a escola compete com todos os outros órgãos e instituições que também trazem informação, e às vezes uma informação distorcida, uma informação equivocada, uma informação que é contrária a o que a gente entende, a o que a gente trabalha com as crianças como ciência, como modos de viver, de conviver. Então acho que a gente vai ter que retomar isso, e o currículo da escola é o primeiro que vai precisar ter essa retomada* (ELIANE, DOCENTE, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A retomada das atividades presenciais na EMEF Neusa Goulart Brizola durante a pandemia de Covid-19 foi uma realidade muito desafiadora para toda a comunidade escolar, especialmente pelo momento político de governos de direita em que nos encontramos a nível nacional, estadual e municipal neste período. A principal motivação de reabertura das escolas sempre foi a retomada total da economia, tanto que a vacinação das docentes nunca foi uma prioridade, nem o investimento em infraestrutura escolar, nem a gratuidade da internet e equipamentos para que os/as alunos/as possam dar seguimento às aulas durante o longo fechamento das escolas. Isto gerou um grande desafio para as docentes em 2020, ao se depararem com o pouco retorno das crianças às atividades propostas pela plataforma CórTEX.

Outro grande desafio observado e mencionado pelas docentes, diz a respeito do pouco assessoramento pedagógico que receberam por parte da SMED neste período, tendo que dar conta sozinhas desta parte e, enquanto isso, ao mesmo tempo tinham que cumprir e se adequar a um monte de protocolos sanitários que mudavam toda hora. Isso gerou um grande estresse e exaustão, especialmente à equipe diretiva, que tinha que readaptar e reorganizar horários, espaços, funcionários/as etc.

Várias docentes e funcionárias relataram saudade de abraços, do contato físico, dos trabalhos em grupo, e até da bagunça. Mas como positivo, as docentes puderam dar uma atenção muito mais profunda e individualizada aos poucos alunos/as que estavam presentes nos meses

que acompanhei a retomada. Porém, sempre estavam preocupadas pelos que não estavam vindo, seja porque as famílias ainda não tinham assinado o retorno presencial, seja porque estavam no presencial, mas faltavam muito. Essas faltas tornaram desafiadora a questão da divisão das turmas em grupos.

Algo que me chamou a atenção durante o tempo que acompanhei este processo de retomada, e que me motivou a escolher este tema de pesquisa, é o enorme engajamento, motivação, dedicação, vocação e experiência das docentes da Neusa. A preocupação pela comunidade, a organização de vaquinhas, doações, cestas básicas, o contato através de redes sociais com alunos/as e suas famílias fora do horário de trabalho, as conversas em que me contavam sobre as saudades, e o orgulho com que me mostravam trabalhos dos/das seus/suas alunos/as, sempre me contagiou motivação e esperança, num ano em que isso não estava sendo muito abundante.

Na entrevista, a diretora me disse que “o grupo, as professoras, a escola, toda essa rede teve um crescimento muito grande, é uma rede corajosa. Mesmo não tendo muitas condições conseguiu romper várias barreiras, de muita luta, muita batalha, e é uma rede que está resistindo ainda” (SORAIA, DIRETORA, ENTREVISTA CARTOGRÁFICA, 2021). Eu também pude perceber isso, e me pergunto como seria se houvesse outras condições mais favoráveis, pois mesmo com tanta falta de recursos conseguiram e conseguem ter muita força e vontade de trabalhar, ensinar, refletir, e construir uma escola melhor.

Apesar da desigualdade social, a falta de assessoramento pedagógico, o negacionismo do governo, as jogadas políticas para forçar o retorno às aulas antes da vacinação das docentes, e tantas outras dificuldades com que as escolas públicas se depararam nestes anos pandêmicos, o processo de retomada trouxe novos possíveis. Trouxe reflexões sobre qual é, e qual poderia ser o papel da escola e que coisas merecem ser retomadas. Nesta dissertação, busquei trazer momentos, conversas e imagens que mostrem isso, acompanhando os processos de subjetivação da comunidade escolar da Neusa Goulart Brizola de forma cartográfica, isto é, aberta a o imprevisível e a o traçado do caminho ao andar.

Estando na Neusa, por vezes me senti novamente criança, outras vezes me senti docente, e outras vezes pesquisadora. Muitas vezes me senti confusa, perdida na minha própria cartografia, com certa vergonha de perguntar o que não entendia e com medo de atrapalhar. Porém, sempre fui muito bem acolhida, e surgiram vínculos que irão além desta pesquisa. Uma

pergunta interessante, antes de finalizar, é: quando acaba a retomada? Pois até a última visita descrita na dissertação, ou até a última entrevista realizada, a retomada ainda existia. Refletindo um dia com meu orientador sobre isto, chegamos à conclusão de que a retomada é um processo de vida e que, como apontado por Farias (2018), cartógrafo de outra retomada (mencionada no capítulo 2), estar numa retomada sempre convida a retomar algo mais.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.
- AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jessica Guimarães. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, v. 4, p. 52-76, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Brasília, 2000. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM**. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.
- CAMACHO, Alessandra Conceição Leite Funchal et al. Alunos em vulnerabilidade social em disciplinas de educação à distância em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e275973979-e275973979, 2020.
- DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, p. 05-28, 2011.
- FARIAS, João Maurício Assumpção. **Retomada Mbya-Guarani no Yvyrupá: produção de subjetividade, agenciamentos e criação de estratégias de luta**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. Editora Elefante, São Paulo, 2019.
- FERRARO, Giuseppe. **A escola dos sentimentos**. Rio de Janeiro: Edições NEFI, 2018.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 2014.
- FUHR, Guilherme; GERHARDT, Cleyton Henrique; KUBO, Rumi Regina. Entre Aldeia Kaingang ou Parque Natural: o processo de configuração de um conflito socioambiental na disputa pelo Morro do Osso, Porto Alegre, RS. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 26, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, n. 92/93: 69–82, 1988.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**, v. 19, p. 15-22, 2007.

KASTRUP, Virgínia. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. **Revista Polis e Psique**, 2019, p. 99-106.

KUSCH, Rodolfo. **Indios, Porteños y Dioses**. Ed. Fundación Ross, Rosario, 2000.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania, estado de exceção, política da morte. Arte & Ensaios. **Revista do ppgav/eba/ufrj**, n. 32, 2016.

MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020.

PANDEMIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pandemia/>. Acesso em: 7 Abr. 2021.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 10, n. 1, p. 85-102, 2010.

PONTES, F. R.; ROSTAS, M. H. S. G. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, n. ESPECIAL, p. 278-300, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923>. Acesso em: 8 abr. 2021

PORTO ALEGRE. Decreto Nº 20.499, de 16 de março de 2020. Dispõe sobre medidas a serem adotadas para o enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do novo Coronavírus (COVID-19) no Município de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal,

[2020a]. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/portoalegre/decreto/2020/2049/20499/decreto-n-20499-2020-dispoe-sobre-medidas-a-seremadotadas-para-o-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-decorrente-do-novocoronavirus-covid-19-no-municipio-de-porto-alegre>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PORTO ALEGRE. Decreto Nº 20.761, de 16 de outubro de 2020. Altera o inc. III do art. 19, o caput e o § 3º do art. 42 do Decreto nº 20.625, de 23 de junho de 2020, para permitir familiares agrupados em missas, cultos e similares e liberar o ensino fundamental e médio. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, [2020b]. Disponível em:

[http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/3663\\_ce\\_302921\\_1.pdf](http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/3663_ce_302921_1.pdf). Acesso em: 30 mar. 2021.

RETOMADA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/retomada/>. Acesso em: 7 Abr. 2021.

RETOMAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/retomar/>. Acesso em: 7 Abr. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Nº 55.118, de 16 de março de 2020. Estabelece medidas complementares de prevenção ao contágio pelo COVID-19 (novo Coronavírus) no âmbito do Estado. Porto Alegre: Governo do Estado, [2020a]. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/decreto-55118.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Nº 55.240, de 10 de maio de 2020. Institui o Sistema de Distanciamento Controlado para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, reitera a declaração de estado de calamidade pública em todo o território estadual e dá outras providências. Porto Alegre: Governo do Estado, [2020b]. Disponível em: [http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid\\_Tipo=TEXTO&Hid\\_TodasNormas=66393&hTexto=&Hid\\_IDNorma=66393](http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=66393&hTexto=&Hid_IDNorma=66393). Acesso em: 30 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Nº 55.435, de 11 de agosto de 2020. Altera o Decreto nº 55.240, de 10 de maio de 2020, que institui o Sistema de Distanciamento Controlado para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, reitera a declaração de estado de calamidade pública em todo o território estadual e dá outras providências. Porto Alegre: Governo do Estado, [2020c]. Disponível em: <https://www.diariooficial.rs.gov.br/materia?id=455620>. Acesso em: 30 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Nº 55.465, de 5 de setembro de 2020. Estabelece as normas aplicáveis às instituições e estabelecimentos de ensino situados no território do Estado do Rio Grande do Sul, conforme as medidas de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) de que trata o Decreto nº 55.240, de 10 de maio de 2020, que institui o Sistema de Distanciamento Controlado e dá outras providências. Porto Alegre: Governo do Estado, [2020d]. Disponível em: [http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid\\_Tipo=TEXTO&Hid\\_TodasNormas=68761&hTexto=&Hid\\_IDNorma=68761](http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=68761&hTexto=&Hid_IDNorma=68761). Acesso em: 30 mar. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Nº 55.856, de 27 de abril de 2021. Altera o Decreto nº 55.240, de 10 de maio de 2020, que institui o Sistema de Distanciamento Controlado para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, reitera a declaração de estado de calamidade pública em todo o território estadual e dá outras providências; o Decreto nº 55.465, de 5 de setembro de 2020, que estabelece as normas aplicáveis às instituições e estabelecimentos de ensino situados no território do Estado do Rio Grande do Sul, conforme as medidas de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) de que trata o Decreto n.º 55.240, de 10 de maio de 2020, que institui o Sistema de Distanciamento Controlado e dá outras providências; e o Decreto nº 55.799, de 21 de março de 2021, que institui medidas sanitárias extraordinárias para fins de prevenção e de enfrentamento à pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Governo do Estado, [2021]. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202104/28092757-55586-27042021.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SCHLEICHER, Andreas. The Impact of COVID-19 on Education: Insights from "Education at a Glance 2020". **OECD Publishing**, 2020.

SILVEIRA, Fabrício. Recepção dos meios, hibridações e identidades culturais na periferia de Porto Alegre. Um ensaio etnográfico. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 1, n. 1, 2003.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. **Cadernos de leitura**, v. 62, p. 1-15, 2017.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência-pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 338-360, 2018.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. **São Paulo: Cosac Naify**, 2015.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 281-298, 2013.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, p. 299-322, 2013.

TONUCCI, Francesco. Cuando empecemos de nuevo debemos inventar otra escuela. [Entrevista concedida a Gustavo Sarmiento]. **Otras Voces en Educación**, 21 mai. 2020. Disponível em: <http://otrasvoceseneducacion.org/archivos/347813>. Acesso em: 6 abr. 2021.

UNICEF et al. COVID-19: Are children able to continue learning during school closures? A global analysis of the potential reach of remote learning policies. **UNICEF DATA**, 2020. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/remote-learning-reachability-factsheet/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

UNICEF. **UNICEF alerta: garantir acesso livre à internet para famílias e crianças vulneráveis é essencial na resposta à Covid-19**. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis>. Acesso em: 6 mar. 2021.

WORLD BANK, UNESCO AND UNICEF. The state of the global education crisis: A path to recovery. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/state-global-education-crisis>. Acesso em: 21 abr. 2022.

## **APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARJU**

**Realizada em 20 de julho de 2021**

### **Identificação:**

Marju de Marchi – professora do 3 ano. Pedagogia com pós-graduação no ensino de história. Trabalha com educação há 30 anos e na Neusa há 1 ano e meio.

**Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo em 2021? (maiores desafios; caso seja professora: que tiveram em conta ao dividir os grupos de cada turma e como está sendo o acompanhamento de quem não está no presencial?)**

Primeiro a questão de desacomodar né. Tu está uma vida inteira trabalhando de uma forma e de repente tu cai em um universo totalmente diferente do que tu estava acostumada. Eu sou do tempo do miógrafo ainda, e de repente eu vou ter que lidar com toda uma questão de tecnologia, que é desafiadora, mas principalmente da falta dos instrumentos. Os municípios já deveriam estar mais adiantados nessas questões de adaptação da tecnologia para a realidade. Principalmente no ano passado, a gente ficou um tempão no vácuo, sem ter contato com as crianças, os professores super preocupados com as questões de aprendizagem e ficar assistindo as escolas particulares, outros sistemas estarem se enquadrando num esquema, tendo contato com seus alunos e continuando dando aula, e a gente simplesmente não tendo nenhum tipo de assistência, não podendo dar assistência para os alunos sem os recursos necessários. E esse continuou e agora tem essa questão do ensino semipresencial, e não é algo que esteja realmente atendendo, não está atendendo as necessidades educacionais nem dos professores nem dos alunos. O que a gente tem é algo que está tapeado. A questão que acho mais grave é esse distanciamento entre quem tem condições, acesso à tecnologia... está-se criando um abismo entre as classes sociais, quem tem condições de estudar e quem não tem. Já existia um abismo, agora esse abismo está infinito. A gente vê que tem alunos que não têm diferença nenhuma. Eu vejo com filhos de amigas, e sobrinho, eles estão estudando normal, eles têm aula normal em casa. Claro que estão perdendo em convivência com seus pares, mas em termos de conteúdo e aprendizagem eles continuaram, e nossos alunos aqui estão estagnados.

As questões de [diferentes] níveis de aprendizagem, a gente enfrenta normalmente, no cotidiano escolar. A gente enfrenta isso sempre, principalmente no ciclo de alfabetização. A gente chega

no terceiro ano, temos alunos já alfabetizados e alunos que ainda não. Só que isso se agravou, porque as vezes no primeiro ano alguns já estão alfabetizados, e outros estão em processo, e isso é concluído no segundo ano, a maioria [das vezes]. No terceiro ano ainda tem um ou outro caso, mas é uma coisa mais pontual. E agora um ou outro que conseguiram se alfabetizar em casa. Eu tenho uns dois ou tres casos no máximo. Eu tenho vários alunos que teriam que começar o primeiro ano de novo... e ano que vem vão para o quarto. Esses professores do quarto vão ter que fazer um trabalho alfabetizador, não tem como avançar. Podem avançar ampliando conteúdos, conhecimentos, mas no processo de ensino-aprendizagem vão ter que alfabetizar.

*Roberta entra na sala porque está congelada, e nessa sala bate o sol.*

O segundo ano eles não tiveram, e o terceiro ano esta sendo complicado. Aqueles que se propuseram a vir na aula não estão vindo, os que estão em casa a gente não tem certeza do tipo de assistência que estão tendo para fazer as atividades. Antes [no início desse ano] a gente enviava e recebia as atividades pelo whatsapp. Agora eu recebo as folhas impressas. Eu tenho alguns alunos que sei que tem uma boa assistência familiar, e outros que sei que não tem nenhuma assistência, não estão alfabetizados e que tem alguma dificuldade de aprendizagem.

### **Com os que não assinaram o presencial tu tem algum contato?**

Agora não, muito pouco. Antes eu estava sempre encima, sempre mandando atividades, cobrando pedindo. Agora eu aviso “ô, tem atividades”, depois eu passo lá na secretaria, pego a listinha de quem está vindo ou não, chamo para falar “tem que buscar a atividade”, mas as famílias se distanciaram. No retorno presencial eu estou com eles aqui, não tenho como ficar atendendo as famílias. Eu fico atendendo aos que estão aqui, não tenho todo o tempo para me dedicar para atender as famílias pelo Whatsapp.

### **E com os que nunca retornaram?**

Pouquíssimo contato, através do Whatsapp.

### **E esses que não estão retornando?**

Tem uma mãe que me chama sempre para falar comigo, ela não está perto, então ela recebe as atividades por email e me manda o retorno por whatsapp. E as outras vem, entregam atividade, pega atividade, busca atividade, mas quase não conversam comigo. Era para ter 16 vindo, mas no fim deve ter uns 12, e aí se eu tenho 12 vindo, são 14 não vindo. Eu tenho mais criança em educação domiciliar, e aí eles vem buscar o material impresso uma vez por mês.

### **A divisão dos grupos é algo muito desafiador?**

Eu tava com dois grupos, deu um pouco de confusão no início mas se acostumaram, uma semana para cada um tava bom, tava confortável. Ai muitas mães demonstraram interesse de trazer a criança e chegou mais gente, ai vai superar o número, então vou dividir eles de novo. Dividi em três grupos e ai agora eles começaram a não vir. Porque claro, vem uma semana e fica duas em casa, acaba desestimulando eles. Agora depois das férias vou reagrupar para dois grupos de novo, para ter ao menos esses que estão vindo, virem uma semana sim e outra não, para não perder esses que estão vindo.

### **Sentes falta/saudade de algo?**

Nossa! A lista das saudades é imensa. De tudo né... do cotidiano mais agitado, mais animado, dos desafios diários, da convivência diária, de poder atender los, realmente atendelos porque assim do jeito que esta....não é nem de perto a mesma... e depois a gente pode ampliar para a vida isso. Não tem festa, porque na escola a gente faz muita festa com eles. Comemora se tudo... a festa junina que é a melhor de todas, tem os aniversários, agora teria uma festa de encerramento do primeiro semestre... tudo se comemora, isso é uma forma de estimular. É parte da socialização. Poucas crianças, que nem hoje que estou só com uma, tem umas vantagens, a gente consegue observar eles mais de perto, mas tu perde muito na parte da socialização.

### **Tem algo que aches positivo ou que gostarias que se mantenha após a pandemia?**

Essa questão é uma questão antiga que os professores reivindicam: com menos alunos tu consegue ter um acompanhamento muito mais aprofundado das aprendizagens, que numa sala cheia... a escola não esta nem de perto com o andamento do que é. É uma comunidade bem difícil, as turmas normalmente são bem disciplinadas, eles estão em fila no refeitório e aquilo é um campo de guerra, é demais. Mas também não pode ser de menos. Uma turma de 20 alunos estaria ótima. Teria crianças suficientes para socializar e tu ainda conseguiria organizar bem eles. Mas tu não tem, agora a gente esta com o extremo de ter poucas crianças ou então tu tem o extremo de tu ter muitas crianças e não dá conta. Professor me dizer que dá conta de 30 crianças, da aprendizagem de 30 crianças é mentira, não tem como.

A alfabetização passa muito por isso: saber o que eles estão pensando. Cada criança tem um processo, tu vai ter que acompanhar, perguntar o que ele tá pensando, lendo. Claro que com

anos e anos de experiencia tu já sabe “esse aqui esta nesse processo”, mas muita crianças se perdem. Tem aqueles que chamam a atenção o tempo todo e te pedem o tempo todo e tu vai atender, e tem aquele que é mais tímido, não te solicita tanto e quando tu vê “meu deus, faz uma semana que não chego no caderno e não converso, não pergunto ou não acompanho a atividade de fulano ou fulano. Daí eu me sinto culpada, me sinto tri mal e digo: agora vocês se aquetem ai! Chega! Não quero ouvir tua voz! que agora vou trabalhar aqui. É que as vezes vira um conflito, um campo de guerra (risos) para tu conseguir atender aqueles que não falam. Mas ai que eu te digo: lá pelas tantas tu sente falta disso (risos). Estava conversando com a Marcia da secretaria: “ai que saudade de brigar com eles” (risos), que vontade de ter umas crianças que vou brigar! (risos). É uma briga, mas é uma briga de amor. Aquela coisa: Fulanoooo, olha ai, o que tu fez? Onde que já se viu?! (risos). Lucas é a preguiça em pessoa. Eu estava conversando com ele e em tudo ele coloca empecilhos, ai eu disse chega, acabou, tu vai fazer e deu, a vida não é celular, vamos lá, vamos se mexer. A gente tenta tirar eles do lugar de esse lugar de não sei, não gosto...“Éu não consigo”, eu digo não, não consigo é proibido, tem que tentar, se não tentar tem que tentar até conseguir, o não consigo não existe. Eu não sei se eles têm esse tipo de estímulo em casa. O não consigo já temos, agora vamos para o consigo.

### **Como tu vê o papel da gestão municipal no que diz respeito ao teu trabalho na escola?**

A gente começou a pandemia com uma gestão que era péssima, que não tinha olhar nenhum, era horrível. Essa gestão esta um pouco melhor. Eu digo pelo esforço da secretaria da educação, que é bem comprometida. Mas o Melo já é aquela coisa neoliberal de querer sucatear o público para vender, fazer parceria publico-privada. Quando a gente tentou resistir a volta as aulas por não ter vacina, eles queriam colocar as crianças em escolas particulares. Não sei a troca de que as escolas particulares iam receber alunos da rede pública. E continuam as crianças sem internet, sem tablet. Percebe-se uma boa vontade da secretaria de educação no sentido de tentar fazer alguma coisa, mas é preciso recurso, dinheiro, investimento, e não tem nenhum. Em casa eu trabalho com meus dados, atendi as crianças sempre com meus dados. As famílias que não tem celular, que tinha muitas com esse problema, continuam. Eu não consigo fazer uma aula online porque a maioria não tem acesso ao telefone durante a manhã, que eu posso fazer aula online, os pais estão usando né. Então as gurias que conseguem fazer no final da tarde, no final de semana, é um absurdo, um absurdo. Ninguém aqui recebe salário (o salário está congelado há muito tempo), para estar trabalhando no final da tarde, um sábado.

### **Como se deu o apoio pedagógico (caso seja professora) e emocional neste período? De onde veio?**

O apoio que a gente tem é da escola, dos colegas, da troca. De nós por nós mesmos. O Emericida tem uma música: “tudo que nós tem é nos”. E é isso: tudo o que a gente tem é gente mesmo. A secretaria tem boa vontade mas fica que nem um ratinho dentro do labirinto. Ajuda efetiva não. E é assim, alguma trocando “ ah eu fiz tal coisa com meus alunos e deu certo” “eu consegui assim” “eu fiz assado”, e é assim que a gente se ajuda.

### **Como tu percebes os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?**

As famílias estão perdendo o emprego, “eu tava trabalhando mas já não tã, agora estou em casa” ou “não tenho com quem deixa” . A primeira questão foi essa: com quem deixar as crianças para eles trabalharem. Ai depois começaram ficar em casa em função da pandemia e ai depois começaram perder o emprego. Entao muitas vezes, como a gente tem o trabalho de assistência social que muitos professores fazem, juntam vaquinha para ajudar a comunidade com questões de alimentação, vestimenta, que isso o poder publico nunca tomou conta, e ai a gente vê as coisas e acaba se organizando e resolvendo, as vezes eles chamam a gente no Whatsapp, tu acha que é para resolver alguma questão pedagógica e é pedindo socorro: “professora, não tem uma cesta básica, estamos precisando”. Então além da assistência pedagógica tem a questão da assistência social às. Ontem me cortou o coração, uma avó pegando as atividades e perguntou: Vocês não tem um arroz? É só um arroz que eu preciso. Ai a Marcia já vai lá no professor joao e a professora leticia que são os que organizam as vaquinhas, tem a profe adriana também, e conseguiram uma cesta básica para ela. Um arroz... de repente ela em casa tinha feijão mas não tinha arroz. As crianças vêm sem roupa, tem que providenciar roupa. A gente trabalha com a periferia a vida inteira, mas não se acostuma tu não consegue, não tem como. E é uma coisa que a gente sempre faz, professor sempre fez e provavelmente vai continuar fazendo enquanto esse caos prevalecer é isso de tentar arrumar uma bolacha para quem está com fome, um prato de comida, uma roupa. Tem muita coisa para a gente dar conta e ninguém dá conta da gente. O que tem de colega minha que se medica direto, Rivotril é algo comum nas escolas. Mais a falta de dinheiro final do mês...

### **Como tu achas que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia?**

Uma coisa estão se dando conta: antes queriam muito ensino domiciliar, eles já viram que não. Mas continua aquela.... revolta, má vontade. Eu não tive problema, as famílias da minha turma são muito queridas, muito colaborativas, mas a gente sabe que isso é mais no público. Tenho casos de colegas no ensino privado bem difíceis. E a sociedade, os pais, as famílias, eles querem se livrar dos filhos, querem que o professor esteja ali, tá sendo pago para estar ali com as crianças e que dê conta. Os pais há muito tempo se eximiram da responsabilidade. A educação infantil é das 7 da manhã as 7 da noite. Final de semana é festa, passeio, eles não ficam em casa com os filhos.

Uns reconheceram o trabalho dos professores e outros só ficaram revoltados porque os professores não estavam com as crianças: “como assim? Não querem trabalhar!”.

Acho que cada caso é individual. A mãe da Raissa: “meu deus do céu, vocês tem que ganhar milhões, como é que vocês conseguem. Também teve vários momentos, aquele primeiro momento da valorização: nossa como faz falta a professora, como não consigo, a dificuldade que eu tenho para ensinar, como é que vocês conseguem? E depois conforme a pandemia foi se estendendo, foi criando uma revolta: como assim vocês não vão trabalhar? As famílias com muita dificuldade também: como é que vou trabalhar? Com quem eu deixo? Como é que eu faço?” “Então teve muito uma parte de compreender a situação dos professores, mas ao mesmo tempo eu tenho meu problema, e a solução do meu problema é o professor estar na sala com meu filho, azar a pandemia”. Teve uma variação aí. Uma compreensão, uma valorização, mas depois já começou [outra coisa], porque alguém tem que levar a culpa das coisas, né. Alguém tem que dar a solução. E o professor ocupa esse papel também. Ao professor eu tenho acesso, ao prefeito não.

### **Como tu achas que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?**

Boa pergunta... estou curiosa para saber também (risos). Eles vão estar totalmente fora de ritmo, a gente também... uma coisa é ter teu trabalho contínuo. Muita coisa mudou nessa pandemia, subjetivamente falando. As pessoas mudaram de tanto tempo estar em casa, pelo ritmo de vida, não sei como vai ser. Assim como esse retorno a gente criou uma expectativa e cada dia é um

dia, as coisas mudam muito, cada dia tá de um jeito, não sei como vai ser quando voltar todo mundo. Acho que vai ser uma outra etapa, vai começar tudo de novo, outra etapa. A gente não é mais a mesma pessoa, nem eles as mesmas crianças. Muita coisa mudou.

### **Poderias compartilhar algumas experiências que aches interessantes?**

Acho que o amadurecimento deles, porque eu tinha eles no ano passado (...). Quem fica pensando: eles estão em casa, não estão tendo aprendizagens, vão ficar muito desfasados. Não, criança não para de aprender, independente do lugar e as condições ambientais. Eles têm televisão, tem telefone, tem acesso a internet, eles brincam entre eles. É interessante que na comunidade eles usam máscara quando saem da comunidade, aqui dentro não usam, é tudo uma grande família.

Então as interações sociais estão acontecendo, eles estão tendo contato com o mundo, com as notícias do mundo, e foi bem interessante, achei bem bom o crescimento que eles tiveram. Então cai por terra essa tese que eu nunca validei de que as crianças “ahh mas como que eles tão perdendo aprendizagem, não vão se desenvolver”. Não gente, criança não é assim. Adulto sim pode, mas eles não, não estão dentro de uma bolha encarcerados, eles têm interações. Esse discurso é para forçar um retorno a aula. Um dia na RBS uma professora, pedagoga, mestranda em não sei o que, chorando “ah porque as crianças vão ter uma ...” Que ridícula! Coisas da RBS. Antes a gente entrava na primeira série com 7 anos. No meu tempo a educação infantil era aos 5 anos, antes dos 5 anos ficava em casa. A gente tinha mãe pai, vó que contava histórias maravilhosas tinha outra convivência. Como assim “está fora da escola não aprende nada?”. É coisa de quem não trabalha com educação ou está chegando agora e comprou um discurso pronto. Tu tem toda a interação social, claro. Essa questão é mais para a classe social A, B, que as crianças são socadas num apartamento isolado. Agora, criança aqui não. Claro que faz falta brincar com crianças da mesma idade, das crianças que não brincam na rua, que estão isoladas nos apartamentos, precisam brincar, precisam brincar mais. Agora as crianças daqui elas brincam na rua como a gente quando era criança, que brincava horrores. Não tem melhor escola na vida do que brincar com os amigos na rua.

## **APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELIANE**

**Realizada em 21 de julho de 2021**

### **Identificação:**

Eliane – professora referência do 5 ano. Trabalha com educação há 35 anos. 31 na rede municipal. Na neusa há 2 anos como prof temporária. Não é concursada na rede de porto alegre.

*Observação: Entrevista com barulhos de balanços, risadas e gritos de crianças no pátio, e depois da metade da entrevista, fomos na sala de aula.*

**Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo em 2021? (maiores desafios; caso seja professora: que tiveram em conta ao dividir os grupos de cada turma e como está sendo o acompanhamento de quem não está no presencial?)**

Ano passado acho que foi mais impactante, porque a gente contava que passaria logo o período da pandemia, das restrições, das aulas não presenciais, então a minha ideia era que ano passado nós teríamos um ano diferenciado, embora sim com todo o cuidado em função da pandemia. Acho que foi mais impactante, toda uma readequação do trabalho remoto, uma dificuldade muito grande por não ter tido um contato presencial com os alunos. Foram pouquíssimos alunos que vieram, acho que foram dois, três dias e depois já não tivemos mais. Eu era professora volante, após isso eu fiquei responsável por uma turma. Então foi bem complicado, foi um período atípico, nunca tinha vivenciado uma experiência assim. O ano passado [2020] foi um ano muito diferente, toda uma adequação, muita desfasagem eu vejo nas nossas propostas pedagógicas. A gente foi seguindo, tateando como a gente diz, procurando um melhor caminho para estar alcançando atividades para os alunos. Então foi bem difícil. Em relação a este ano, acredito que a gente está um pouco mais adequada a esse novo formato que a escola precisou reformular. Embora eu vejo que a gente tem bastantes questões em relação ao pedagógico, a essa continuidade, a conseguir fazer um atendimento mais aprofundado com os alunos que estão no presencial e com aqueles que as famílias optaram que permanecessem em casa. Alguns até por questões de saúde que permanecem no remoto. De 2020 para 2021, nós conseguimos avançar em alguns aspectos pedagógicos, que é focar um pouco mais na proposta pedagógica respeitando esses protocolos em função da pandemia. Mas ainda é um cenário um tanto desolador, eu sinto assim. Essa questão de ter poucos alunos na sala de aula, da gente ter essas restrições para o trabalho, embora o trabalho pedagógico a gente sente pelas respostas que os

alunos presentes dão, e mesmo aqueles que não estão com as atividades que retornam, a gente sente a sala cheia as vezes, da forma que vêm esses retornos. Algumas famílias, poucas ainda, bastante comprometidas, outras famílias a gente vê que tem distanciamento com toda essa nova proposta de um trabalho remoto, ou esse compromisso de vir a escola a retirar atividades, e depois o compromisso de trazê-las de volta. De ter que acompanhar mais de perto a filha fazendo as atividades em casa. A gente procurou e procura sempre orientar que precisa ter um horário, que precisa fazer um cantinho para poder realizar as atividades, precisa ter alguém de casa, algum familiar que olhe, acompanhe. A gente vê que isso ainda algumas famílias não tem, e que é uma necessidade para que eles de fato consigam dar conta dessa proposta pedagógica assim de um trabalho a distância. Aqueles que estão vindo, eu vejo bastante comprometimento. As famílias realmente se preocuparam com que viessem para escola, eles disseram que estavam cansados de ficar em casa, alguns disseram “eu não tenho nada para fazer em casa, eu faço as atividades muito rápido”. A gente vê eles com aquela vontade de vir e ao mesmo tempo todos os dias algum deles comenta “que bom se todos os colegas estivessem aqui na sala de aula né. Quando é que vai chegar o dia que todos estejam?” e eles estão aguardando também, eles falam bastante da vacina, de quando é que vai ter a vacina para os adolescentes e para os pequenos. Eles já não se consideram pequenos, crianças.

O primeiro canal que a gente constituiu desde o ano passado, a escola passou os telefones, os contatos desses alunos, e a gente criou um grupo de Whatsapp da turma, facebook da turma, a gente tem o Messenger também, então são os três canais que mais a gente conseguia se comunicar. Algumas famílias não tinham acesso ao Face, dificuldade para lidar com essa ferramenta. O que mais a maioria tem realmente acesso é o Whatsapp. Então a gente tem um grupo ali, por ai vão os recados, as orientações. Ano passado e esse ano a gente encaminhou atividades também em arquivinhos, pequenos arquivos em pdf, com uma apostila com as atividades pelo Whatsapp. Agora as atividades não são mais pelo Whatsapp, por orientação da Secretaria de Educação, mas as atividades vão impressas já, as apostilas estão disponíveis na secretaria da escola, marcado o período para que busquem e depois tragam as atividades prontas.

### **Como se deu a divisão das turmas?**

Vieram umas diretrizes da secretaria de educação, e ai a escola dentro disso foi nos orientando e também fazendo as adequações, mas é com certeza uma dificuldade porque uma turma que nem a minha, de 25 alunos, nós tivemos que ficar aguardando para que as famílias comparecessem a escola para assinar o termo de compromisso, dizendo se queriam que

retornassem presencial ou assinar outro termo dizendo que não autorizava seu filho ao retorno presencial e que ficaria remoto. Foi a partir dos alunos que tiveram autorização das suas famílias para retornar, que nós fomos montando os grupos. Ai monta um grupo dentro daquele número que é permitido dentro do protocolo sanitário na sala de aula. Na minha sala de aula é permitido 9 pessoas pela metragem que a sala tem, 9 pessoas comigo, então posso ter grupos de até 8 alunos cada dia. A orientação é que as atividades fossem semanais com esse grupo. Então, a medida que os alunos forem retornando, sendo autorizados, se formam esses grupos. Eu formo o grupo até 8 alunos, no momento que passou disso eu preciso formar um segundo grupo, então grupo A, grupo B... A ideia é que ficasse em dois grupos, mas se é necessário mais um, dentro desse rodízio. Tem aula uma semana, a outra semana tem aula remota, depois retorna o grupo de novo. Não é muito simples a gente fazer essa adequação. A gente precisa ter bastante flexibilidade dentro desse planejamento, porque dentro desse grupo que vem presencial nós temos também as faltas. Num grupo de 6, 7 alunos que está presencial na semana, as vezes tu tem 2 ou 3 faltas. Então, acontece as vezes de termos 2, 3 alunos na sala de aula. Como já me aconteceu, as vezes, de ter um aluno, um dia atípico, de muita chuva, muito frio, mas acontece sim.

A gente procura desenvolver os mesmos conteúdos, a gente faz um projeto pedagógico, ali vai selecionando os temas, os assuntos e dentro disso a gente fez as atividades da apostila, que ela é um pouco diferenciada na sala de aula, a gente precisa fazer um desdobramento das atividades, não se segue a mesma apostila, até porque o tempo para realizar uma atividade em casa é diferente do tempo na sala de aula, a gente lança mão de outros recursos, embora com limitações.

### **Sentes falta/saudade de algo?**

Eu sinto, eu sinto muita, muita saudade dessa questão afetiva, do estar do abraço, do contato físico, disso eu sinto falta. Principalmente por se tratar de crianças pequenas ainda, para mim eles são pequenos, 10, 11 anos, eles são pequenos. Eles tem muito ainda a coisa do brincar, da brincadeira, o compartilhar. Eu vejo uma perda grande por não fazerem atividades em grupo, mais próximos. Eu vejo que isso torna o dia a dia mais individualizado, em termos de realização das atividades, embora a gente consiga fazer ainda algumas adequações, mas eu sinto muita saudade desse tempo, dessa espontaneidade solta. Na verdade, a gente está o tempo todo tendo cuidado para manter o distanciamento, para que eles não retirem a máscara, para que eles não

fiquem trocando materiais, a gente precisa cuidar toda vez que eles saem da sala, quem entrou, quem levanta, tem que fazer higienização, a gente precisa estar o tempo todo orientando eles. Então, eu sinto saudade desse tempo solto, da espontaneidade e do estar juntos sem nenhuma (raridade?).

Tz tz tz!!!! Um de cada vez ai! Sem trocar de balanço, senta nesse e fica, se não ficou aqui um pouquinho, tá? Dai nós já vamos subir. Aproveitem o sol!

**Tem algo que aches positivo ou que gostarias que se mantenha após a pandemia?** Acredito que o positivo é esse olhar mais individualizado. Existe um tempo que está diferente de atender cada aluno. Com certeza um grupo menor, de 6, 7 alunos em sala de aula é muito diferente de conseguir dar um atendimento mais individualizado, a qualidade, digamos assim, do que em uma sala de aula com 25, 30 alunos. Um outro [aspecto positivo] é a gente lidar com outras ferramentas tecnológicas agora, a questão de ter vários outros canais de comunicação, de produzir materiais diferentes. Não que antes não se fizesse, mas agora é uma coisa que se impõe. A própria criação de grupos de Whats, a gente está descobrindo novas ferramentas, novos aplicativos, para tornar isso mais significativo, mais atraente para as crianças, embora a gente veja que existe a preocupação da gente planejar, de executar isso mas ao mesmo tempo não consegue ver que as famílias tenham um acesso também melhor para isso. As vezes o próprio celular é mais limitado, a internet. Mas eu vejo de positivo que pelo menos esse movimento, eu acredito que isso é um demarcador desse tempo que estamos vivendo da pandemia. Um desafio [positivo] para nós professores na sala de aula (...) e que se impõe também as próprias famílias. À escola como um todo e para as famílias. O que é estar mais tempo com as crianças em casa, com os adolescentes, o que é a escola estar em contato diariamente pelo Whatsapp, pelo Facebook, te pedindo que tu consiga de alguma forma ter acesso. A escola está te pedindo que tu tenha diariamente o compromisso de olhar as atividades. Eu vejo que isso é um aspecto positivo, de uma certa forma aproxima mais a escola com as famílias.

**Isso em horário de trabalho? Ou exige um tempo fora para acessar as famílias pelo whatsapp?**

Isso exige um tempo fora, porque anteriormente, ano passado quando nós tínhamos , aula presencial, o meu tempo era meu turno de trabalho. Agora no meu turno de trabalho eu tenho os alunos presenciais (com exceção do outro período em que eu tenho planejamento), então eu tenho um tempo mais curto agora. Isso precisa de outros horários durante meu dia a dia para

poder dar um retorno para as famílias. Algumas famílias conseguem me dar um retorno a noite, finais de semana eu tenho famílias que mandam perguntas, que estão com dificuldade para orientar as crianças em relação a alguma atividade para realizar. É um tempo que a gente precisa organizar, colocar mais ou menos o tempo que a gente tem de disponibilidade, mas ao mesmo tempo eu me sinto... como é que vou te dizer? ... Com um compromisso de estar mais disponível para que eles consigam dar um retorno melhor. Porque se não a gente também dificulta, aumenta uma dificuldade que eles já têm de comunicação em função da internet, da disponibilidade de um celular.

### **Como tu vê o papel da gestão municipal no que diz respeito ao teu trabalho na escola?**

A gestão municipal para mim, que entrei já no final já de 2019,

*Quer sentar aqui, Eliane? Para tu ficar mais tranquila vendo eles.*

*Não, eu estou enxergando ai. (riso meu) Não dá para tirar muito olho, quando tu vê eles estão ...*

Ano passado eu não vi uma preocupação tanto com o pedagógico, a preocupação maior era reestruturar, então nós tínhamos muitas informações diferenciadas por tempo, para realizar. Eu entendo que houve uma falha muito grande na gestão municipal, independentemente de quem estava antes e quem está agora, no sentido de orientação as escolas em relação a pandemia. Claro que a gente compreende que foi uma situação muito diferente, muito impactante para todos, mas eu acho que houve muitas falhas nas orientações, nas diretrizes, para que a gente pudesse dar uma sequência para esse atendimento às famílias. Algumas questões como a própria internet para os alunos, o acesso dos alunos à plataforma ano passado [2020], que a gente tinha uma plataforma, Cortex, que era para os alunos colocarem as atividades... era uma coisa que iniciou, e daqui a pouco parou, e a gente não teve uma continuidade, não vi um grande esforço, não vi uma forte tarefa para que isso melhorasse para que as famílias tivessem mais acesso. Como professora, em alguns momentos eu me senti desassistida em termos de gestão municipal, não pela escola. Na escola dentro do possível a equipe diretiva sempre repassou as orientações para que a gente pudesse estar realizando nosso trabalho dentro daquilo que estava estabelecido como protocolo, como diretrizes maiores da Secretaria. Mas na gestão pública, eu vi que houve muitas falhas, acho que a gente poderia ter tido melhores encaminhamentos em relação a escola para que nosso trabalho como professor referência, como professor na sala de aula pudesse ter encaminhado melhor.

### **Como se deu o apoio pedagógico e emocional neste período? De onde veio?**

O apoio pedagógico e emocional ele veio muito por parte da equipe diretiva da escola. Direção, coordenação, orientação sempre disponíveis para as dúvidas, para adequar a escola, o trabalho.

### **Como tu percebes os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?**

Acho que o mais desafiador para as famílias e a comunidade é ter essa proximidade maior com a escola. Antes tu encaminhava teu filho para a escola, e um maior distanciamento. Eu venho quando é necessário, para retirar o boletim, ou eu venho para uma reunião mas agora com a questão da pandemia, desde o ano passado eu preciso estar mais presente, eu preciso de alguma forma manter uma comunicação mais direta com o professor, com a escola como um todo para saber o que esta acontecendo. Eu preciso, de alguma forma, ter acesso a essas atividades. Isso eu vejo que cria outro tipo de dinâmica das famílias e da comunidade como um todo em relação à escola, exige mais. A família não pode simplesmente dizer “eu quero que ele retorne”, não. Eu preciso ir na escola, eu preciso ler o que que diz esse protocolo sanitário, tem algumas regras que eu preciso cumprir para poder mandar meu filho para escola, eu preciso ter um cuidado quando ele retorna da escola, porque ele está num grupo, ele tá saindo pra rua, e eu preciso ver que atividades ele tem que fazer, o que ele precisa levar de volta para a escola. Eu preciso ter um compromisso com esse material que ele está levando, com os livros didáticos, com os livros de história infantil, é um material escolar que eles estão levando e que antes permanecia mais na escola. A gente abriu ainda um pouquinho isso de que levem, embora não seja o melhor em termos de cuidado com a questão da higiene, a gente tem um cuidado de levar, de higienizar, de trazer de volta, não levar todos os dias, leva uma vez na semana quando tem atividades, mas eu vejo assim que isso é um desafio muito grande, que é de fato criar um outro tipo de comprometimento com a escola. Acho que a partir disso, dessa questão da pandemia, se estabelecem outros laços das famílias, da comunidade como um todo, até pelo movimento que a escola fez e faz em relação a melhorias na comunidade, a uma assistência, de alguma forma, às famílias dos alunos, e realmente querer saber através de nós professores, de uma forma mais direta, como é que estão as famílias dos nossos alunos nesses grupos, a própria questão de como é que essas famílias estão vivendo esse período da pandemia. Desde o ano passado houve uma grande preocupação da escola então, eu acredito que as famílias tem uma devolução em relação a se sentirem acolhidas, de terem a escola como uma principal referência na busca de orientação

em relação à Covid 19, em relação à vacinação, em relação a se dirigir a um posto de saúde, a pedir auxílio na falta de coisas em casa para suprir as necessidades básicas, de vir pedir auxílio na escola, de mandar pelo grupo de WhatsApp para que a gente entrasse em contato com a equipe diretiva e vesse de que forma a escola poderia auxiliar. Nós professores participamos de ações aqui no bairro de distribuição das cestas básicas. Acho que é um momento muito assim de enfrentamento da pandemia e de uma ação conjunta, e de uma proximidade com as famílias e com a comunidade como um todo.

### **Tu acha que aproximou mais a escola da comunidade?**

Com certeza. *vai fazendo Gustavo, vai fazendo.*

### **Como tu achas que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia?**

Não sei ainda se a sociedade compreendeu de fato. Acho que ainda não era uma coisa tão intensa talvez. Estava dado esse lugar de produção de conhecimento para algumas famílias, para outros como lugar de deixar o filho ou a filha, para que ele tenha esse tempo lá na escola em que ele não está em casa, e não só como esse lugar de saber, esse lugar de aprendizagem, nesse lugar do filho da filha estar tendo um propósito com o aprender, no dia a dia, com compromisso com o próprio estudo, com a própria formação. Eu vejo que a sociedade... a gente não teve até hoje talvez todo esse entendimento por parte de todos né. Eu acredito que com a pandemia a gente tem um demarcador agora.

*Vai fazendo aquelas que tu entender, Gustavo. As que não entender faz um xizinho e depois a profe te ajuda, tá? Pode ir fazendo.*

Talvez agora a sociedade se dê – a sociedade como um todo eu digo, isso somos todos nós, todos os segmentos, todas as áreas- aliás, nunca ouvi falar tanto em educação, porque a preocupação de todos os segmentos em alguns momentos foi: abre a escola ou não abre a escola? Tudo girava em torno disso, então eu vi que se voltou uma preocupação para a questão da escola. Vi que ficou mais nítido ainda a questão da diferença que existe um tratamento entre as escolas públicas e as escolas privadas, como isso é visível. A gente viu cada vez mais o que essa desigualdade econômica, social em termos desse entendimento de que lugar é esse da escola. Não vi em alguns momentos uma preocupação de que a escola precisa estar aberta para dar continuidade a um trabalho pedagógico, para dar continuidade as aprendizagens dos alunos. Não, a escola precisa estar aberta porque o aluno tem que ter um lugar para ficar para que os

pais possam trabalhar, em muitos momentos o discurso foi esse. Ou para comer, as crianças precisam ir porque é um lugar ainda para se alimentar porque as famílias estão passando dificuldade, e é um lugar que precisam estar para serem cuidados no período em que as famílias estejam trabalhando. Ou se as famílias estão em casa, mesmo que tenha alguém em casa, mas que tenha um lugar de referência para serem cuidadas. Deslocamento então nesse sentido do que que é o propósito da escola enquanto lugar de aprendizagem, lugar de estudo, embora sim a escola tenha esse papel de acolher, do cuidado, nós temos esse compromisso, mas o principal não é, nós temos um ensino formal para ser trabalhado na escola, para produzir, para pesquisar, para questionar, para aprender novos conhecimentos, para trocar, para compartilhar essa convivência em grupo. Essa preocupação ficou muito nítida de: que lugar é a escola? que lugar é esse? é um lugar para ficar? é um lugar para ser atendido num turno ou dois turnos, ou é o lugar onde se vai para aprender, para ter novas experiências? Um lugar pra tu projetar outras novas perspectivas, outras novas aprendizagens? Ficou muito centrado em alguns momentos a discussão em torno disso: do que que é esse lugar para ficar. Em alguns momentos me retornou lá uma pedagogia que a gente estudou, que a gente vê uma tendência pedagógica bem conservadora, bem da escola como um... um depósito, sabe? Eu deixo lá um turno e os professores que deem conta.

[um grupo da sociedade] muito incomodado em que a escola estava fechada. Como eu disse, como se fosse um lugar para guardar durante um período, depositar. Sem nenhuma grande preocupação de que nós professores não estávamos vacinados, quando na verdade nós teríamos que ter sido um dos primeiros grupos a serem vacinados, se havia uma preocupação tão grande com a abertura da escola. O que o tempo está nos mostrando agora? que mesmo com a escola aberta, a decisão que se esperava de que em massa as famílias fariam com que as crianças retornassem para a escola não ocorreu, não. Pelo menos não nesse primeiro semestre. Vamos ver como é que será no segundo semestre. Será que esse não retorno presencial da maioria dos alunos, como em alguns momentos se espera de que haveria uma corrida nesse retorno presencial, será que de fato é uma preocupação com a pandemia em si? é um resguardo para as crianças? ou é porque talvez para algumas famílias facilitou esse lugar onde as crianças estão ficando também? de não buscar levar pra escola, de ter quem atenda, de não ter que conseguir às vezes uma terceira pessoa que busca e leva na escola, que tem muitos casos, uma mobilização de outros familiares às vezes, a própria questão do transporte. Não ter essa preocupação com ter que arrumar essa criança para que ela vá para a escola. De alguma forma, isso gera uma menor demanda, digamos assim, para as famílias. O ficar em casa, em alguns casos, acredito

que geram uma menor demanda de preocupação e cuidado com essa criança para que ele vá para a escola. Uma certa acomodação até, porque às vezes o ficar em casa não significou “ele está em casa e igual eu tenho o comprometimento com que ele faça as atividades enviadas”. Em alguns momentos vemos que não. O estar em casa para mim é que assim ele está com a avó, ele está com um tio, ele está ficando com a vizinha, ou ele fica sozinho, mas ao mesmo tempo ele também não está comprometido em realizar aquelas atividades que se encaminhou, em dar um retorno para escola em relação a isso, em dar uma continuidade em relação a isso, acho que são coisas para gente ver agora como vai ficar.

### **Como tu achas que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?**

Eu não tenho ainda um desenho assim de como vai ser. Mas eu acredito que a gente vai ter ainda um tempo grande pela frente, um segundo semestre, um ano que vem ainda com restrições em função da pandemia, eu acredito que ainda vai longe. Eu acredito que até que as famílias consigam às vezes se reestabelecer com as suas condições financeiras, nós temos muitas famílias que têm pessoas que estão desempregadas, nós temos famílias que se contaminaram, que alguns familiares têm sequelas. A gente teve famílias que tiveram que se mudar, em função também de uma adequação econômica. Então, eu acredito que esse retorno ele ainda vai se dar de uma outra forma, e a partir desta questão que mudou um pouco a nossa forma de trabalhar na sala de aula, esse ensino mais híbrido onde a gente tem uma questão presencial e tem uma questão remota, e que a gente precisa flexibilizar, onde a gente precisou também dar conta de outros recursos pra que essa aula aconteça, eu acho que nós vamos ter mudanças. Não consigo ver um cenário muito claro ainda de como vai ser isso, mas acho que nós vamos precisar trabalhar bastante com essas famílias o que é educação de novo e retomar qual é o propósito da escola.

### **Tu acha que não vai voltar a ser como era antes?**

Eu acho que não. Eu acho que vai ser um momento muito proposital para que a escola consiga retomar: o que que é a sua proposta pedagógica? que a gente consiga retomar: o que que é esse currículo escolar; o que que nós estamos trabalhando?; o que de fato essas crianças precisam aprender? por exemplo, quando surge uma situação dessas completamente inesperada e que afeta a vida de todos, e que não é num lugar, é no mundo todo; e ao mesmo tempo a gente vê algumas famílias alheias de uma certa forma a isso tudo que está acontecendo. Uma questão de

negar, uma questão de não ver uma importância da vacinação. São todas coisas que eu vejo que a gente enquanto escola precisa ir trabalhando. Eu vejo que a escola vai precisar retomar isso de alguma forma, de conseguir ser de novo um centro mais formador, nesse sentido de alcançar informação de qualidade para as comunidades. Eu não sei de que forma a escola vai poder fazer isso, mas nós vamos precisar movimentar isso de algum jeito. Não sei se através de reuniões, de seminários com as famílias, de ter uma outra forma de que essas famílias venham até a escola e a gente consiga dentro de uma outra atividade alcançar essas informações, com profissionais de outras áreas também que venham contribuir. Mas eu vejo que a escola vai precisar modificar algumas coisas porque isso nos mostrou essa fragilidade do que que é coisas que para mim já deveriam estar estabelecidas, como por exemplo a importância de uma vacinação, da importância da higiene, da importância da gente ter regras de convivência bem estabelecidas, da questão do ajudar, do compartilhar. Essa própria medida que as crianças tem do que que é a gente dar um abraço virtual, o que que é demonstrar afeto sem estar presente fisicamente, como é que a gente pode se ajudar sem a gente estar juntos fisicamente. Acho que isso muda muito a questão das relações e eu acho que esse é outro cenário que nós vamos ter que lidar, um cenário onde houve um distanciamento e nós vamos ter de novo uma aproximação mas que com certeza ela não será a mesma, e eu acho que a escola vai precisar reafirmar esse compromisso com a sua comunidade. Não sei como, porque a escola compete com todos os outros órgãos e instituições que também trazem informação, e às vezes uma informação distorcida, uma informação equivocada, uma informação que é contrária a o que a gente entende, a o que a gente trabalha com as crianças como ciência, como modos de viver, de conviver, então acho que a gente vai ter que retomar isso, e o currículo da escola é o primeiro que vai precisar ter essa retomada. A gente vai precisar olhar de novo o que que é um currículo de um quinto ano, sexto ano, enfim. O que nós vamos precisar colocar nesse currículo a partir de agora para ser mais trabalhado ainda, e o que que a escola vai fazer no sentido de trabalhar um pouco mais com essas famílias, com a sua comunidade. Acho que aqui a gente já tem um trabalho legal com a comunidade como um todo, mas eu acho que precisa ter um outro viés, um viés muito mais próximo da informação, de politização mesmo. Das pessoas compreenderem, das pessoas terem um momento para fazer reflexões sobre as coisas, mesmo que seja em pequenos grupos, por turmas, mas acho que a escola vai precisar repensar essa estrutura.

Um outro aspecto que eu vejo, é que a escola tinha turno integral, as crianças ficavam no outro turno com atividades. Isso é uma coisa que em termos de gestão pública foi retirado ano passado. A outra gestão retirou, essa outra gestão não retomou ainda. Sempre com a ideia de

que precisava ajustar a questão de recursos humanos, falta de recursos humanos (...). E eu acho que é uma questão crucial, porque aqui na escola pelo que eu vi desde que eu entrei aqui, dos relatos das colegas, dos registros, as crianças serem atendidas mais um turno fez muita diferença nas aprendizagens. Inclusive tem os dados do Ideb, dos índices de desenvolvimento de aprendizagem, que tem demonstrado que a escola deu um salto em termos das avaliações dos alunos. Foi um período que ocorreu mais aprendizagens, dos alunos estarem mais em contato com seu professor referência e daí com outras atividades também no turno da tarde. (...) a escola aqui me parece que na escola já tem 20 e poucos anos, a escola já nasceu com este projeto pedagógico né que era do atendimento nos 2 turnos.

Uma das coisas impactantes foi o primeiro dia presencial deles retornarem e eles mesmos se darem conta de dizer assim: professora faz mais de um ano que a gente não vinha na escola. É um ano todo sem vir na escola, então isso me impactou bastante porque não foi por uma questão de uma situação pessoal do aluno, não é por uma doença ou por um impeditivo de alguma coisa, ou por uma negligência da família, sei lá, alguma situação assim, desse aluno não ter vindo, mas por uma situação de uma doença que atingiu o mundo todo né que teve uma consequências diferenciadas, um contexto diferenciado, então me impactou bastante ver naquela primeira semana, de ter um retorno de três alunos presenciais. Ver a sala de aula com três alunos, e as outras famílias algumas com bastante receio de mandar, falando que não mandariam, tinha ainda famílias que tinham sido contaminadas pela covid... Tinha duas famílias com as mães dizendo “eu não vou mandar ainda porque ela está na casa da avó, a gente em casa está se recuperando”, então isso impacta. E ao mesmo tempo eles falando disso, eles sabiam algumas coisas porque a gente estava mandando, eles estavam recebendo nas atividades textos, notícias, a gente sempre foi mandando alguma coisa... os cuidados. Se falou bastante nos cuidados de uma forma bem mais lúdica, adequada para a idade deles. O que seriam os cuidados que nós temos que ter na sala de aula, por que que a sala estava tão sem cartazes, sem enfeites, por que que as classes estavam distanciadas assim, que tinha havido uma medição aqui na sala de aula. Então alguns vieram muito na expectativa de que outros mais colegas já estariam. Foi bem impactante de sentir eles assim, ao mesmo tempo com vontade de voltar e desapontados um pouco porque achava que já estariam mais colegas e de que a gente retornaria dentro de uma rotina que era a escola, com Recreio, com a ida ao refeitório com todo mundo junto, com poder sentar em grupo, aquela coisa de poder abraçar o colega, de sentar junto, levantar a hora que eu quisesse para ir na classe de um colega para pegar um material. Todas essas restrições me impactaram bastante. A primeira semana de aula presencial que foi a partir do 17 de maio deste

ano, faz a gente repensar muitas coisas. Até porque quando eles retornaram presencial já tinha tido um impacto que foi as entrevistas com as famílias, que a gente foi chamando as famílias nas semanas anteriores, que viessem, a gente foi marcando horário, eu recebi as famílias, sempre uma família em cada horário aqui na sala de aula. Foi uma semana marcando, com algumas pessoas insisti muito, alguns não compareceram ainda naquela semana. E eu ouvi deles os relatos, como é que eles estavam, como é que tinham passado por esse período, como é que estavam passando. Ouvi as dificuldades, ouvi a questão de trabalho, ouvi do medo em relação à doença, ouvi dos relatos de que tinham perdido outro familiar em outros municípios né em outros lugares, a questão das dificuldades financeiras, a questão de troca de trabalho ou da falta de trabalho. Não tem como não impactar, para mim são coisas que fazem a gente refletir bastante sobre o que que é o trabalho da gente como professora, qual o papel de fato da escola, o que que a gente está ensinando para os alunos.

Isso é uma coisa que choca a gente, ver esse entendimento do que é ser professor, pessoas acharem que os professores não querem voltar porque não querem trabalhar, está muito bom estar em casa mandando as atividades. Quando a gente estando em casa, tentando produzir um material adequado para alunos que a gente não conhecia, eu não conhecia minha turma presencialmente no início do ano. Eu vi 3 alunos e depois eu não vi mais, encerraram. Uma turma que tu não conheces, que tu nunca teve um contato, que tu sabe das aprendizagens deles pela professora do ano anterior que também teve um contato remoto. Ei e aí a gente lê os pareceres, tenta o contato pelo WhatsApp com as famílias para tentar conhecer um pouquinho quem é esse aluno, essa aluna, ficar tentando adequar o que eu vou trabalhar. Como eu disse, a gente não tinha diretrizes, não tinha uma preocupação com esse conteúdo, o conteúdo pedagógico a professora vai fazendo. Existem orientações gerais. A gente buscando, pegando material com um colega do ano anterior para ver o que foi trabalhado, procurando ver que alunos tinham dado retorno no ano anterior, nesse remoto. No ano passado, também por iniciativa própria, a escola tinha mandado duas vezes apostila impressa, foi iniciativa da escola, não foi orientação da Secretaria de educação. Alguns tinham devolvido, outros não. A gente ficou muito em cima de materiais. E eu, pessoalmente, sempre senti muito a necessidade do físico, de conhecer os alunos, do olhar no olho, do conversar, do chegar pertinho, do compartilhar. E isso é uma coisa impactante.

Esse impacto, como eu te disse, vem de 3 ordens: do que que foi o início das aulas presenciais depois de um longo período sem os alunos na escola; ter participado dessa preparação para esse retorno; anterior a isso, essa questão com as famílias, essas entrevistas com as famílias, ouvir

os responsáveis contando das suas questões e de alguma forma a gente tentando auxiliar naquilo que era possível, já levando isso para a equipe diretiva, de ver como a gente podia auxiliar essa família, orientar. E essa questão dessa desvalorização ainda do trabalho do professor e da escola, do não reconhecimento ou do pouquíssimo reconhecimento em relação a nós também estamos passando por questões, por dificuldades, por questões familiares, perdendo amigos com a doença. Também estamos passando pelas mesmas situações de todo mundo, e também querendo trabalhar SIM, e trabalhando né, realizando as atividades, fazendo aquilo que era necessário, participando de reuniões virtuais como a gente teve, muitas formações, preparando o material, mandando para os alunos, o tempo todo tentando manter esse vínculo com as famílias de alguma forma, por algum os meios de comunicação que a gente tinha e num aguardo muito grande da vacina e ao mesmo tempo ouvir que os professores não querem trabalhar, não querem voltar para o trabalho. Para a gente que tem uma vivência de muitos anos de experiência, e trabalho, e principalmente eu que trabalhei na rede pública, isso impacta a gente. Que lugar é esse da escola, que papel é esse do professor. A gente vê que as redes privadas logo conseguiram se adequar. Os alunos com aulas virtuais.

## **APÊNDICE C – ENTREVISTA COM A PROFESSORA GABRIELA**

**Realizada em 12 de agosto de 2021**

### **Identificação**

Eu trabalho do 4º ao 9º ano. Trabalho desde maio de 2019. Concursada na prefeitura desde 2007. Lic. em artes cênicas e mestrado em ensino da arte, e especialização em pedagogia da arte.

**Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo em 2021? (maiores desafios; caso seja professora: que tiveram em conta ao dividir os grupos de cada turma e como está sendo o acompanhamento de quem não está no presencial?)**

Eu fora da escola e eu dentro da escola, sem levar em consideração o impacto da pandemia depois de um ano dentro de ti, o impacto da pandemia dentro da gente, eu te diria que agora como eu estou feliz! de estar na escola, de ver as crianças, por vê-las sorrir, vê-las gargalhar, ver os olhinhos delas brilhando com as novidades, com os materiais, com as propostas. O ano passado foi sofrido, acho que para qualquer professora de qualquer área do conhecimento e em qualquer nível, professores foram muito desafiados. Mas analisando o que é o trabalho do corpo na escola, da arte, da experimentação, foi muito difícil ter que elaborar, pensar estratégias de não perder o vínculo com as crianças, de mantê-las interessadas, nas atividades ou em ter contato com as aulas, foi um grande desafio. Porque de alguma forma (e eu estou falando do lugar de uma professora de arte que trabalha com teatro). Puro contato, pura contracenação, puro jogo. Todo trabalho de teatro na escola, principalmente com os anos iniciais (4 ano, 5 ano) é a partir do jogo, do entendimento das regras de um jogo para que depois eles compreendam um jogo de improvisar em duplas, trios.

O ano passado então foi muito sofrido porque não era questão de se reinventar, isso eu sempre fiz, porque a escola nunca esteve pronta para receber as aulas de teatro, então se reinventar, inventar não era uma novidade para mim. Isso a gente sempre fez, nós professores de teatro nas escolas, porque ela não tem estrutura para nos receber, estrutura de tempo, estrutura de espaço, e tradição também né porque a tradição das outras áreas do conhecimento elas vêm desde o Jardim, já são estimuladas nas crianças desde o do Jardim. então é uma alfabetização mesmo, é como uma nova língua e é bem assim os rostinhos deles cada vez que eu vou me apresentar

dizer quem eu sou e aí eu faço todo esse preparo deles dele de desmistificar a aula de artes como uma aula de desenho e pintura porque é o que eles dizem todos todas sem exceção todos sempre se referem quando eu pergunto o que que é uma aula de artes para que que serve o que que a gente faz numa aula de arte desenhar e pintar e eles demoram um tempinho para entender que música é arte que dança arte que né então a tão desmistificar isso e eles não acham que é até que eles passam a entender que sim que é né é. Te diria que muita angústia 2020, e ao mesmo tempo, se a gente pode trazer um aspecto positivo, ao mesmo tempo eu nunca tive tanto contato com as famílias. (...) Em 2020, agora zerou o contato. Nunca tive tanto contato, nunca ouvi tantas vozes das mães dos pais por WhatsApp, por vídeo, mensagens. Dúvidas, perguntas, pedido de Socorro: sora não sei como fazer essa atividade. tem um túnel aí, um recorte de tempo, em que essas famílias entraram nesse túnel, nesse recorte de tempo, muito presentes, inclusive muitas vezes se divertindo numa experiência de criar cenas junto com seus filhos, fazer personagens juntos para ajudar os seus filhos porque isso era uma demanda que eu [tinha]. e muitos gostando, e muitos às vezes atrás da Câmera, às vezes na frente da Câmera, então eu acho que foi também importante para que as famílias também entendessem que trabalho é esse, porque é evidente que a cultura, a arte no geral infelizmente não atravessa muito esses lares né. o acesso, o entendimento de diferentes formas de arte. a sociedade como um todo não consome cultura né. tantos por cento vão ao cinema, tantos por cento vão ao teatro, tanto por cento leem livros, vão a museus. então de alguma forma essa aproximação também trouxe um ensinar. Ampliar vocabulário, ampliar o repertório também dessas famílias, o que no meu entendimento joga ao meu favor, no sentido da sedução para a aula de artes, de trazer mais a presença da importância dessa disciplina dentro da escola que é uma disciplina sempre tão rechaçada pela estrutura, pelo fato de ter menos períodos. A arte, a educação física, ou seja, o corpo na escola, menos tempo. Não precisa tanto tempo para o trabalho da sensibilidade, da estética, do corpo na escola, então também contribui nesse sentido de aproximar às famílias do que é esse trabalho que muitas vezes ficam alheias, no total da aprendizagem dos seus filhos.

Muitos não tomam conhecimento né da psicogênese do que está acontecendo ali, vão lá buscam um boletim, quando buscam, porque às vezes não vão nem buscar. Então às vezes a família vai 3 vezes no ano na escola, para buscar o boletim quando vão ou quando são chamados. na minha experiência são 22 anos já, e primeira vez que eu vi (...). A gente tem que aproximar mais as famílias da escola (...).

Voltando ainda sobre a pandemia, o aparato tecnológico, aprender a mexer em diferentes ferramentas não só a professora como também as crianças né que tiveram que se aventurar aí ,

aprender como que entra, como que posta uma atividade , tem essa coisa também do aparato tecnológico, que revelou mais do que nunca o abismo que há na desigualdade social. Revelou aos gestores que não basta criar uma plataforma se as crianças muitas vezes não tem celular, não tem internet... foi sofrido também nesse sentido de pôr uma lupa sobre a precariedade da vida das pessoas e o quanto elas estão excluídas do mundo digital, excluídas do acesso a outras Fontes de informações, porque a internet hoje é um local de muita fake news e de muito lixo eletrônico, mas ao mesmo tempo é uma incrível ferramenta para que os alunos possam pesquisar o que eles quisessem né (...). Nesse sentido a gente deu aula para meia dúzia, a gente acessou muito poucos alunos. E aí com isso a evasão é gritante, o sumiço é geral e a gente não está conseguindo resgatar. eu não consigo ver essa migração de retorno por vários motivos, a pandemia ainda está aí, acho que tem as famílias muito receosas, adolescentes com quadros bem depressivos, adolescentes que se desanimaram, pensa tu como mestranda, quantas vezes tu falou do teu desânimo.

Agora imagina um adolescente de 12 anos, sem vida social, se alimentando mal, passando frio. tem crianças sem brincar. É bem preocupante como a gente vai resgatar isso porque não estou vendo. Nós voltamos em maio e eu sigo dando aula para 5 alunos ,3, 2... algumas turmas tem um fluxo um pouquinho maior, mas os adolescentes seguem optando em ficar em casa e aí é interessante pensar porque ao mesmo tempo tinha essa questão de não ter a internet, eu não tenho internet, aí então vamos às atividades impressas ou retorno presencial e se opta em não retornar. (...) Os adolescentes sofrem muito. Eu faço uma defesa muito ferrenha dos adolescentes na escola porque acaba com que eles vão sendo abandonados por todos, e a escola também. O foco é sempre educação infantil, a educação infantil está sempre cercada de todos os materiais, de todos os cuidados, a preocupação pedagógica, e os adolescentes vão ficando abandonados, e eles são abandonados em todos os lugares, em casa, na família, porque eles têm que cuidar dos mais novos .... E eu tenho feito uma análise atual das turmas e por que a gente tem mais meninos na escola do que as meninas voltando? Tenho visto grupos de meninos na escola e poucas meninas, porque? Porque as meninas ajudam, fazem a comida, fazem a limpeza, essa estrutura se mantém. Os meninos são muito agitados, as mães não dão conta, então mandam para a escola. As meninas... elas podem ficar em casa, fazendo em casa as atividades, e aí já faz o feijão, elas já cuidam melhor dos irmãos do que os meninos... isso é para as meninas fazerem, não para os meninos. Estou falando no geral, não estou falando que isso é regra, mas a gente conhece a estrutura patriarcal, machista do nosso estado, da nossa cidade, e não é porque é na periferia que isso muda. Eu não falei sobre isso ainda em nenhuma reunião, mas quero

trazer como um dado. A gente já parou para pensar quantas meninas e quantos meninos adolescentes voltaram para a escola? eu quero fazer essa provocação ainda em reunião. Ao mesmo tempo, os meninos é que vão para o trabalho precarizado, tele entrega, os meninos é que vão para outras coisas né que a gente sabe bem. quando a cultura, o esporte, a arte, a educação não entra, o que que entra no Brasil? a gente sabe né: a sedução muito grande para o mundo do tráfico. Eu estou falando isso, mas realmente não tenho dados, é só olhar de quem sempre olhou para isso.

Eu entrei nessa semana, isso me chamou atenção, entrei em duas turmas e as duas turmas tinham uma menina e cinco meninos. E nas 2 turmas, quem lia melhor, quem lia mais fluente, quem lia com mais segurança, com mais propriedade, com mais tranquilidade, era a menina. Também tem isso de um super estímulo porque a menina é que é a estudiosa, o menino tem que ir para a rua para trabalhar, não precisa estudar. Também tem isso, olha que loucura. Por um lado tem essa coisa doméstica voltada para as meninas e tem a coisa da rua voltada para os meninos. E nessa da rua, a gente vai ver muitos mais meninos envolvidos no mundo do trágico, sem sombra de dúvida. Os alunos que eu perdi ao longo da minha vida foram meninos. Os que eu perdi assassinados foram meninos... não foram meninas. As meninas são mortas por outros motivos. Porque é a namorada do cara, ou porque foi estuprada...

A gente sabe pela televisão, a imprensa, que foi absurdo o aumento da violência doméstica né. isso tá dado, que a pandemia ampliou o que já existia, esse aumento dessa violência doméstica, morte, enfim. O que já diz muita coisa sobre a estrutura patriarcal, machista, misógina, né.

### **Como está sendo o acompanhamento do quem não tá vindo?**

Como não tem mais plataforma córtex, e não tem mais facebook, o aluno vai lá na Secretaria, pega as folhas impressas, leva para casa, devolve ou não, devolve metade branco metade não, não devolve... é isso. vínculo zero com os alunos que optaram em manter-se remoto porque a comunicação é essa, um papel impresso, que eu não condeno porque é uma rua Sem Saída, né. Eu não tenho a solução, se eu tivesse eu estaria na Secretaria de educação pensando nisso né. não é um problema meu, não sou eu que tenho que resolver, eu já tenho bastante problema para resolver né. eu entendo que é uma sinuca de bico, uma rua Sem Saída, difícil mesmo porque ao mesmo tempo, quando a Secretaria decide que ou é atividade impressa que a criança busca na escola ou é o presencial, ela está querendo minimizar o impacto da desigualdade em termos de acesso à internet. por mais que não seja o ideal, a apostila que a criança leva em mãos, pelo menos está em mãos. Ela tem aí um calhamaço de atividades para ler, exercícios para resolver,

trabalhos para fazer. De alguma forma tu minimiza esse impacto de : eu não consigo acessar, não consigo abrir o pdf, ou nem sei o que é um pdf professora, meu celular não tem nem dados para baixar. [o impresso] é uma forma de minimizar, uma redução de danos. (...)

É isso ou as atividades presenciais. Por mais que sejam poucos alunos, por mais que formassem grupos, tu viu lá, não tem o que substitua uma roda com olho no olho, mesmo que não tenha o sorriso, a expressão, tem olho no olho. Que bom que tem o olho, porque é a janela da alma... deixa o olho ali pelo menos (risos). Nada substitui tu ver uma risada de um aluno com uma frase, uma pergunta, uma dúvida, uma palavra que não entende, poder falar, poder tu ter uma dúvida também, tu perceber o clima e daqui a pouco achar que tem que interferir porque sentiu que os alunos ali não entenderam ou ficaram constrangidos... ter esse feeling da atmosfera do que está rolando e poder provocar, lançar uma pergunta. Nada substitui, não tem. Eu só posso dizer isso para ti: Estou feliz, de ver o olho.

**Sentes falta/saudade de algo? Tem algo que aches positivo ou que gostarias que se mantenha após a pandemia?**

Eu sinto falta de ser assim para sempre, mas isso é impossível, é inviável. Mas ter tempo, não se tornar uma louca desvairada, acelerada, porque tu tem 25 alunos e tu tem 90 minutos para que alguma coisa fique para o próximo encontro que talvez dos 25 venham 22, porque é feriado, choveu, aquele aluno já perdeu o fio da miada, ele só vai vir na outra semana... Eu não estou sentindo falta, lara. Eu estou vivenciando uma coisa inédita. Eu preciso dizer isso. Eu não estou sentindo falta, estou vivenciando uma coisa inédita, que é: tu poder dar uma atenção absurda para os alunos, uma atenção descomunal. E mesmo com 5, 6, 7 eu já tenho que dizer “só um pouquinho, a sora tá atendendo aqui o outro”. Mesmo com poucos (...)

A insegurança é uma coisa que tem que ser estudada... eu não sei se não tinha me dado conta, se estou mais atenta para isso, não sei se essa insegurança veio na décima potência... mas o nível de insegurança dos alunos em não errar, não saber lidar com a frustração, o medo de fazer uma coisa que não é para fazer... “faz para mim sora, faz para mim. Não, tu vai fazer sozinho.” Essa insegurança demanda atenção. Quando eles percebem que tu esta ali de verdade, de fato, que consigo estar de fato para o 5, 6 ou 7, ai que eles pedem “sora vem aqui, sora, sora”. Tu viu ali na B21 que eu até cheguei a me perder no horário. O 2+2 igual a 5, tem resposta certa. No trabalho de arte como é o certo? Não tem o certo. Eles precisam do racional, lógico, um excesso de racionalidade, de lógica. Não é a toa de que quando vão ao 3 ciclo, a secretaria acabou de baixar um decreto para dobrar aulas de português e matemática.

Eu faço um jogo pratico na rua, a menina hoje chegava a tremer as pernas, morria de medo. O jogo é muito simples, trocar de lugar e não deixar o outro sentar na cadeira. Não é o jogo das cadeiras, é outro jogo. Hoje tinha uma turma inteira de alunos novos, que eu nunca tinha visto. Fui levar eles para rua porque tinha sol, estava gostoso. A menina tremia as pernas para trocar de lugar, por medo de errar, de não conseguir chegar a tempo na outra cadeira, ficar no meio, ficar exposta... são crianças! (...)

Eu te diria que o que estou vivenciando agora é uma coisa que nunca vivenciei, que é ter tempo e ter poucos alunos. E eu acho que nosso trabalho, nas condições de uma população tão vulnerável, tão sequestrada de tanta coisa, isso seria o ideal de uma educação. Uma turma com 10, 15 alunos. Com tempo para dar atenção a cada um. Então eu te diria que não sinto falta de nada. Eu gostaria que a gente pudesse ter essa estrutura.

Na Neusa acolheu minha demanda, minha luta de sempre, que isso sim eu não gostaria que voltasse, e eu fiquei bem mal quando chegou a nova grade de horário (...), nosso dia a dia mais gostoso para que a gente possa levantar (...). o que realmente exigi quando recebi essa grade de horário que veio tudo quebrado, fiquei bem mal. Não acredito que estou voltando no tempo, na década do 80, sobre o tempo da aula. Tu ficava 40 min numa b10, depois 45 min numa (...). Sempre a desculpa é que é difícil montar o horário (...), Mas a gestão de agora fez uma escuta, acolheram a demanda (...).

Porque é tudo fábrica né. Isso que tu não tem o sinal batendo, ai sim é fabrica né. (...)Se não é mentira, é mentira, para de mentir que esta ensinando, tu não ensina nada em 45 minutos. Isso obriga os professores a virar uma máquina (...).

### **Como tu vê o papel da gestão municipal no que diz respeito ao teu trabalho na escola?**

Eu só acrescentaria que quando a gente tem a gestão da escola sensível para o trabalho da arte na escola, é tranquilo. Não é a realidade de todas as escolas, de ter essa escuta, de entender a importância porque a engrenagem (...) toda é feita para privilegiar determinadas disciplinas e isso tem a ver com a estrutura colonial. Aprender português e matemática tem a ver com a estrutura colonial. Aquilo que vai fazer refletir, pensar, não que a matemática não faça refletir, não é isso, mas é que o entendimento de que existem as disciplinas ouro e as disciplinas bronze. A história a filosofia...

Eu vivenciei uma época na cidade de Poa em que tentaram romper com essa hierarquia, nos governos do PT (sim, preciso dizer) tentaram romper com essa hierarquia, e colocaram todas

as disciplinas no mesmo nível de valor, de importância. Todas as disciplinas tinham a mesma carga horária. Nessa última década a gente tem esse retrocesso, no meu entendimento. O retrocesso [iniciou] quando se parou de compreender e defender a educação popular (...). Tem muitos educadores que sentaram nesse sofá e ali ficaram (...). A gente chegou ser um país de fome zero e voltamos (...). Essa criança precisa de mais tempo. As nossas crianças entravam na escola sem saber segurar um lápis. Por causa disso se construiu uma proposta que levasse em consideração (...). Criaram-se ciclos de formação: o A, o B, e o C. E também se entendia que a criança não aprende só de um jeito, ela aprende pelo corpo, pela sinestesia, pelo emocional, ela não aprende só escrevendo e copiando do quadro, ela aprende saltando, ela aprende copiando, ela aprende de diversas forma. E nossa rede é uma das poucas que as crianças desde o jardim tem arte, tem educação física, que não é uma realidade, tinha só professora. A grande experiência é só minha única professora. Isso é uma proposta da rede municipal que ainda se mantem (...) para contribuir para uma aprendizagem de outras formas, já que muitas vezes ficava empacado ali numa não aprendizagem porque se via ela só por um lado e não [de maneira] integral, a criança é integral. Quando a gente fala de educação integral não é só no tempo integral, é olhar a criança integral, ela sente, ela tem emoção, ela pinta, ela canta, ela faz estrelinha, ela brinca, deveria brincar, deveria brincar muito. O impacto dessas mudanças na minha área seria quando eles tiram os projetos da escola, que são a possibilidade de tu criar um grupo de pesquisa na área teatral, um grupo de teatro, que é o que eu tinha lá na restinga. 5 anos tu tem um grupo que aprofunda o estudo da linguagem teatral, se apresenta num palco do teatro Renascença, faz parte de um festival internacional, se apresenta na escola para as próprias crianças, gerando cultura intern. Tu não precisa sempre trazer um espetáculo de fora, levar as crianças ao teatro. Não, a gente faz teatro aqui, e nossas crianças assistem teatro de qualidade, que a gente faz com os adolescentes e as crianças. E ai tu também vai estimulando isso com as outras turmas que vão chegando: “ah eu quero fazer teatro, gostei, achei legal”, e a comunidade também assiste, acessa a cultura, mesmo que seja uma cultura escolar, um teatro escolar. E as mães se identificam, porque são as filhas delas, falando delas, porque as filhas falam das famílias. E tem que trazer, porque a gente precisa falar sobre as relações, sobre a vida em sociedade, sobre as questões sociais.

O impacto mais direto foi o ano passado, quando o secretario resolve acabar com o turno integral na Neusa.

Em termos de ataque às professoras (...) não mudou nada. [entre as gestões municipais]

Acabaram com o turno integral muito pouco antes da pandemia.

Em termos de tirada de direitos, acabar com nossa aposentadoria, em todas essas questões dos direitos trabalhistas é o mesmo nível de tortura, de decisões com o objetivo único e exclusivo de atacar o serviço público. Agora, se eu comparar o secretário Adriano com a secretária Janaina, muda porque tem pelo menos uma conversa, uma escuta, uma abertura, um entendimento de que nós sabemos do que nós estamos falando e do que nós estamos fazendo. Se organizou formações de acolhida no início do ano, agora de novo em julho, palestras (algumas interessantes, outras nem tanto, mas não importa). Isso nós não tivemos nos 4 anos do Marchesan, investimento na formação continuada dos professores, que é uma obrigação da secretaria de educação, isso é uma obrigação da gestão, oferecer formação continuada para sua rede, e não foi feito. Outra coisa que eles retiraram foi a reunião pedagógica, uma coisa fundamental. Várias coisas que impactam no pedagógico. E essa secretária não sei como seria numa realidade normal, mas dentro do cenário pandêmico tem um respiro, [mas] acho que não muda muito o entendimento de que o foco é número, é resultado, é eficiência, é essas crianças saberem mais matemática, saberem mais português. Acho que não muda muito isso, mas ainda é muito cedo, ainda estou analisando, observando. A proposta que eu te falei que veio com redução da carga horária da história, da filosofia e da geografia. De um lado parece que está dialogando com os professores, ouvindo os professores, mas se tratando de educação a gente nunca pode fechar nenhum olho, tem que estar com os dois bem abertos.

### **Como se deu o apoio pedagógico e emocional neste período? De onde veio?**

Tem a figura da Gislaine, é uma pessoa muito centrada e muito serena, ela lidou de uma forma que admiro (...) gerir um grupo de professores nessa situação toda, demandas, muda, agora é córtex, agora não é, e tem e-mails, e tem reunião eu achava ela muito bem preparada e eu admirava muito isso nela. E todas as vezes que precisava desabafar foi ela que procurei e fui muito bem acolhida. Não teve um suporte psicológico da secretaria de educação. Eu sei que tinha lá psicólogos se quiser, mas eu tenho minha terapeuta. Eu quero dizer que na verdade o que a gente precisa é dos pares mais próximos. Tu vai procurar os teus suporte individualmente, deveria pelo menos, mas isso não ajuda se tu não sente essa acolhida, esse abraço, e eu acho que as meninas conseguiram, pelo menos comigo eu me senti acolhida, abraçada nas minhas ansiedades.

Em 2020 eu era mega ansiosa, com as notícias que vinham, eu tinha medo de que a gente não validasse nada do que a gente fez, o medo de ter que emendar janeiro e fevereiro e não ter férias. Várias coisas, e elas estavam ali sempre tentando amenizar. O meu suporte foi as próprias gurias, a Gislaine, a Soraia, Paula, até o João em alguns momentos. De entender, ouvir, a gente

fica muito carente, daí a gente fala muito, aí a gente acha que tudo é contra gente... essas coisas poder falar e as pessoas saberem lida contigo. Que nem a gente com as crianças, não muda muito. A criança quer que tu saiba lidar com ela, até se ela te mandar a merda.

Essa vez que eu fiquei bem mal, eu me senti a vontade de perder as estrididas. Aí teve o aniversário da escola, eu disse não quero fazer nada. A Gislaine veio me convidar “não quero saber” eu me senti a vontade de dizer não encham, me deixem. Ou aquela vez na reunião que eu também me descontroliei com o pessoal de Portugal. Eu estava me sentindo muito pressionada e realmente eu continuo me sentindo porque (...). Eu comecei a entrar na loucura da roda de produzir, produzir. E quando a Sara entrou, eu me dei conta que estava entrando num ritmo que educador não tem que entrar, que é esse da produtividade, da eficiência, da excelência. Quando vê tu está de novo jogando o jogo do sistema.

Uma coisa que mudei para 2021: parar de me exigir. A gente internaliza o explorador, a gente se explora (...) e não tem a quem culpar. Uma exaustão geral do virtual, da falta de contato, de interação, diversão, a questão sexual, tudo.

### **Como tu percebes os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?**

O que eu observei das poucas famílias que eu convivi, é que tinha um empenho muito grande em tentar fazer com que as atividades chegassem nos seus filhos. Eu via esse movimento das que eu pude acessar. Tinha um empenho de disponibilizar o celular de noite, aprender como se baixa um pdf, pedir ajuda, e de uma forma muito respeitosa: “professora, desculpa o horário”. Não é invasivo. Porque nosso celular virou uma chacinha né. Todo mundo tinha aceso ao meu celular, ao meu número. Então eram 10 da noite e uma mãe lá perguntando, mas é o empenho, tinha uma vontade. Mas isso foi cíclico, não foi o tempo todo. Eu acho que a pandemia teve várias fases em 2020. Teve essa fase da loucura, essa fase do susto, eu até queria fazer um mapa. Susto, medo, loucura, inventa, inventa, meme, muito meme, tic toc. As famílias também foram acompanhando esse movimento. E tem um cansaço, uma exaustão e vai abandonando, começa não tirar mais fotos das atividades.

Agora eu vejo na secretaria sempre tem um pai uma mãe ali, democratizou um pouco mais. A única coisa que a família tem que fazer é ir lá a buscar as folhinhas. Não precisa mais se preocupar em ter um CPF para entrar na plataforma, isso aí levou um tempo. Até todas as famílias entrarem na plataforma, ter um cpf direitinho, foi tudo um processo. Para entrar na córtex, para entender. E elas tentaram, porque é duro ser pobre. Eles não querem ficar de fora em aquilo do que tem direito. Mas as dificuldades elas tem, aí começou a faltar grana, começa

faltar trabalho, grana, tu tem 3 filhos, tu tem uma casa desse tamanho que não cabem seis mas moram seis, e os conflitos, as famílias se empenharam, fizeram o que elas podem.

Agora as minhas devolutivas estão bem poucas, mas eu escuto que é geral. Daqui a pouco vem, busca, mas não devolve. E são dois movimentos; o de vir buscar e o de vir devolver feitas. A coisa de aprender a abrir um pdf, para poder fazer o material chegar na mão dos seus filhos, tentar imprimir, tentar fazer por email, “sora pode mandar por whatsapp por favor”, tudo com muita educação, com muito respeito, pedindo desculpas pelo horário, e preocupadas por nossa saúde. Como é que a senhora está? Se cuide professora, eu sei que está difícil, mas vai passar

### **Como tu achas que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia?**

G: Isso também teve fases. No início da pandemia, nos primeiros três meses: “as professoras tem que ir para a escola porque como assim, onde que vou botar meu filho”. Os pais precisam trabalhar, a escola é um depósito, nós somos apenas cuidadoras. A gente não importa, nós temos uma missão como as enfermeiras, “como é que os enfermeiros estão lá na linha de frente, com a cara no vírus e não estão reclamando? Como é que os médicos estão lá na linha de frente, com a cara no vírus e não estão reclamando? Tinha esse olhar, até que daqui a pouco foram vivenciando que não ia rolar, que o negócio era sério, que a pessoas estavam morrendo, porque aí começaram os números né, então as coisas vão mudando. É real, está morrendo muita gente. Ai virou deus no céu e as professoras na terra. “como é que a senhora conseguia professora? Os memes, muitos memes a respeito disso: “professora, a senhora me passa seu psiquiatra”. É os memes que mais rolavam, porque realmente. “a senhora é uma santa”, eram esses memes que rolavam e aí tu vai vendo: ah tá, tô entendendo. As mães não conseguem dar conta de ensinar uma coisinha, uma leitura para um filho.

Aquilo que tu não vê o processo, tu não entende. Alfabetizar uma criança parece fácil. Então tenta. Tenta 25. Acho que tem a ver com isso de entender por dentro a dificuldade que é fazer uma criança entender uma coisa... e repete... e repete de novo. Amanhã ela esqueceu, tem que lembrar de novo... A pandemia serviu para pelo menos botar uma lupa e as famílias tomarem conhecimento do que que é nosso trabalho.

### **Como tu achas que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?**

Primeiro que não sei se acredito mais que só a vacina vai garantir... porque agora com a delta... uma necessidade de tomar 3 dose. Então eu já estou começando a me preparar psicologicamente que a primeira e a segunda dose não é garantia de que não possa continuar o contágio. Já estão pensando numa 3 dose. Mas vamos pensar em 2025, acabou, a gente conseguiu expulsar e a vida voltou ao normal. Eu não sei se consigo enxergar isso. Eu não sei se tenho coragem de tirar a máscara na rua.

Tem uma mãe que relatou: meu filho está retrocedendo. Ele voltou fazer xixi na cama, voltou a chupar bico. Por ficar em casa, não ter interação, não ter convívio. É uma criança pequena. E acho que é um pouco isso em termos coletivos, sociais, em termos de irritabilidade, de frustração, de depressão, de desânimo, de apatia. Acho que vai vir assim.

### **Poderias compartilhar algumas experiências que aches interessantes?**

Uma criança que treme as perninhas porque ela tem que correr um metro de uma cadeirinha a outra... e hoje só fiquei observando: “ai machuquei meu pé”. E não aconteceu nada. É o corpo que perdeu a experiência do arriscar-se. Não saber saltar, correr. Não conseguir correr, ter medo. O corpo inerte, não sedentário, mas apático, inerte. Aprender a brincar no convívio de novo. Uma ressocialização, porque existe um desaprender. Nunca foi muito fácil, eu te confesso. Sempre foi extremamente difícil esse trabalho, porque foi muito conflito que tu lida, que tu gera. O jogo provoca isso: as questões de gênero, de competição, do saber ser generoso, esperar (...). Eu não falo de jogo competitivo, falo de jogo dramático, teatral, do jogo da brincadeira. Já era muito difícil, tu tinha que estar o tempo todo intervindo para ensinar as crianças a brincarem juntas.

Vai parecer narcisista, mas quando as crianças olham para mim olham para uma criança grande (...).

Lembro que eu pensava assim: quando abrir a porta dessa escola... as crianças vão vir todas correndo, porque elas ficaram enfiadas dentro de casa, cheias de energia, elas vão vir correndo, e não, vieram apáticas. Foi uma surpresa (...).

Muito trabalho de formiguinha de reconstruir. mas o convívio é fundamental, ensinar a conviver, a brincar junto, aprender junto, estar junto, acho que esse vai ser o foco fundamental porque tem um distanciamento social. A gente vai continuar distante? Não vai se aproximar mais de novo? Não vai desenvolver afetos de novo? O abraço não vai mais existir?

Hoje alunos completamente novos, vai mudando, tem alunos que não vem mais, daqui a pouco vem de novo. Que nem aquela aula que eu dei lá que tu tava, não consegui mais dar. Com aquele grupo lá, eu não vi mais. Que estivessem os mesmos alunos que estavam contigo lá, nunca mais eu vi. Porque oscila muito, troca o grupo, daí vem um, vem dois.

Eu: fator de estresse total, tu não sabe nunca com o que vai se encontrar.

Mas ao mesmo tempo, se tu vai perguntar para as professoras, elas vão te dizer o que estou te falando: ainda assim, é melhor de como era porque era uma loucura. Estresse é ter a cada dois períodos 25 neguinhos diferentes nessa loucura de violência, indisciplina, desânimo. “não quero fazer”, “essa aula é chata”, ser professor na periferia é uma loucura. Então se tu vai perguntar para os professores, [eles vão dizer] “deixa assim que está ótimo, que com pouquinhos alunos eu consigo dar minha aula, eu consigo falar, eu não consigo pedir silêncio nunca”. É isso que eu acho que vai ser a dificuldade, de ficar mais sensível para o barulho, qualquer ruído tu já vai “aii meu deus!”, porque se habitou no silêncio em casa, o silêncio da aula, tu fala e todo mundo ouve, tu não precisa te exaltar, não tem briga, não tem briga!

Acho que se tu perguntar, a gente quer ter essa vida para o resto da vida, bem honestamente. Ter tempo e poucos alunos. Tá errado? Tá porque é para ser democrático. Claro que é chato dar aula para um, dois alunos. Não é isso que estou dizendo. O mundo ideal era ter um grupo de 10, 15, para a gente trabalhar naquela realidade.

Eu: Obrigada Gabi, foi muito bom te escutar

Muito bom. É bom, tu me faz pensar, eu não tenho resposta para tudo, mas me faz refletir. E muito honesta Laura, não tenho preocupação nenhuma em ser educada no sentido de dizer aquilo que seria bonito uma professora [falar]...

Eu: Não, ninguém quer escutar isso.

Porque não dá para romantizar essa profissão, e também não dá para demonizar. Eu gosto, mas tenho um cansaço de tudo.

## **APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A PROFESSORA JALIZE**

**Realizada em 12 de agosto de 2021**

### **Identificação:**

Professora do jardim A

**No cenário da escola diante da pandemia, como foi tua experiência ano passado e como esta sendo agora em 2021, em relação aos maiores desafios?**

O maior desafio de 2020 foi chegar nas famílias de alguma forma, porque além da pandemia em si, da questão do cuidado da saúde, da preocupação, do medo que a gente passou todo o ano de 2020, essas famílias ainda enfrentaram o desemprego, a fome, a questão da violência, aí na comunidade a gente sabe como é, e por estarem muito mais em casa isso foi ainda mais presente, as crianças também vivenciaram muito isso, porque antes as crianças iam para escola. Acho que nosso maior desafio foi esse (não sei o dos outros, vou dizer pela educação infantil). Era chegar neles de alguma forma com as atividades, porque a prefeitura queria que nós enviássemos as atividades, não importa se eles não tinham o que comer, se não tinham o que vestir, se estavam sem casa, se alguém pegou covid e morreu. A gente tinha que enviar as atividades e fazer com que eles nos trouxessem um retorno, e muitas delas não tinham computador, não tinham celular, ou tinham um celular para a família toda, que era usado uma vez por dia pela criança. Não tinham internet, a prefeitura disponibilizou um pacote (acho que eram 100 megas se não me engano) lá em setembro ou outubro. Então a gente passou de abril até setembro pedindo ajuda para a prefeitura para ver se disponibilizavam de alguma forma. No primeiro momento, a gente entregava impresso, então era muito mais fácil a gente chegar neles, porque eles iam até a escola e retiravam esse material e depois na hora de devolver eles retiravam o novo material. Com a pandemia se agravando, a prefeitura decidiu então criar a plataforma Cortex, onde a gente enviava tudo por aquela plataforma, e não tinha mais o contato presencial, não tinha mais o contato de ir até a escola a buscar um kit de atividades ou ir até a escola e ver a professora entregando a atividade. E a partir desse momento, que foi em julho se não me engano, nosso retorno das famílias foi de 12 famílias que ainda retornavam com as atividades impressas, 1 passou a responder pela plataforma, e as outras a gente não tinha notícia, não tinha contato. Eles mudavam de número muitas vezes, eu acho que usavam aquele tanto de

internet, de créditos que vem num chip, e depois trocavam de chip e a gente não tinha mais como falar. A gente tinha os números de Whatsapp, muitas vezes a gente chegou a chamar pelos números e dava em outra pessoa, aquele número já não era mais deles e foi assim. Em 2021 eu acho que o maior desafio está sendo nos adaptar a um retorno sem segurança, porque nós voltamos sem vacina, as vezes sem material na escola porque não chegou tanta coisa, controlando as crianças o tempo todo de limpar a mesa, limpar a mão, limpar brinquedo, não pode entrar com mochila, tem que limpar o pé na entrada, cada um tem a sua caixa para guardar seus materiais, as famílias não podem chegar até a sala, passa pela medição de temperatura na entrada, se não passou tem que voltar. Acho que em 2021 foi esse o maior desafio. Claro, a gente sabe que eles ainda estão passando por necessidades grandes, mas como alguns retornaram, então a gente tem esse contato, que é o que a gente precisa na educação infantil: esse contato, essa troca que em 2020 a gente infelizmente não teve.

### **Como tem sido o acompanhamento dos que não retornaram ainda no presencial? Jardim A é só um grupo no presencial?**

Eles estão divididos em dois grupos: o grupo A, que vai pela manhã, e o grupo B que vai pela tarde. E tem um grupo remoto que é o que fica em casa. Então o pessoal que vai para a escola, a gente faz as atividades e propostas com eles na escola. E a gente monta um kit uma vez por mês, agora parece que querem mudar para quinzenal mas eu não sei ainda, não tenho certeza, por enquanto é uma vez por mês. A gente tenta colocar nesse kit atividades parecidas, ou dependendo do material e da forma que pode ser ofertada a atividade, a mesma atividade que foi feita em sala. Mês passado foi sobre festa junina, em maio foi sobre a família, e agora esta semana as famílias retiraram mais um kit que é sobre um projeto (que vai ser um projeto da escola) que é sobre o meio ambiente. Então as famílias vão até a escola, retiram esse kit, levam para casa, fazem com as crianças, algumas atividades a gente pede para enviarem as fotos pelo Whatsapp (a gente tem um grupo com as famílias no Whatsapp). A proposta da educação infantil é evitar papel, copia, xerox...a gente envia muitas brincadeiras, muitos jogos, construção com sucatas, construção de personagens. Como não tem como colocar isso num papel para me devolver, a gente pede o registro através das fotos ou vídeos pelo grupo de Whatsapp. Assim que eles levam as atividades a gente marca uma data de retorno, que geralmente é quatro semanas depois para dar tempo de eles fazerem, e quando eles retornam com as atividades para entregar (o que foi no papel), eles levam o kit novo. A gente tenta colocar no kit todo o material que vai ser usado. O primeiro kit de maio foi o básico: canetinhas, lápis de cor, giz de cera,

borracha, cola, apontador. Em junho a gente já colocou alguns materiais para as atividades de festa junina. A gente mandou uma revista para fazer as bandeirinhas, barbante para pendurar as bandeirinhas, sugestão de receita, levaram um tubete com milho de pipoca, uma marmitinha com paçoquinha e pipoquinha doce, os copinhos para fazer as brincadeiras. Então a gente tenta com que de alguma forma com que eles se sintam inseridos na turma. As atividades que a gente faz na sala, a gente tenta enviar no grupo as fotos. Teve brincadeira de derruba lata, a gente fez na sala, mandamos as fotos e vídeos para as famílias pelo grupo de Whatsapp, porque essa brincadeira estava no kit deles, então para eles verem os colegas fazendo a mesma atividade deles.

### **Sentes falta ou saudade de algo?**

Agora tu me pegou (*chora*). Sinto falta das crianças, das famílias, de ouvir barulho na escola porque há um silêncio na escola comparado a o que era antes. Saudade de tudo como era antes, a correria, a loucura de ir para o almoço todo mundo junto, aquele tumulto na saída, aquele tumulto na entrada, que em alguns momentos a gente se estressava com isso, mas agora a gente vê que não precisava ter se estressado tanto. Faz falta.

### **Tu achas que esse momento tem algo positivo, algo que consideres que foi bom?**

Acho que uma atenção mais... não vou dizer exclusiva... mas é que antes a gente tinha 25 crianças para dar conta, então nem sempre a gente conseguir prestar atenção no desenvolvimento de cada um porque eram todos os dias 25 crianças... Então eu me organizava assim: na primeira semana observava 5 ou 6, na outra semana outros 5, até conseguir observar o desenvolvimento de cada um. Hoje, como a gente tem grupos de 5 ou 6 crianças, então eu consigo enxergar eles muito mais, numa profundidade muito maior. Gostaria muito que continuasse assim, mas a gente sabe que não tem como. Daqui a pouco volta aquela correria, mas a gente vai dar um jeito, sempre dá um jeito de conseguir acompanhar o desenvolvimento de cada um.

### **Como tu vê o papel da gestão municipal, no que diz respeito ao teu trabalho na escola?**

A gestão municipal poderia ter se empenhado muito mais para que nosso trabalho fosse muito melhor e alcançasse muitas crianças que infelizmente não tinham e não tem condições de acompanhar uma plataforma.

### **Como se deu o apoio pedagógico e emocional nesse período? de onde veio?**

No meu caso, além da terapia, tive bastante apoio da supervisão e direção da escola. Apoio pedagógico, nos auxiliando com as informações que para elas também eram novas, busca pelas famílias, auxílio com materiais e quando precisávamos falar e expor nosso sentimento eram as gurias da supervisão que nos ouviam. Tudo o que esperávamos da SMED e prefeitura, as gurias tentaram de alguma forma ajudar a chegar o mais próximo possível.

### **Como tu percebeu os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?**

Eu já tinha falado numa das perguntas, a questão da fome, do desemprego, das dificuldades que passaram em casa. Teve a questão do incêndio também, que foi muito chocante. Teve uma campanha muito grande, um movimento muito grande de toda a comunidade, de todos os professores e funcionários para arrecadar e conseguir reconstruir a rotina dessas famílias que ficaram sem casa, sem comida, sem roupa, sem nada. No dia seguinte ao incêndio cheguei lá na escola para levar minhas doações e tinha muita gente, mas era muita gente e muita doação na escola. Foi um momento lindo de ver, mesmo com as dificuldades que a gente sabia que eles tinham (alguns não trabalhavam, outros trabalhavam e iam na escola em algum horário vago para ajudar). Eu fiquei sabendo que tem um pai que se ofereceu para ajudar na construção das casas, e ele e mais alguém que ele conseguiu vão fazer a mão de obra. Apesar de todas as dificuldades deles, conseguiram **se envolver**, se engajar para uns ajudarem os outros. Foi chocante por saber da realidade deles, porque parece que é uma coisa que está só na Tv, quando a gente chega na escola numa comunidade que precisa muito do auxílio que a prefeitura não dá, infelizmente, é que a gente vê que aquela realidade existe, é de verdade.

### **Como tu achas que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia?**

Eu acho que alguns valorizaram muito mais a escola e o trabalho dos professores durante esse período, perceberam a falta que faz esse momento, esse estímulo, essa vivência das crianças com os colegas, os professores. E alguns continuam com o pensamento de professor não quer

trabalhar, professor é vagabundo, que podem ensinar em casa. Acho que ficou não sei se meio a meio, talvez uma parcela menor que não tenha visto, não tenha valorizado tanto, mas a grande maioria acho que deu muito mais valor e percebeu a importância que é ter esse espaço e poder usufruir desse espaço, dessas pessoas, dessa troca com os colegas, com amigos, e como isso impactou na aprendizagem deles. Não que seja uma coisa irreversível, acho que a gente consegue reverter, mas que foi impactante foi.

**Como tu acha que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?**

Vai ser difícil. Uma nova adaptação bastante desafiadora, por conta do número de crianças e conseguir seguir todos os protocolos que estamos seguindo com os poucos que hoje estão indo.

**Tu achas que os protocolos seguirão um bom tempo então...**

Eu acredito que sim, enquanto não tivermos a certeza de que estão todos protegidos e vacinados acredito que seja o mais correto. Claro, dependemos das orientações da prefeitura sempre, mas no que depender de mim, vou seguir com os cuidados

**Poderias compartilhar algumas experiências com a turma que aches interessantes?**

O que mais chamou a atenção foi a forma como eles chegaram na escola. Já chegaram falando sobre a situação da pandemia, com medo no início, mas aos poucos começaram a se aproximar porque perceberam "que não era legal brincar sozinho". Como nós estamos mantendo os protocolos, controlando temperatura, álcool, limpeza a cada turno, fui deixando que eles sentassem juntos e pudessem ter essa troca entre eles, que é o principal na educação infantil. Uma atividade que fizemos foi uma roda de conversa para ouvir o que eles sabiam sobre a pandemia e o vírus, e o que podíamos fazer para nos proteger. Nessa conversa vieram relatos:

"O vírus mata as pessoas"

"As pessoas ficam no hospital com um monte de fio no rosto"

"A gente não pode ficar junto com um monte de gente"

" Tem que comer as frutas e legumes para o corpo esperar e expulsar o corona"

Ah, e no início de maio a mulher maravilha teve covid e ficou em isolamento, não podia brincar com os outros super heróis. Mas ela se recuperou e hoje está bem.

## **APÊNDICE E – ENTREVISTA COM GISLAINE (VICEDIRETORA) E SORAIA (DIRETORA)**

**Realizada em 30 de agosto de 2021**

### **Identificação**

Gislaine, vice-diretora. Pedagogia com habilitação em educação infantil – anos iniciais, Supervisão escolar, disciplinas pedagógicas do curso normal. Especialização em ed infantil em anos iniciais. De prefeitura 24 anos e de neusa trabalhei em 2017 ate metade de 2018, sai e retornei no inicio de 2020 na função de supervisora, e agora em março assumi a vice direção.

Soraia, diretora. Formação em educação infantil, educação pré-escolar se falava, (UFRGS) e pós em psicopedagogia, e tem magistério também. Na Neusa há 11 anos. Na Neusa profe do jardim A, B, volante do 1 e 2 ano e professora da biblioteca de contação de histórias.

**Como foi a experiência de vocês no ano passado e como está sendo em 2021? (maiores desafios; caso seja professora: que tiveram em conta ao dividir os grupos de cada turma e como está sendo o acompanhamento de quem não está no presencial?)**

S: o ano passado foi muito difícil, muito complicado o início, porque na realidade nós temos toda uma estrutura já montada e organizada para iniciar o ano letivo e ai chegou em 17 de março e a gente teve que fechar a escola. A partir dai foram muitas inseguranças, incertezas, o que estava acontecendo, porque ninguém imaginava que fosse por tanto tempo. No início foi bem complicado para a gente entender como ia ser esse trabalho, ninguém estava acostumado com o trabalho online, como é que a gente ia atingir os alunos, como é que ia chegar nas famílias, então foram muitas reuniões online, muitas conversas até a gente conseguir estruturar o trabalho. No final do ano teve um retorno, ai depois não, então foi um período de incertezas e muito trabalho. Acho que tanto a equipe quanto os professores cresceu muito no ano passado. Foram diversos desafios, a nível pedagógico, a nível tecnológico, a nível emocional -porque a pandemia trouxe uma fragilidade muito grande nas pessoas- e a gente teve que lidar com isso. E este ano, com este retorno, a gente estava muito insegura, e ainda está muito insegura. As pessoas acham que terminou, mas não terminou, nós estamos vivendo um momento de pandemia ainda. Nós temos um vírus aí fora. Mas a gente enquanto escola, tem coisas que a gente tem que cumprir, então tivemos que nos reorganizar novamente, tudo isso dá muito

trabalho, porque tu está numa estrutura, numa organização, tu tem que rever tudo novamente, e teve muitas mudanças do ano passado para esse [ano]. Uma hora tu tinha que agir de uma forma, daqui a pouco tinha que agir de outra forma, chegou outro protocolo, outra diretriz. Isso causou muita ansiedade, na gente, no grupo. Todos. Muita ansiedade isso gerou. Porque a gente esta vivendo dia a dia, cada dia é uma coisa diferente. Uma nova ordem, uma nova forma de fazer, um novo código. A gente teve que aprender a lidar com vários códigos com relação aos funcionários, ao servidor. Eu acho que o grupo, as professoras, a escola, toda essa rede teve um crescimento muito grande, é uma rede corajosa. Mesmo não tendo muitas condições conseguiu romper várias barreiras, de muita luta, muita batalha, e é uma rede que está resistindo ainda.

### **Como se deu a divisão de grupos?**

G: Teve diretriz. Foi muito desgastante, porque além de toda a questão da insegurança em relação ao vírus que a gente não conhecia, dos medos, da ansiedade coletiva, essa desorientação da mantenedora foi um fator de muito mais estresse. Porque a gente tem orientações novas as vezes a cada dois dias. A gente estabelece uma diretriz com os colegas, com os professores, e daqui a pouco muda de novo. E isso nos deixa mais ansiosas, mais inseguras, mais cansadas. Tem sido muito cansativo, tem sido exaustivo. Eu me sinto exaustas. A gente terminou o ano passado exaustas, e reiniciou esse ano da mesma forma. Existem muitas falhas por parte das diretrizes que vem da SMED e a gente tenta se organizar da melhor forma, seguindo tanto os protocolos -uma coisa que a gente procura é não abrir mão aqui é dos protocolos, porque protocolo não se negocia, se cumpre. Ainda mais protocolo que diz sobre a saúde, a vida das pessoas, tu não negocia, tu cumpre. Então a gente procura seguir os protocolos ao pé da letra, os protocolos que vem da secretaria da saúde. A gente foi a primeira escola que criou o COI, que é um grupo que nos ajuda a pensar as questões de protocolos, de organização. Então a gente segue sempre as diretrizes orientadas pelos protocolos vigentes em relação a saúde. A divisão dos grupos é um dos critérios. A gente fez toda a medição das salas para ver quantas crianças cabiam. A organização dos grupos seguiu essa orientação. Cada turma tem marcado na sua porta o número máximo que comporta. Se eu tenho uma sala que comporta 8 e tenho um grupo só com 9 crianças, eu poso botar mais um? Não! A gente foi bem rígido no “não, não pode”. Dai vai ter que dividir em dois.

### **A escolha de quem fica num grupo e quem fica no outro é da profe?**

G: É da profe. As profes tem feito essa composição. A gente pensou diversas formas de organizar, mas a gente entendeu que a profe é a melhor pessoa para organizar esse perfil de grupos que ela vai ter. Mas procuramos seguir também a orientação de não deixar as crianças muito tempo sem contato com a escola, então no máximo uma semana, que a gente já sabe que é muito. Para a organização pedagógica, a criança vir num dia, não vir no outro e depois vir no outro, também é complicado, matematicamente. Então o que deu uma organização mais parelha foi fazer uma semana sim e uma semana não. Só uma turma que teve 3 grupos, a maioria teve 2 grupos. E agora essa reorganização, de novo, com essa diminuição do distanciamento a gente vai conseguir ter ou um grupo ou dois grupos. Tem muita família que não vai voltar, e segue optando pelo remoto. A nossa forma de organizar as aulas é com material impresso, não é online. A gente não tem formato híbrido. Chegamos a fazer, mas entendemos que não tem como, porque a gente também precisa que os professores estejam fisicamente aqui. Então a forma de dar essas aulas é com material impresso. Os grupos não voltam completos. Tem gente bem preocupada com a saúde dos filhos.

S: 80% está voltando

G: o distanciamento no refeitório não foi alterado ainda, porque como tu precisa tirar a máscara para comer, então não tem como ficar a 1m de distancia sem máscara

S: e para nós foi um problema bem grande né, porque a gente teve que fazer toda uma reorganização e readaptação novamente porque a gente teve que puxar um horário de refeição e alimentação, cabem 22 e ai a gente conseguiu organizar isso e foi bem desgastante, bem complicado. A gente teve várias reuniões com a técnica em nutrição da escola para tentar a melhor forma possível para todos.

### **Sentem falta ou saudade de algo?**

G: Sentimos falta de assessoramento, de retornos, de orientações mais precisas, de ter a quem recorrer

S: Sentimos falta de ter um espaço de reuniões pedagógicas. A gente tinha antigamente nas quintas-feiras reuniões pedagógicas entre todos da escola. Com a entrada do Marchesan foi retirado essa reunião pedagógica e ai sistematizar essa reunião, que a mantenedora nos oferecesse uma forma, um meio para que a gente continuasse com reuniões pedagógicas para poder alinear o trabalho, poder discutir sobre as questões a serem trabalhadas na escola. Sem

reunião é muito complicado. Hoje a gente conseguiu de manhã em função da dedetização da cozinha. Então a gente conseguiu fazer.

G: uma reunião bem bacana. Fazendo concepções, fazendo alguns resgates, pensando no futuro, projetando, no aspecto curricular. A prefeitura, a Smed, disparou a discussão da proposta pedagógica da rede. Só que essa discussão está sendo feita só por diretores e com supervisores. Não é com a representação da rede. Porque os diretores e supervisores não representam a rede, existem os professores, existem os pais, alunos. E a gente está sentindo falta dessa discussão mais ampliada sobre a questão pedagógica. E a Smed deu um prazo muito pequeno para fazer esse movimento. Então, com certeza vai ser um movimento só de representação, não vai ser um movimento legítimo. E como a gente viveu esse processo democrático por muitos anos, de se reunir, discutir, sistematizar com toda a comunidade escolar, a gente sente falta. E a gente fica muito restrito. Tu apresentar uma proposta pedagógica para a rede em nome de diretor e supervisor que não é representação de toda a rede. Porque a gente nem consegue conversar, nem consegue reunir nossos professores para dizer o que está sendo discutido no grupo dos diretores, dos supervisores. E isso vai dando um cansaço, porque hoje de manhã a gente se reuniu e falta tempo, todo mundo quer falar, todo mundo quer discutir, todo mundo quer estudar. A gente não estuda mais. É uma rede que estudava muito e não estuda mais. Não tem mais oportunidade de estudo, de estudo coletivo. A gente sente falta de uma política séria, sistematizada, organizada de formação continuada, que está previsto em lei, e que não acontece. No mínimo há 4 anos e meio a gente não tem nada de política de formação continuada para a rede, isso nos fragiliza, enfraquece. Hoje de manhã a gente fez uma discussão bem bacana e tu percebe que isso motiva ao grupo. Porque todo mundo se sente parte desse processo. Mas isso é um movimento organizado pela escola, não pela Smed. Nós bancamos porque a gente teve a dedetização.

### **Algo positivo da pandemia? (silêncio). Podem dizer que não há também...**

G: Acho que é coletivo esse sentimento dos diretores de escola de exaustão.

S: Do ano passado para esse, todos os que assumiram, porque na realidade os diretores assumiram ano passado o mandato novo, eu acho um desafio muito grande, muito cansativo, exaustivo, acho que a mantenedora ainda não percebeu o papel da gestão, da equipe diretiva, porque eles não nos estão dando condições nenhuma de trabalho, de valorização. Num momento em que eles dizem que tem direito a planejamento fora da escola só quem é professor,

eles estão negando o direito do supervisor que em casa passa uma boa parte do seu tempo planejando as atividades, planejando o trabalho para poder encaminhar o trabalho para os professores com os alunos. No momento em que a mantenedora nega que a direção não trabalha... Trabalho sábado, trabalho domingo, trabalho de noite, abro email, respondo email, respondo aos pais, respondo à comunidade. A gente não para, a gente trabalha o tempo inteiro. E eles não fazem esse reconhecimento. E isso não melhorou em nada. Mudou quem está na secretaria, mas não mudou o pensamento, é o mesmo pensamento anterior. Eles não olharam que -tem que valorizar o professor? Sim, mas tem que valorizar também as equipes diretivas, as equipes de trabalho dentro de uma escola, porque as pessoas têm trabalhado muito, estão muito cansadas de trabalhar.

Imagina: Tu organiza o trabalho com os professores, com os pais, os alunos, toda uma organização. Dai na outra semana tu recebe uma outra orientação diferente, aí tu tem que reorganizar tudo de novo. Só para ir para o refeitório, a gente ficou três, quatro dias com a técnica de nutrição pensando como fazer uma logística, porque tudo é uma logística. Para receber no portão, para encaminhar os alunos, para dividir os grupos, A, B, C. Tem sido bem cansativo, sabe? Aí tu percebe que a mantenedora não enxerga isso. Eles acham que não. Então a concepção deles ainda de educação é uma concepção errada. A concepção parece que é assim: eles deram uma ordem, chegou aqui, tu cumpriu. E não é assim que funciona. A gente tem que pensar, tem que organizar, tem que delegar. É toda uma logística para dar aula, para atender os alunos, para atender os professores, a gente tem que pensar muito, não é fácil. Então não vejo nada de positivo em relação a eles. Eu vejo como positivo essa resistência das direções ainda de dizer o que pensam, porque temos grupos de direções, GTs, que ainda conseguem demarcar e dizer que não, que não é isso, que não pode, chamar a reunião à mantenedora e falar. Mas parece um eco, tu fica falando, falando, falando e não tem nada alterado. Então parece que não tem nada positivo, não estou conseguindo perceber.

G: É muito louco, lura. Por exemplo aqui, nossa organização para cuidar os recreios a partir da amanhã. Então a gente vai ter três horários de recreio e em cada recreio a equipe tem que acompanhar o pátio. E vai todo mundo a cuidar o recreio, vou eu, a Soraia, a supervisão, a orientação, a secretaria, todo mundo tem que cuidar recreio. Aí tu para tudo o que esta fazendo (prestação de contas, responder email, abrir processo) e vai para o recreio. Não tem nenhum problema ir para o recreio, mas é que nos faltam pessoas, nos falta estrutura. O RH tem sido um setor bastante acolhedor, tem feito o possível para repor pessoas nas escolas, mas não dá conta também. A gente tem falta de RH ainda.

Acho que o que melhorou foi o aspecto financeiro. A gente recebeu bastante verba, “verba Covid” que eles chamaram, para aquisição de equipamentos. [nesse governo] acho que o quesito financeiro melhorou bastante.

S: Verba para reformas, manutenções na escola, a mantenedora tem sido bem solícita com relação a isso, da gente pedir coisas e estar recebendo. Esse é o ponto positivo. Mas no resto, não percebo nada positivo.

G: Acho que tu percebe também porque a escola fisicamente já mudou bastante. Agente foi buscar outros recursos, outras parcerias, mas nesse sentido não pode reclamar da Smed. Para nós a fragilidade da Smed nesse momento esta muito acentuada no pedagógico. Financeiro tá ainda, RH, tá ainda, mas o pedagógico está muito frágil.

### **Como se deu o apoio pedagógico e emocional neste período? De onde veio?**

G e S: Não veio. (risos)

G: Vem das nossas famílias, das nossas orações (risos), mas o pedagógico da Smed está muito fragilizado. Agora tem uma pessoa que está há mais tempo à frente, fazendo alguns encaminhamentos, algumas diretrizes. Mas é muito cansativo também porque são diretrizes que a própria rede não está concordando e está meio que sendo imposto algumas coisas que a rede não concorda. Por exemplo, agora o que a gente tem mais discutido é ...foi colocado uma proposta de grade curricular sem discutir antes as concepções de currículo, as concepções que precisam embasar essa grade. Tudo o que não foi feito em 4 anos e meio, porque a gestão passada realmente não fez nada, nada, é impressionante, acho que só destruiu o que tinha. Essa gestão acho que está tentando fazer a troca de caixa e atropelando os processos, a gente se sente atropelado o tempo inteiro, não consegue respirar. Esse material, por exemplo, que a gente apresentou hoje na formação com os colegas, foi feito em casa no final de semana. A gente não esta tendo final de semana, não esta tendo noite, como disse Soraia, a gente trabalha o tempo inteiro. É no Whatsapp, respondendo e-mail, alimentando o Facebook da escola, respondendo aos pais no Messenger, porque também os pais ficam ansiosos e querem respostas.

S: Sabe que antes a gente tinha uma carga horária para uma pessoa que era responsável por esses eventos da parte cultural. A gente tinha 10 horas de parte cultural. Então a pessoa ia buscar, por exemplo, peças de teatro, apresentações teatrais na escola, ir a museus, ingressos

grátis. A pessoa fazia toda essa busca para que a escola tivesse sempre num movimento cultural, alimentar o Facebook, e a Smed também tirou fora [na gestão anterior]

G: É a direção para tudo, Laura. Para a parte burocrática, administrativa, pedagógica, para e-mails...

Era coordenador cultural que se chamava

S: e era bem importante. Eu me lembro que a gente estava sempre indo a teatro, cinema, museu, exposições. A gente estava sempre em movimento na escola. Tu tem que estar buscando, procurando, e a gente não tem tempo.

G: a supervisão é consumida com demandas administrativas porque a Smed funciona de uma forma bem administrativa, a gente sempre tem planilhas para alimentar, tabelas, Google forms para responder. A supervisão sempre fazendo e refazendo horário. A supervisão é a coordenação pedagógica né, que articula também essas coisas, mas é muito consumida pelo burocrático. Bem puxado. A gente não tem uma pessoa que fique só em questões pedagógicas. Não tem. O pedagógico sempre é consumido por outras coisas. Não se discute pedagogia, não se discute currículo, não se para analisar as práticas, para repensar e redimensionar um percurso. E é estratégico, isso é uma escolha política.

### **Como tu percebes os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?**

S: A comunidade ano passado foram muito receptivos, eles entenderam bem o momento. Tudo o que a escola propôs (atividades impressas, atividades no Facebook, no Whatsapp) eles aceitaram muito bem. Eles entenderam o momento, respeitaram o momento. E esse ano com a volta muitos ainda não querem que os filhos retornem. Está indo lentamente. E as famílias aceitaram todo o processo muito tranquilo também. Nossa comunidade é muito pacata, não é uma comunidade que reivindica direitos, que vai atras, que busca, que faz, não é.

G: Infelizmente...

S: Perto de outras [comunidades] é muito parada, não lutam por aquilo que acreditam, eles aceitam as coisas.

G: Mas os que nos procuram, que tem questionamentos, se sentem contemplados na forma em como a gente está lidando.

### **O desafio maior ano passado era a conectividade né?**

G: Sim. Esse ano também é porque conectividade implica em tudo. Implica em tu poder acompanhar o que está sendo colocado nos informes da escola, no Facebook, nas redes sociais, no Whatsapp. Também é um desafio, as pessoas são mais acostumadas agora, mas muita gente fica pra trás ainda, muita gente é excluída do processo, infelizmente.

### **Como vocês acham que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia?**

G: Acho que ano passado causou um grande...

S: comoção

G: Acho que muita gente conseguiu enxergar a falta que a escola faz.

S: Chegou a enxergar a falta, mas não valorizam ainda, eu acho. Pode ser muita negação da minha parte, mas parece assim: “a escola faz falta porque os alunos tem que estar na escola, as crianças tem que estar na escola, mas ainda não valorizam o professor, e no momento em que tu não valoriza o professor tu não valoriza nada.

G: Acho que é muito mais os gestores, o aparato político, porque não há incentivo para que isso aconteça, não há investimento. “professor faz falta, escola faz falta”, mas as políticas continuam dando conta.

S: Tanto que se abriu a escola, os professores tinham que vir sem tomar vacina. Como é que outros funcionários, de outros setores, só podiam atender se tomassem vacina? E olha quando que foram liberadas as vacinas para os professores. Quando em realidade teriam que ter sido os primeiros, por que? Porque iam atender a comunidade. Tu abre uma escola para atender a comunidade sem ter prevenido e preservado o professor que vai lidar com os alunos.

### **E tu pegou covid né?**

S: eu peguei ano passado, porque a gente não fechou a escola nunca. O ano passado só fiquei fora da escola vinte dias, que foi no início, e depois a gente retomou e trabalhei sempre no atendimento da comunidade, distribuição de cesta básica. Então sim, a educação foi vista, mas

ainda não mudou a visão das políticas, dos políticos. Eles fazem negócio com a educação. Quando chega no momento de se eleger, é aquele discurso maravilhoso, que na educação tem que ser feito isto, aquilo, mas é só naquele momento. Passa aquilo e continua a mesma forma de pensar, quando tu não valoriza o professor, quando tu não percebe que o salário... imagina, no estado... eu fico até triste. Tu pega o contracheque de uma professora do estado... gente... não que uma outra profissão seja desqualificada, mas é o mesmo valor do salário da nossa funcionária de serviços gerais contratada aqui da escola. E as professoras fizeram uma faculdade, fizeram uma pós graduação... e aí tu ganhar um salário de uma outra profissional que só tem ensino médio... Então tu percebe que ainda continuam as professoras do estado pedindo dinheiro para comprar remédio. Eu vejo aquilo e me deprime muito. Nós também (...), nosso salário foi caindo, caindo, caindo e nós temos contas para pagar. então eu percebo que não enxergam os educadores como pessoas que realmente fazem a diferença num país. Acho que a visão ainda esta muito distorcida do que é a educação. Horrível pensar assim, né. Eu acho horrível. Eu vou fazer uma fala horrível: Tu sabe que eu tenho duas filhas, e eu sempre disse para minhas filhas que eu não queria que elas fossem professoras. É horrível dizer isso, tá? Porque eu me vejo desde os 17 anos com uma sineta na mão tocando pedindo reconhecimento profissional. E eu disse para minhas filhas que não queria que elas passassem por isso. E agora minha filha de 17 anos foi fazer estágio numa escola infantil porque queria muito. E eu disse: olha, chega me dar uma dor no peito pensar isso da minha filha querer ser professora numa sociedade onde professor é marginalizado, onde professor não vale nada. Tu quer ter um reconhecimento, uma valorização. É horrível pensar assim né. (...) Eu tenho 53 anos, vou me aposentar, e achei que ia mudar alguma coisa.

G: Com certeza as políticas públicas que a gente tem na esfera municipal, estadual e federal foram uma sucessão de retrocessos.

S: Quando se tinha toda uma normativa em que as crianças especiais podiam fazer parte das escolas, agora olha nosso presidente, o ministro de educação quer que as crianças saiam das escolas e só escola especial. Ele falando que as crianças atrapalham...

G: É inacreditável

S: Como é que um ministro de educação consegue dizer isso?

G: É o ministro de educação dizendo isso, o chefe da fundação zumbi dos palmares que é racista, sexista, discrimina tudo.

L: o do meio ambiente

S: contra o meio ambiente...

G: que país é esse? É surreal.

S: Gostaria estar te dizendo outras coisas...

Funcionária dos serviços gerais: Tem uma mesinha dessas de mosaico lá atrás, onde que a gente coloca?

G: aqui. É bonitinha?

Funcionária: não

G: é detonada?

F: um pouco. Acho que molhou e...

G: então não dá.

**Como tu achas que será a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral?**

G: Eu penso que esse ano vai ser até o final com protocolos. Acho que todos vacinados implica que as crianças também vão ser vacinadas, acho que ainda esta longe de vacinar todas as crianças. Adolescentes sim, a da pfizer agora é a partir dos 12 anos. Não sei...acho que ano que vem ainda vai um pedaço até que todo mundo consiga se vacinar. Depois tem a manutenção, tem um novo ciclo de vacinação. Mas com certeza esse ano a gente não pode abrir mão dos protocolos, mínimos né, porque a gente já esta numa condição mínima de protocolos.

**E esses 20% que não estão vindo, vem a buscar as atividades impressas?**

Ainda tem um percentual pequeno desses 20 % que a gente não sabe dizer, que não está fazendo contato com a escola, a gente já tentou contato de todas as formas. Se perderam no caminho. não sabemos. Porque tem alguns que nem contato conseguem. As vezes a gente fica sabendo que a criança já está em outra escola, em outro município, em outro estado. Temos também esses casos. Mas a maioria que não está vindo, pega as atividades impressas.

## **APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A PROFESSORA RITA**

**Realizada em 7 de outubro de 2021**

### **Identificação**

R= Professora de Geografia, Filosofia e Biblioteca. Eu tenho sétima, oitava e nono ano de Filosofia pela manhã e à tarde eu tenho sexto e sétimo ano de Geografia. Agora tenho sexto e sétimo ano de Filosofia à tarde. Eram 20 horas de Biblioteca, mas agora diminuiu um pouco porque eu peguei esses períodos em aula. Acho que vão ficar 30 horas em sala de aula e 10 horas de biblioteca. Eu tenho estudos sociais, história e bacharelado em Direito. Ciências Sociais e Jurídicas e uma especialização em história de memórias sociais e identidades. 25 anos de trabalho com educação e 22 anos e meio aqui na Neusa.

**Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo em 2021? (maiores desafios; caso seja professora: que tiveram em conta ao dividir os grupos de cada turma e como está sendo o acompanhamento de quem não está no presencial?)**

R= O ano passado eu tinha saído de licença. Então eu pensei, “não teve um encerramento”. Parece que o ciclo continuava aberto ainda. Agora quando eu voltei eu acho que sim, inclusive com a questão do projeto da UFRGS também, porque no ano passado eu continuei participando, mas não é a mesma coisa que estar presencial com os alunos. Então tinha ficado tudo meio estranho por causa da pandemia. Eu estava entrando na questão da aposentadoria, mas ao mesmo tempo parecia que não tinha encerrado as coisas, e eu acabei retornando. Mas eu posso contar o ano passado, porque a gente teve aquela tentativa de manter o grupo de Filosofia mesmo virtual. No começo até eles estavam participando um pouco, depois acabaram se desligando. Não é porque eles não quisessem, porque eles gostavam muito de participar. Inclusive, o que mais participava era o Bruno que agora está na monitoria. Então eu consegui fazer alguma coisa de trabalho, acho que tu lembra o ano passado que algumas coisas eu formulava e pedia para eles fazerem, diferente de quando está na aula, que tu vai conversando com eles e vai surgindo as ideias e tu vai planejando junto. Então o mais difícil para mim foi isso, que era fazer uma proposta sem conversar com eles e então enviar. Depois alguns retornavam e outros não retornavam, mas os que retornavam tinham compreendido a proposta, mas é diferente de conversar e eles te darem ideias e até tu mudar o teu planejamento em função

disso. Isso que eu achei difícil porque eu já estava a uns dois, três anos trabalhando dentro dessa metodologia e planejando com eles. Nesse ano, o retorno para mim foi também difícil, porque eu voltei para uma outra escola, não era a mesma escola de 2019. Não falo só na quantidade de alunos, a quantidade também, mas até os alunos que voltaram, não só a questão do comportamento, eu acho que eles voltaram com um comportamento diferente, participando pouco. Não tive problema de propor as coisas e eles fazerem, mas nessa dinâmica de estarem envolvidos, de sugerir coisas, de debater, agora que está começando a engrenar melhor. Eu não sei dizer o porquê. Não sei se foi muito tempo em casa, falta de convivência com os outros. Porque esse ano quando eu voltei no final de Julho, tinha uns quatro, cinco alunos em cada turma. Agora que tem dez, doze às vezes, então dá uma agitação, um movimento diferente.

### **Encontrou eles apáticos?**

R= Bem apáticos. Eles faziam tudo aquilo que eu estava pedindo, mas sem motivação, sem se envolverem mais. Agora me parece que eles estão mais, até está havendo a questão da convivência entre eles, eu vejo que está se tornando como era antes. Claro que daí vem os problemas também da agitação, dos agitados. Na terça-feira voltou um aluno que eu não via desde 2019 e que tem muitos problemas de enfrentamento. Eu entrei na sala e ele estava de fone de ouvido, então eu pedi para ele tirar o fone, só isso, só pedi para ele tirar o fone aí ele disse que não ia tirar, que os outros professores deixavam ele ficar com fone, que ele tinha feito um acordo com a direção de que ele podia escutar desde que fosse baixinho, o que é mentira, porque depois eu conversei com a direção. Enfim, eu tive que pedir para ele descer porque ele ficou o tempo todo, vamos dizer assim, batendo boca e falava umas coisas assim “Ah, tu e nada para mim não tem valor nenhum”, umas coisas bem pesadas. E eu não estava sendo agressiva com ele, eu só finquei o pé de que ele não podia escutar o fone, mesmo porque eu nem tinha explicado nada, nem tinha começado a proposta de trabalho e geralmente quando tu diz isso, porque é o tempo todo isso “tira o fone, guarda o celular, tira o fone, guarda o celular”. Mas eles atendem, claro que às vezes tu começa uma coisa e daqui um pouco tu vê alguém mexendo no celular, então tu pede para guardar, e normalmente eles atendem, mas ele não. Ele desceu, ficou no corredor e ficava puxando coisinha com a turma da frente. Ficou no corredor de modo que os outros enxergassem ele, que ele estava no corredor, que ele estava de fone e que ele estava escutando música no corredor. Depois ele entrou, não falou nada, só pegou o material dele e saiu de novo. Eu disse para os outros “vou ter que ir lá embaixo”. Deixei eles fazendo uma atividade e disse “vou ter que ir lá embaixo resolver isso daí”. Então eu disse “vamos

descer, vamos lá na direção”. Ele veio pelo corredor todo até aqui embaixo me questionando, dizendo que eu perseguia ele desde quando ele vinha na biblioteca, que ele não podia falar nada e que eu mandava ele sair da sala. Nunca é ele que faz as coisas, ele inverte. E depois veio aqui na sala da supervisão o tempo todo falando comigo ao mesmo tempo, falando alto e dizendo essas coisas tipo assim “tu para mim não é nada” e aí depois ele ficou na supervisão.

Se bem que ele sempre teve essas características e ele não estava morando aqui, estava morando lá em Gravataí. Parece que na casa de uma tia, e não sei agora o que aconteceu que ele voltou. Então deve ter mais outras coisas na história dele.

Depois no outro período eles tinham aula de história com outra professora e ela teve que descer com ele porque na aula dela, pelo que eu ouvi, porque eu estava na sala dos professores, eu ouvi no corredor, era a questão que ele tava brigando com alguém por causa do último período que ia ser de educação física e ia ter um jogo. Então eu vi que ele estava discutindo com alguém e ela ficou com medo de ele agredir um outro. Mas esse relato que estou te dando é um caso isolado e era um problema que já tinha antes e que retornou acho que pior no caso dele, de ele ter ficado todo esse tempo afastado da escola. E ele é um menino que já era para estar no nono ano e ele está no sétimo, então ele rodou dois anos. Então ele é um pouco mais velho que os outros. Mas é como eu disse, é um caso especial. A maioria acho que voltou, como eu disse no começo, não interagindo muito, mas agora já estão voltando à normalidade de se comunicarem mais.

### **Com os que não estão vindo no presencial tu tem algum contato?**

R= Não. A gente faz o material impresso. Eu tenho que fazer quatro aulas de geografia para o sexto ano, quatro aulas para o sétimo e de filosofia eu faço umas atividades que sejam complementar ao projeto, ao tema que eu estou trabalhando.

R= Eles vem buscar [o material impresso], mas tem pouco retorno. Tem muito poucos devolvendo.

### **Não tem grupo de whatsapp?**

R= Não. Eu não. Eu acho que as professoras dos menores tem. Eu não tenho. Não sei se eu que não tenho porque eu voltei agora, porque a professora de matemática por exemplo a Mariana,

eu sei que ela tem um grupo de WhatsApp. Eu não tenho. Não sei se é porque eu voltei em agosto, então já peguei assim quase andando.

### **Sentes falta de algo?**

R= Deixa eu pensar...no início eu senti bastante falta até desse barulho, porque não parecia uma escola, era silêncio total. Então tu subia e tinha 3, 4, 5 alunos na sala de aula e mesmo assim esse barulho que tem agora de ir para educação física não tinha, porque não tinha educação física no pátio. E eu senti muita falta não do barulho mas do movimento, vamos dizer assim, desse transitar deles pela escola. Agora que está voltando tudo à normalidade, eu não tenho sentido falta. As turmas eram maiores antes, agora o máximo que tu tem, era para ter 14. Eles faltam muito aqui. Faltavam antes mas agora me parece que estão faltando mais, porque tu nunca tem um grupo assim “hoje vamos ter 14”, não, tu tem 9, tem 8... Na sexta-feira então, teve um dia que eu atendi dois alunos. Quando o grupo era no máximo oito eu cheguei a ter na sexta-feira duas pessoas. E agora que o grupo pode ser de quatorze, geralmente na sexta tem seis, sete, oito, o que dá mais ou menos a metade do que deveria ter.

### **Por que tu acha que isso está acontecendo?**

R= Tudo tem que se criar um hábito. Então acho que eles perderam o hábito de "Ah eu tenho que vir sempre na escola". Eles não estão valorizando tanto a questão de que “Ah eu tô com falta”. “Eu vou rodar porque eu tô com falta”.

R= Eu acho que não, até hoje meio-dia quando eu sai para almoçar, eu estava questionando isso. Estava perguntando para Mariana como é que ficava, porque eu estou fazendo as chamadas online e o que que eu tô colocando nas chamadas online, estou fazendo só da parte presencial. Agora dos que não estão vindo, que estão com atividades para fazer em casa eu não tenho colocado nada, porque eu não sei, são muito poucos os que devolvem atividades. Se eu for colocar ali, metade da turma vai estar com falta. Eu vou perguntar para o supervisor o que a gente vai fazer com relação a isso, porque só aparece ali trabalho remoto ou aula remota, alguma coisa assim, dos que não estão vindo presencial. Dos que estão vindo presencial, aparece ali “presencial” e tem que botar se ele está presente ou se ele está com falta. Tem uns assim, até eu fiz ontem que eu tava em casa eu tava atrasada com isso, mas eu me apavorei com a quantidade de faltas, porque eu vou anotando no caderno, depois eu vou no cortex e lá eu lanço as faltas e as presenças. Eu olho lá no dia 7 hoje, eu vou lançar os que vieram, os que não vieram dos

presenciais eu vou botar falta, mas com os remoto não estou fazendo nada. Da às vezes metade da turma e sinceramente eu não sei como vai ficar isso aí. No ano passado acho que passou todo mundo. Eu não sei se a orientação vai ser a mesma esse ano porque a vacina para os de doze anos chegou agora.

Eu tinha uma ideia contrária, eu achei que quando estivesse liberado para vir, eles iam querer mais ir à escola. Até mesmo porque aqui é uma comunidade carente, tem a própria questão da comida. A gente sabe que estão com pouca comida. Muitos gostam de vir para socializar na escola, e nem falo do conhecimento, tem alguns que vem porque é um outro espaço de socialização e eu pensei assim “quando for liberado vai vir todo mundo”, e não é isso que está acontecendo. Tanto é que a gente tem, dos que retornaram eu acho que metade mais ou menos. Não sei se confere com o que as outras professoras falaram.

R= Agora está em torno da metade, e às vezes pode variar a diferença entre os grandes e os pequenos.

R= Não. Tem uma turma só que está dividida em dois grupos que é o sétimo ano e é a C11 de manhã. Vem em torno de 10 em uma semana e 10 na outra, dá em torno de 20. As outras turmas não estão divididas porque não conseguem mais de 14 alunos. Tu viu ali na B32 que eu estava com cinco, seis. Depois eu fui pra C12. Na C12 eu não cheguei a contar, eu só anotei e acho que tinha oito ou nove.

R= Pois é, eu não sei te dizer a causa disso. Duas coisas eu te levantei ali que é essa questão de formar de novo o hábito e a importância de vir na escola.

R= Essa questão também, porque é uma escola que tem uma evasão bastante forte. Não sei se já foi falado isso, mas é só tu observar pelo histórico que as séries iniciais tem duas turmas. Têm dois primeiros anos, dois segundos anos, dois terceiros anos e aí vai até o quarto, quinto e sexto ano que são dois. Quando chega no sétimo ano tem uma turma só, nesse ano até que tem duas turmas, mas no oitavo e nono ano tem uma turma, e normalmente se formam no nono ano no máximo 15 alunos. Às vezes 12, às vezes 8. É uma escola que tem bastante evasão principalmente nos maiores. A turma do oitavo ano esse ano que vai ser 21, é uma turma que só tem um grupo e também estava participando assim, tinha dias que tinha cinco, tinha dias que tinha três, dois. Agora retornaram umas pessoas mas não dá dez, são oito ou nove, por aí. Então eu não sei que nono ano vai formar o ano que vem, porque se alguns desses dos que estão

inscritos desistirem ou se passarem para o nono ano e o ano que vem for regular vai dar uma turma muito pequena.

**Tem algo que aches positivo ou que gostarias que se mantenha após a pandemia?**

R= Não posso dizer das aulas a distância porque a prática que eu estou tendo é só o negócio das Folhas impressas. Até como eu disse, eu achei falta foi da agitação. Agora já está voltando a agitação. Já voltou esse menino que eu te falei. Eu fiquei com medo porque é um guri maior que eu. Eu fui super firme com ele, mas em nenhum momento fui agressiva ou desrespeitosa, eu só insistia na questão de que eu não ia fazer o que ele estava querendo fazer, porque era regra da escola. Era o momento de eu explicar e começar a aula, então eu fui bastante firme, mas fui com cuidado, pois tu até pode bater de frente, mas tem que ter um jeito. Mas depois eu já estava com medo dele.

R= Eu fiquei pensando o que pode ficar de positivo, é essa possibilidade de fazer essas reuniões online. Claro que não é igual ao presencial, mas eu acho que às vezes também torna mais objetivas as reuniões.

R= Sim, mas não é uma coisa sistemática. De vez em quando acontece sábados de formação, por exemplo. O conselho de classe foi online e eu achei bem objetivo, porque tinha pouco tempo para gente ver as turmas. Então tenho lado ruim, pois no presencial é diferente, tu está cara a cara e a conversa também é diferente. Mas também tem o lado que o online às vezes torna mais objetiva as coisas porque tem aquele tempo de uma ou duas horas de reunião o que eu trouxe uma certa objetividade. Em aula eu não posso te dizer, porque eu fiquei de licença o ano todo e a única experiência que eu tive foi no início do ano passado em que a gente colocava as coisas no Facebook. Começamos a colocar os grandes no Face, então fazia as atividades e colocava lá conversava com eles pelo Facebook ou pelo WhatsApp, no meu caso era pelo Face, mas agora quando eu retornei já estava nessa dinâmica de deixar as atividades prontas e eles virem buscar. Isso eu acho muito ruim, pois tu não acompanha o processo do aluno, tu não sabe se ele fez aquilo sozinho ou se ele não consegue entender. Tem alguns que respondem “não sei”. Não teve auxílio do professor para ajudar, então isso é muito ruim, mas é o que dá para fazer para os que não estão indo.

**Como tu vê o papel da gestão municipal no que diz respeito ao teu trabalho na escola?**

R= Atualmente nos últimos anos não há uma gestão do trabalho em si. Tinham épocas que a gente tinha sim assessoria, que vinha assessoria por área, vinha assessoria da história. Da filosofia eu não lembro de ter, porque eu estou falando isso há mais de cinco anos atrás. Eles vinham até a escola, faziam encontro com o pessoal das humanas, das ciências sócio-histórica (geografia, filosofia, história), encontros da rede.

R= Não. Reuniões pedagógicas tinham dentro da escola, uma reunião por semana.

R= Tirou a reunião pedagógica semanal nas escolas. (a prefeitura)

R= Sim. Depende deles.

R= Foi tirado pelo anterior e esse continuou. Não temos mais reunião pedagógica. A reunião pedagógica era nas quintas-feiras de manhã com os alunos saindo às 10 horas, então a gente tinha reunião das 10 ao meio-dia e de tarde era das 15:30 até às 17:30, não lembro direito como é que era tarde. A gente se reunia para planejar. Era um momento que a direção passava os avisos administrativos e depois tinham as reuniões de planejamento por grupo, terceiro ciclo, sentava para fazer o planejamento.

R= [isso o tirou o] Marchezan, e o outro prefeito não colocou de volta.

### **E isso que tu tá falando é outra coisa?**

R= É outra coisa. Eram os encontros por área. A smed organizava isso de fazer um encontro na escola, por exemplo “Encontro da região Leste” que a é nossa região aqui na escola Monte Cristo, então iam todas as escolas da região se encontrar lá por área de conhecimento. Se encontravam os professores de história, geografia e filosofia. Tinha um tema e a gente discutia aquele tema.

R= [organizado] Pela prefeitura.

R= Também tiraram. Nunca mais teve.

### **Isso tirou o Marchezan?**

R= Antes ainda. Tinha também a assessoria que ia nas escolas. Assessoria por área. Vinha um assessor da área das ciências sócio-históricas, por exemplo. Ele vinha nas escolas conversar com os professores, ver qual eram os projetos, se precisavam de ajuda. Esse faz tempo que não tem assessoria por área. Então não tem assessoria nenhuma por parte da prefeitura, e eu acho que eles nem sabem direito o trabalho que é feito nas escolas já de alguns anos. Eu me lembro que em 2017 quando a gente publicou o livro com os textos dos alunos feito nas aulas de filosofia, foi publicado pela gráfica da UFRGS no projeto o com Luciano e a gente foi lá no secretário levar o livro e dizer para ele que tinha um projeto dentro da escola, enfim, dar conhecimento e ele não teve interesse nenhum em saber, só ficou me questionando se eu trabalhava história da filosofia com os alunos, de onde tinha saído o dinheiro para fazer o livro e que a UFRGS ia entrar em greve de novo...essas foram as questões que ele me perguntou. Eu vejo da secretaria só cobranças, de índices, já de algum tempo.

Na gestão anterior era pior ainda, porque tinha uma coisa de que “se os alunos não aprendem é porque os professores não ensinam”. E não eram coisas que a gente estava interpretando, eles diziam isso mesmo, que “os professores da rede Municipal eram os que mais ganhavam no Brasil”, o que não é verdade, e “que tinham altos salários”. Até divulgavam a média salarial lá em cima dizendo “que a gente ganhava muito, que tinha muito problema de aprendizagem e que a culpa era do professor”, e “que se o aluno não estava aprendendo era porque o professor não ensinava e não queria trabalhar”. Em resumo era isso. Então muita cobrança de índice, de números, mas não tem nenhum apoio e nenhuma estrutura pedagógica. Aqui na escola, por exemplo, já teve o EJA em 2014/2013 em que a SMED só se preocupou que tinham poucos alunos, o que realmente tinha, porque é uma realidade do EJA. Alunos que trabalham muito durante o dia, às vezes em coisas manuais, coisas pesadas e estão muito cansados, e às vezes não conseguem vir para a aula ou então eles conseguem emprego em outro lugar, enfim, por “N” motivos da vida deles, eles acabam desistindo. Então não houve nenhuma preocupação da SMED em por exemplo “vamos ver um projeto para aquela escola” para motivar os alunos a irem à aula. Eu me lembro uma vez que a gente fez um curso de informática aqui que conseguimos com uma ONG para ver se eles se interessavam mais em ficar na escola, e a gente conseguiu fazer uma turma de 20 poucos alunos de informática. Então esse tipo de coisa de repente seria uma proposta para estimular eles a ficarem na escola mas, é sempre assim essa visão. Embora seja uma comunidade que precisa muito, porque tem muitos adultos que não conseguiram estudar, a SMED na época não levou isso em conta, só interessava é que tinham poucos alunos. A gente sempre fazia a matrícula assim...às vezes iniciava o ano com 20, 30

alunos e terminava o semestre com quatro, cinco, seis alunos. Então eu não vejo nenhum interesse da Smed.

### **Como se deu o apoio pedagógico e emocional neste período? De onde veio?**

R= É que eu estava afastada. Eu no caso faço terapia uma vez por semana e tem me ajudado bastante. Comecei a fazer na época da pandemia, mas eu já tinha feito por muitos anos, talvez uns seis ou sete anos. Depois eu tinha parado, tinha alguns anos que eu não fazia, e no passado eu comecei a fazer terapia de novo, o que tem me ajudado bastante, ainda mais agora com a questão do meu retorno. Tem que ter um apoio.

### **Como tu percebes os desafios das famílias e da comunidade em 2020 e 2021?**

R= Eu acho que o desafio maior foi em relação à questão básica de sobrevivência. Inclusive logo no início da pandemia, eu vinha muito aqui no loteamento ajudar a distribuir cestas básicas, porque ali tinha um galpão de reciclagem. A gente também fazia vaquinha na internet para juntar dinheiro e poder comprar cestas básicas. Então eu acho que o desafio maior deles foi nessa questão do emprego, de ter perdido o emprego, de ter perdido a fonte de renda e muitas famílias não tendo o básico. Ainda assim a escola recebe da SMED cestas básicas para distribuir. Primeiro foram distribuídos para quem tinha o Bolsa Família e depois para quem não tinha Bolsa Família. Eu vejo que eles ficam desesperados quando é só distribuído para quem tem Bolsa Família ou só para quem não tem, e se eles não estão incluídos ficam desesperados querendo a cesta básica. Acho que a dificuldade maior era em relação a sobrevivência mesmo. Muita gente perdeu o emprego e tinha muita gente em emprego informal também. Eu estou vendo até um retorno, porque como eu trabalho aqui a vinte e poucos anos, há muitos anos atrás, eu vi as condições de miséria muito maiores do que nos últimos anos agora. Apesar de ser muito pouco, mas o fato de eles terem o Bolsa Família ajuda, mas parece um retorno àquelas condições de 20 anos atrás em que eles vinham para escola de chinelo de dedo no inverno sem ter um tênis para calçar, ou virem com fome, vinham já para tomar o café da manhã porque não tinha comida em casa. Infelizmente eu vejo seu retorno, e é só tu ver a cidade, a quantidade de crianças pedindo dinheiro na sinaleira e que tu não via a tempos atrás. Na verdade via mas era bem pouco o número. A quantidade de pessoas morando na rua também aumentou muito. É que as coisas subiram muito. O gás está muito caro, o combustível, a energia elétrica, o aluguel e muita gente perdeu a moradia também. Então eu vejo mais a questão social mesmo. Isso tudo implica na questão da aprendizagem, implica na questão do aluno com a família que

está passando por essas necessidades, implica também em como ele vai estar na sala de aula, como é que ele vai aprender se ele está com fome e com frio? Era bastante comum eles virem no inverno com chinelo de dedo, então arrumava com doação de um e de outro, tênis para eles. Infelizmente estou vendo o retorno dessas condições, não é nem de pobreza é de miséria mesmo.

### **Como tu achas que a sociedade compreendeu e está compreendendo o lugar da escola na pandemia? notas diferença entre as classes sociais?**

R= Eu noto a diferença. Tem a questão da importância da escola que ficou mais evidente. Eu acho que nas classes altas têm uma cobrança maior da escola na questão do desempenho dos alunos. Já nas classes mais baixas não tem tanto essa cobrança de desempenho, não sei se eu estou vendo certo essa questão ou não, (mas eu acho que tem uma valorização da escola sim nas classes mais baixas). Mas ainda tem aquela coisa que é importante o filho estar na escola. Não sei se continua assim, mas tem muitos pais que não vinham buscar a avaliação ou quando vinham eles não entendiam e a gente tinha que explicar. Então tem muitos pais que acham que é importante que o filho seja atendido dentro da escola mas não tem tanta preocupação assim com a qualidade e até não tem essa consciência de ir atrás, de batalhar para que a qualidade da escola mude e melhore. É uma coisa como “meu filho está lá, está sendo atendido na escola então está bem”. Estou falando de uma maioria que eu vejo há anos e com a pandemia acho que mudou muito essa visão. Eles conseguem entender que a escola é importante mas não ao ponto de achar que precisa melhorar, precisa ter mais qualidade. Eu vou te dar dois exemplos: quando tem um fechamento da EJA aqui, a comunidade não se mobilizou. Os alunos que estavam aqui achavam importante e talvez as pessoas até achavam importante, mas eu me lembro que a gente até conseguiu um ônibus para levar o pessoal em uma sessão na Câmara sobre educação e que ia ser tratado a questão da EJA. Então nós, os professores, fomos. Conseguimos um ônibus com o sindicato, mas só tinha meia dúzia de pessoas. No ano passado teve a questão do turno integral quando o Marquezan tirou os professores do turno inverso para colocar terceirizados no lugar e acabou não acontecendo, pois veio a pandemia. Esse ano, essa administração quer voltar com turno integral, mas foi colocado que não é uma política pública, por que se é uma política pública e se é aprovado na Câmara, eles não podem assim “um governo coloca e o outro tira. Um coloca e o outro tira”, pois foi isso que aconteceu. O Marchezan tirou e agora o Melo vai colocar de novo. A comunidade também não se mobilizou na questão do turno integral. Eu me lembro que nós professores que trabalhávamos no turno fomos na Câmara, chamamos os vereadores, eles vieram para cá, fizemos um abaixo-assinado, mas da comunidade em si, poucos

pais se mobilizaram. Então existe aquela consciência sobre a questão de que a educação é importante, mas eu não me mobilizo para isso. É uma consciência meio que geral, eu quero que os outros façam alguma coisa, eu quero que fique bom que mude mas eu não me mobilizo para isso.

Inclusive com os alunos da C30 foi do nono ano, como eu estou trabalhando no projeto, eu perguntei o que a gente podia fazer, a gente está trabalhando o direito da educação e a gente tinha feito aquelas nuvens da educação, então a Jamila deu a ideia: “Vamos fazer uma pesquisa. Vamos fazer uma entrevista com os familiares, com pessoas mais velhas sobre educação”, então a gente formulou algumas perguntas. Eu não sistematizei ainda e nem todos me entregaram, mas tem perguntas sobre a importância da educação com pessoas de 38, 40 anos e eu até coloquei como pergunta “O motivo de terem deixado de estudar”. Eu li alguns que diziam que deixaram de estudar, principalmente mulheres, porque engravidaram com 15, 16 anos. Eles também colocam que a educação é importante.

R= Depois eu vou organizar isso e vou sistematizar as respostas por perguntas. É que tem a ver com o que tu estava perguntando, por isso que eu te mostrei. Outro botou aqui: "Facilitar a educação para todas as crianças. As pessoas terem mais compaixão e humildade". Eu pedi que eles perguntassem para pessoas de mais idade e eu queria que fosse: “Vamos fazer entrevista com a professora tal”.

R= [montaram as perguntas] comigo na aula. Fui conversando e fui anotando quais perguntas poderiam ser. Eu tinha colocado que a entrevista poderia ser gravada, filmada ou escrita, mas eles fizeram todas escritas. Depois eu vou ver o que eu vou fazer com esses dados.

R= Se tu quiser usar depois as respostas deles pode usar.

### **Achas q vão ficar marcas da pandemia?**

R= Com certeza vai ficar. Não tem como não ficar, nessa questão mais emocional, dessa questão da convivência com o outro, pois eu acho que era isso que eles sentiram falta da escola.

R= Eu vejo pelo meu filho. Eu tenho um filho de 21 anos e estava na universidade formando os grupos de convivência, de sair, de ir à festas, então veio a pandemia. Agora fica só em casa direto, então eu disse: “Por que não se falam pela internet?” e ele disse “Mãe a gente não tem mais assunto”. É diferente uma convivência no dia a dia, de conversa, de sair, de estar junto e outra coisa é falar pela internet.

R= Ainda mais para quem tem algum problema, porque tem uns que são mais extrovertidos, mais despachados, mas no caso meu filho não, ele é mais fechado, mas tímido, então é como

eu disse, ele recém estava se soltando e veio a pandemia. Eu acredito que para os daqui também é a mesma coisa, por mais que eles usem muito o celular, o que é uma escolha, não que na época da pandemia não fosse uma escolha, mas não tinha muitas outras alternativas. Se não tem pandemia eles têm alternativa, ou vai ficar na internet ou vai sair para rua, porque eles vão muito para rua conversar com alguém, fazer alguma coisa ou vai ficar trancado dentro do quarto. Tinha essa escolha, mas na pandemia não tinha, tinha ficar o tempo todo isolado.

R= Não, só uma. Agora em outubro ele completa a vacinação.

R= Tenho expectativas para o ano que vem. Esses dias eu vi que aqui em Porto Alegre já tem 70% de vacinação. Esse ano eu acho que ainda não vai dar para tirar as máscaras, acho que para o ano que vem.

### **Poderias compartilhar algumas experiências que aches interessantes?**

R= Foi muito estranho, da parte minha e da deles também, porque eles perguntavam muito “Mas a senhora não vai se aposentar?” “Mas porque a senhora voltou?”, então eu tinha que contar toda a história. Mas agora até não me perguntam mais. Por outro lado eles gostam do trabalho, da filosofia e agora esses da tarde ficaram bem faceiros que eu ia dar aula. Um só me disse: “A senhora vai dar aula de geografia” e eu “Não, agora só Filosofia” e ele “Mas eu queria geografia”, então eu comecei a explicar para ele, falar do projeto, falar as coisas que a gente tá fazendo e já propus para eles hoje para que eles desenhassem a nuvem. Só que eu não trabalhei com eles, o que eu trabalhei com os outros, que eram os direitos humanos e a questão do direito da educação, então eu fiz essa pergunta “Qual é a importância da escola na vida deles?” e eles tinham que fazer a nuvem relacionada a essa pergunta. Como é que eles iam responder essa pergunta através de um desenho com nuvens. Parece uma coisa simples mas não é, porque tu tem que fazer uma relação. Eu me detenho mais no conteúdo. A nuvem, ou eles escreviam dentro da nuvem ou por fora da nuvem ou faziam desenho de nuvem com carinho conversando várias numa nuvem e eu falei nuvem mas podiam ser gotas também, porque a nuvem não gosta de água.

R= E eu acho que eles estavam tendo dificuldades, porque a professora quase não vinha e eu perguntei “O que ela estava trabalhando com vocês? Nada”, mas isso também é comum de dizerem às vezes, então não acho que é uma coisa que dê para levar tão a sério. Enfim, não

conheço o trabalho da colega, mas eu acho que essa coisa de ela faltar bastante acho que dificultava. Eles gostaram de fazer isso e eu tive que mudar um pouco porque com os outros eu tô trabalhando faz dois meses, eu trabalhei várias outras coisas, inclusive até o livro do Alex . Amanhã eu tenho aula com os que estavam na palestra do Alex, então eu pensei em fazer com eles um relato da palestra, das coisas assim que eles entenderam, que eles acharam mais importante, mas um relato filmado. Vamos ver se eles aceitam fazer, alguns pelo menos. O que foi importante da palestra para eles, porque teve uma menina, a Jamila, que me encontrou e é a mesma que deu a ideia de fazer essa entrevista.

R= É da turma da Alicia, uma menina negra e alta. Eu postei no face e coloquei um comentário e ela colocou “Fiquei impactada com a palestra”.

R= É que na primeira palestra, eu pedi para que ele falasse da experiência dele, claro, mas que fosse mais focada na questão da educação, já que é essa a minha proposta que eu tô trabalhando com eles, da importância da educação para ele, o que tinha mudado na vida dele. Então ele colocou várias coisas, inclusive de valorização da escola, que eles aproveitassem um tempo aqui para aprender, para terem conhecimento. Ele contou a história dele, que ele ficou 20 anos sem estudar e passava aqui na frente da escola, que ele queria voltar, mas ele ia adiando. Então um dia ele parou na Goiabeira que essa aqui no canto e ficou olhando para escola e disse: “Não, hoje eu vou”, então ele chegou perguntou se tinha vaga, como tinha vaga ele já começou a estudar e ele falou que fez EJA aqui e depois fez ensino médio EJA, depois foi fazer um cursinho pré-vestibular e como ele era catador de lixo, ele saía, ia para o centro. O cursinho dele era das 8 horas às 11 horas todos os dias e ele ia muito cansado. Ele falou dessa questão de que sempre tem escolhas e que por exemplo para ele a escolha mais difícil era estudar do que ficar conversando com os amigos ou ficar com a família ou fazer alguma outra coisa, mas que a gente nunca pode desistir se a gente tem um objetivo. Tu viu que ele fala super bem né? O Luciano até falou hoje de manhã que foram duas palestras completamente diferentes. Os grandes ficaram prestando muita atenção no que ele tava falando. Ele também fez uma dinâmica para os pequenos de perguntar para eles, fazerem eles levantarem a mão quem queria fazer um piquenique e outras coisas. Mas com os grandes foi bem diferente, foi muito boa, muito boa mesmo. Com os grandes eu li alguns trechos do livro e eles fizeram as perguntas. Eles já tinham levado as perguntas escritas.

### Perguntas dos alunos

- Com quantos anos se formou na universidade?
- A primeira coisa que passou na sua cabeça quando soube que ia ser pai?
- Porque você voltou a estudar e não ficar com a família?
- Qual foi a coisa mais difícil da sua carreira e a mais fácil da sua carreira?
- O que te levou a querer mudar de vida sabendo que você iria receber bullying por ser quem é, e quais foram as suas dificuldades ao retornar sendo um estudante?
- Você gosta da vida que leva?
- Por que tornar seus méritos públicos escrevendo livros ou contando para as pessoas?
- Qual é a importância da educação na sua vida e quando surgiu a ideia de pôr a sua história no livro?
- Quais dificuldades você passou na sua jornada, o que você mudaria na sua história?
- Porque apesar de tudo o que passou você não desistiu?
- Foi difícil passar por tudo e ainda voltar a estudar?
- Qual foi o seu maior aprendizado com a vida e você sofreu bastante bullying?
- Porque eu acho que eles imaginaram pelo fato dele ser um catador como é que era ele na universidade.

## **APÊNDICE G – ENTREVISTA COM MÃE DE ALUNA DO 3º ANO**

**Realizada em 21 de julho de 2021**

### **Identificação:**

Milena, mãe da Paula<sup>65</sup> do 3º ano série. Paula é aluna da Neusa Goulart Brizola desde o Jardim A.

### **Como foi tua experiência no ano passado e nesse ano, em relação aos desafios?**

Ano passado eles não tiveram aula, presencial pelo menos. Nós tínhamos as atividades na plataforma, era bem complicado de entrar porque o aplicativo não funcionava direito. Quando entrava tinha que tentar fazer o máximo que desse porque no outro dia tu não sabia se ia conseguir entrar né. Mas a gente sempre teve bastante suporte da profe dela, que é a Marju. No ano passado era ela e esse ano se manteve a mesma por causa do vínculo deles. Com relação as atividades da escola, foi tranquilo, eles sempre mandaram, nunca deixaram as crianças sem o que fazer. Para mim como mãe foi difícil porque eu não sei ensinar né. A gente sabe o que a gente aprendeu há mil anos atrás, que é o básico, né, e eu tentei de todas as formas ajudar a Paula a fazer as atividades, mas a gente acaba se irritando de estar repetindo cinquenta vezes a mesma coisa. Ano passado foi mais complicado, esse ano ela está melhor, já está mais esperta com relação às atividades, ela já consegue escrever algumas coisas sozinha, palavrinhas pequenas, agora a leitura não engrenou ainda, mas a profe sempre me deu suporte, desde o ano passado, até o dia de hoje ela me acompanha bem com relação a isso. Esse ano para mim está mais fácil porque eu estou em casa com ela, mas ano passado eu estava trabalhando, até o início do ano estava trabalhando. Era mais difícil conseguir organizar o trabalho, as atividades dentro de casa e mais auxiliar ela com o tema. Agora está mais fácil, a gente consegue parar mais e fazer mais o tema.

[ano passado] foi bem complicado. Toda a pandemia eu trabalhei, praticamente. Parei sessenta dias só. Ela ficou um pouco com a minha mãe, um pouco com a minha irmã, e mais para o final do ano eu tive que organizar ela para ficar em casa sozinha. A minha tia mora na casa da frente, do outro lado da rua, e ficava cuidando ela porque não tinha com quem deixar. Não tinha escola, não tinha creche, e as pessoas trabalham né. Todo mundo trabalha, a maioria tem que trabalhar. Quem trabalha no ramo de limpeza ou hospital, essas coisas não pararam, são essenciais. Com

---

<sup>65</sup> Nomes fictícios

relação a deixar ela foi bem complicado. Passou uma temporada na casa da madrinha dela também. Ia segunda e voltava só na sexta. Foi pingando assim. Cada semana, cada dia era num lugar porque eu tinha que trabalhar. E quando não tinha ninguém ela ia junto comigo.

**Tu falou que a Marju deu suporte, como foi isso, pelo WhatsApp?**

Pelo WhatsApp. Inicialmente tinha um grupo, tem ainda no Face, só que para acompanhar as atividades para mim era muito ruim. Então ela montou um grupo no Whats que para mim era mais fácil porque o Whats tu está vendo a toda hora. Até pela questão do trabalho eu estava cuidando sempre. Então ela montou o grupo e ali ela mandava as atividades. Ai eu imprimia e a Paula fazia. Ou se não, eu chamava ela no privado, quando tinha alguma dúvida com relação as atividades. Tudo pelo WhatsApp.

**Esse ano tu acha mais fácil do que o ano passado? agora ela leva atividades impressas, fica duas semanas em casa né?**

Sim, porque ela aumentou os grupos né. Antes eram só dois, então uma semana vinha e uma não vinha. Finalzinho de junho ela [Marju] aumentou para três grupos. Então a Paula esse mês de julho, só essa semana que ela está vindo. E hoje é o último dia porque amanhã já tem formação e semana que vem já é férias, que também não precisava ter, porque não tiveram aulas o ano inteiro, não precisava ter as férias, mas ok, é calendário, né. Com relação às atividades para mim está melhor, pela questão de eu estar em casa com ela agora, conseguir acompanhar ela, dar mais suporte para ela, e principalmente pelo presencial porque a explicação na sala de aula é aonde ela vai a aprender. Eu vou explicar para ela o básico. Juntar as letras e formar as sílabas, fazer uma continha básica. Agora, aquela explicação para que ela entenda isso daí eu não tenho. Eu sempre falei para a Marju: quando voltar [o presencial] a Paula vai. Não interessa com a pandemia alta ou não ela vai, eu preciso da escola porque eu trabalho. Então eu vim na escola, conversei com ela, assinei os termos, a Paula veio junto até porque não tinha com quem ela ficar. Então, o presencial para mim é fundamental.

Atividades impressas o ano passado também teve, antes de ter a plataforma eles também deram as atividades impressas. Mas agora está melhor porque dão atividades para o mês inteiro, para aqueles dias que não tem aula eu já venho e pego atividades para ela fazer todo o mês, depois eu só trago as atividades, entrego as prontas e pego as do próximo mês.

### **Como está sendo agora fazer os temas quando ela não vem aqui?**

Agora está fácil. Eu determino quantas atividades ela vai fazer, e deixo que ela escolha as folhinhas que ela quer fazer. Ai ela faz três... como semana passada ela não estava comigo porque eu fui fazer um trabalho, ela não fez nenhum dia as atividades, então no final de semana nós fizemos cinco atividades, que seria referente a um dia da semana que passou. As atividades são muito tranquilas para ela fazer. Escritas básicas; continhas básicas; dezena, unidade e centena. E as continhas básicas que agora já entrou com dois números, então eu tento explicar do jeito que acho que para ela vai ser mais fácil. Faz pauzinho na mesa, conta a partir do número maior, diminui a partir do número menor.

### **Teve apoio entre as famílias?**

Não. Com relação aos familiares dos colegas dela, eu não tenho contato com eles. A Paula fala bastante com as coleguinhas, ela tem os números das meninas, ai elas se falam no Whats, elas fazem vídeo, elas jogam joguinhos, só as meninas entre si, eu não tenho contato com os pais.

### **Ano passado também não?**

Não. Só o grupo da profe mesmo.

### **Como tu ve o papel da gestão municipal no eu diz respeito a retomada das aulas?**

Não acompanho notícia. Não olho porque é só desgraça. Eu vejo só o importante: vai voltar ou não vai. Não acompanhei, os debates sobre se volta, não volta, eu olhava só o que me interessava: se ia ter aula ou não ia ter aula, se ia poder trabalhar ou não. Como foi o planejamento, como é que eles determinaram, nada disso eu vi. Enquanto a isso não posso opinar porque não tenho uma opinião formada.

### **Como tu percebeu os desafios das professoras, tanto em 2020 quanto esse ano?**

Ano passado eu acho que para elas foi um pouco mais tranquilo porque não tinha aula. Elas tinham o dever de montar os temas, os trabalhos, as atividades para todo mundo igualmente, porque era tudo remoto, tudo de casa. Esse ano acho que foi um pouquinho mais complicado por esse modo híbrido. Para a turma da Paula ainda foi mais tranquilo porque se montou as atividades, foram impressas, o que não foi impresso ela estava mandando pelo WhatsApp. Mas as profes dos maiores acho que tiveram mais dificuldades porque cada escola tem um sistema, então quem estava na escola ia ter a aula ali da escola, mas quem estava em casa a profe tinha que dar aula igual. E aí como é que a profe se organiza com quem tá aqui na minha frente e quem não está aqui e tem que estudar da mesma forma? Para a maioria dos grandes a aula era online, não era trabalho. Quem tinha que logar e estar presente na plataforma. E aí como é que consegue gerenciar? Acho que essa modalidade para elas ficou bem ruim. Não tem como tu administrar duas aulas ao mesmo tempo. Por mais que tu esteja em casa de remoto tu tem que dar atenção para todo mundo. Pra as turmas dos pequenos eu acho que foi mais tranquilo. Elas tiveram agora um desafio maior porque ano passado não se teve nada. O que era para eles terem visto ano passado eles estão vendo agora. E aí um pouco do ano passado que seria focar mais na leitura e na escrita para começar as atividades desse ano.

Mas os pequenos como estão vindo e tem a opção do impresso, está mais tranquilo. Acho que a dificuldade maior é para os grandes, da sexta em diante que tem que logar (...) cada escola fez diferente, aqui não sei como é (...).

Essa semana que passou eu fui fazer um trabalho e a menina que eu tava conversando ela mora em cachoeirinha, a filha dela tem a mesma idade da Paula, a filha dela vai na escola todos os dias e é terceira série também. Eu disse “que estranho, aí na escola da Paula é híbrido. Uma semana ela vai, falta duas”. Ahh não lá na Amanda é todos os dias, e é horário normal, da 13h30 a 17h30, (...) e é estadual. Aqui a Paula é das 8h30 as 11h30, um horário bem ruim em todos os sentidos. Se eu não estivesse trabalhando, ela ia vir de van, ela sempre veio de van. Só agora com essa função de eu não estar trabalhando, suspendi a van. Mas ela teria que vir de van, ia voltar para casa de van e aí voltava aquele dilema do que ela ia fazer de tarde porque as pessoas trabalham. Porque o horário da escola é até as cinco horas da tarde. Das 8 às 5. Ela é integral. Por isso que eu optei por deixar ela aqui, justamente por causa da questão do trabalho. Eu tenho duas escolas mais próximas da minha casa, só que são estadual e é ou de manhã ou de tarde.

**Tu perdeu o trabalho?**

Sim, perdi o trabalho. Por causa da pandemia. Mas eu penso que tudo acontece na hora certa. Eu precisava dar um suporte para minha filha. Para mim foi bom, porque eu consigo ficar com ela, eu não tenho que me preocupar aonde ela vai, com quem eu vou deixar ela. Se eu tiver que pagar uma creche particular para ter onde deixar ela, aí vou gastar 700 reais numa creche particular, vou gastar mais 200 e poucos de van para trazer e buscar ela, é 1000 reais, aí eu fico em casa! E aí não tenho essa despesa. Então, nesse momento, para mim foi a melhor coisa que aconteceu.

### **Como tu acha que a sociedade está compreendendo o lugar da escola?**

A sociedade está bem revoltada. Tem famílias que não querem abrir mão do filho vir para a escola, como no meu caso, eu disse que ela ia vir de qualquer jeito, nem que ela tivesse que vir dentro de um saco, mas ela ia vir. Tá bem dividido, tem pessoas que entendem que a escola é importante, que é fundamental, e tem pessoas que não estão nem aí. Não, não vai. O exemplo dos próprios colegas da Paula que iriam vir, assinaram um termo e disseram que viriam, se montaram três grupos para que eles não viessem. Isso de uma certa forma prejudicou a Paula e as outras crianças que estavam vindo toda semana direitinho. Depois do recesso ela [Marju] disse que vai voltar a duas. Para mim é ótimo porque quando a Paula está funcionando a cabeça, aí ela tem que ficar duas semanas em casa. Aí tu já perde aquele ritmo. Então, está bem dividido. Nem todas as pessoas se conscientizam que a educação é importante, que saber ler e escrever é importante. Teve gente que não está nem aí “ah tem colégio, não vai ficar em casa. E não estão fazendo nem as atividades que levam para casa. Que a Marju cobra muito “tu está em casa, ok, mas tu precisa fazer as atividades. Isso é importante para que tu não perca um ano. Isso conta como uma presença. Ano passado eles não rodavam, eles passaram direto pro terceiro ano. Mas tu precisa se interessar para fazer. Eu não quero que a Paula vá para a quarta série se ela não souber nada. Ano que vem se deus quiser vai estar tudo normal. Ela vai chegar na quarta e vai rodar. Ela não vai sair mais da quarta série. As pessoas não têm essa conscientização, infelizmente. Eu brigo muito com ela por causa disso, brigo muito. Para que ela se esforce, para que ela preste atenção, porque a escola é importante. Se não fosse, não existia. É muito importante. Pelo menos terminar o segundo grau. O resto é consequência, é só oportunidades, é o esforço dela. E as pessoas não vêm dessa forma. (...)

Eu trago ela todo dia, está chovendo não interessa, pego um guarda-chuva e venho. Muitos assinaram presencial e não vem, daí tiram a oportunidade de quem realmente quer vir. Eu quero

que ela venha, é fundamental. Ontem eu disse para meu marido: tu acredita que só a Paula foi? “Ah sim mas tá frio, por mim ela não ia”. Mas tu tá na moto, tá trabalhando, e eu não vou ficar parada dentro de casa. Ela tem que ir, ela precisa ter atividade, ela tem que ter uma rotina. Já basta os dias que ela não tem aula que ela dorme até o meio-dia. Então no dia que tenha aula ela tem que ir para aula. Ela tem que fazer alguma coisa, tem que ver as pessoas, os colegas, os amigos, ela tem que se divertir, se não só fica deitada, com o celular na mão, e não faz mais nada. Se tá frio não importa, tu não foi trabalhar? E tava frio. Fui. Então? É compromisso, responsabilidade. Se não estiver bem, se ela está com tosse, esta gripada, não tem como ir, ai tudo bem, ela não vai. Mas do contrario ela vai.

Como tu acha que sera a escola quando todos estiverem vacinados?

Acho que vai ser bem complicado porque tem muita gente que não quer tomar vacina, que não está confiante. Mas todas as vacinas que existem na face da terra a gente não confia e a gente toma igual né. Tem muitas crianças também que estão dentro de casa nesses dois anos e não saíram para a rua, assim como tem gente que não tava nem ai, então vai ser uma faca de dois ... Acho que vai ser bem complicado lidar com as crianças dentro da sala de aula. Vai ter as que já estão mais costumadas, que frequentaram ou pelo menos conseguiram ter alguma atividade, e vai ter aquelas que vão ficar mais retraídas por não ter feito nada que vão ter mais dificuldade no retorno, em se ambientar de novo com a rotina da escola. Infelizmente teve muitas pessoas que entraram numa depressão, num caçulo, entraram dentro de uma bolha por perder a liberdade né.

Eu acho que vai ser bem complicado esse retorno, tem que ser gradativo, gradual, bem devagarinho. Acredito que normalizar mesmo o ano que vem não vai. Pode liberar tudo, voltar a rotina, mas muitas pessoas ainda vão ter receio de sair e vão demorar um pouquinho mais para retornar às atividades. (...)

## **APÊNDICE H – ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIO DOS SERVIÇOS GERAIS**

**Realizada em 7 de outubro de 2021**

### **Identificação**

Ricardo<sup>66</sup> - serviços gerais - Segundo grau completo. Trabalha na escola desde janeiro de 2021

**Como foi tua experiência no ano passado e como está sendo esse ano? Quais são os maiores desafios, dificuldades?**

Reeducar as pessoas a usar máscara, manter o distanciamento. Está sendo ainda.

**Eu vi que tu ficou bastante tempo na porta, medindo a temperatura...**

O que me impactou que muitas pessoas achavam que seria besteira medir a temperatura para entrar na escola, até por parte de alguns pais. Eu tinha que estar abordando eles para fazer a medição, só que alguns até se recusavam, passavam direto, não queriam medir ou não queriam colocar máscara, ou não queriam o álcool. A educação das pessoas foi difícil, hoje acredito que estão mais conscientes.

**Como foi estar numa escola sem crianças, sem bagunça?**

Eu acho triste, uma criança sem escola não é escola, é uma escola morta.

**Como se deu o apoio emocional nesse período?**

Aqui na escola apoio emocional 100 %, a coordenação, a direção bem acolhedora.

**Como tu percebeu os desafios das famílias e da comunidade?**

Deseducação. Readaptação.

---

<sup>66</sup> Nome fictício

**Como tu acha que a sociedade compreendeu lugar da escola?**

Acredito que bem, que hoje valorizam bem mais.

**Como imaginas q será a escola quando todos vacinados?**

Acredito que vão ser mais valorizados os professores.

**Poderias compartilhar alguma experiência que aches interessante, que tenha te chamado a atenção da escola em pandemia?**

Uma coisa que me chama a atenção ainda é professor ter que chamar a atenção ainda dos alunos do quinto ano para cima para botar a máscara, tem que estar sempre chamando a atenção, porque eles já estão acostumados já sabem e continuam tendo que chamar a atenção para colocar a máscara, ou não obedecem aglomeração, porque para eles que são jovens, acham que é uma brincadeira.

**Achas que esta mais difícil para os mais velhos do que para as crianças pequenas?**

Com certeza. Os mais velhos que tem mais entendimento das coisas, esta mais difícil. Alguns não estão nem ai para o que está acontecendo, acham que é uma fake News ou sei lá que passa pela cabeça deles. (...) Pela educação que tem fora da escola eles tentam trazer dentro da escola (...). Eu tive que testar, uma colega nossa também pegou, tivemos que parar a escola para ter o cuidado de todos sermos testados para retornar (...). Se a senhora parar aqui no portão uma meia hora, a senhora vai perder a conta de quantas pessoas vão passar sem máscara. Se a senhora parar na escola num final de semana, a senhora vai ver festas, vai ver aglomerações na rua. As pessoas estão vendo, e não estão dando bola, não estão acreditando no que está acontecendo. Traz isso para a escola e acaba prejudicando, aquela história de estar sempre chamando a atenção.

Uma vez eu cheguei para um pequenininho, pedi para colocar a máscara e o pequeno disse para mim que em casa ele não usava máscara e não tinha que usar máscara aqui, daí eu tive que chamar a coordenação para conversar com ele. Acho que tinha uns 10 anos. Ele ficou até meio bravo que eu pedi para colocar a máscara, então como negou para mim pedi para a coordenação conversar para ele colocar a máscara. Como eu trabalho na higienização, acredito que para ele

só sou o rapaz que limpa o banheiro, que limpa o pátio. Como fui eu que chamei a atenção, de repente ele quis me desafiar, se fosse um professor, como aconteceu, ele já não desafiou.

**Como foi para ti com esses pais que queriam entrar sem máscara?**

Eu pedia para colocar, eles não queriam colocar e eu avisava a coordenação. Mas para mim foi horrível, porque os pais que fazem isso... imagine eu pai, eu tenho duas filhas pequenas que estudam na escola municipal, imagine eu chegar numa escola sabendo que tem pandemia, que tenho que usar máscara, e tem uma pessoa no portão, um funcionário, e eu vou dizer não vou colocar. E a minha filha junto do lado. Como é que eu dando esse exemplo vou exigir que minha filha faça isso na escola? (...) A educação, como todo mundo diz, vem de casa (...). É bem estressante. Dá vontade de largar tudo. (...) Agora deu uma melhorada, mas as vezes até hoje acontece.

## **APÊNDICE I– ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIAS DA COZINHA**

**Realizada em 30 de agosto de 2021**

### **Identificação:**

Anna, Bruna, Luciana, Alessandra, Carolina (Auxiliares de cozinha) e Lorena (cozinheira)<sup>67</sup>.

### **Como foi a experiência de vocês no ano passado e como está sendo esse ano? Quais são os maiores desafios, dificuldades?**

Lorena: Ano passado nós ficamos alguns meses em casa. Teve todo aquele esquema de distribuição de cesta básica... Ano passado, até metade do ano nós ficamos em casa, na outra metade foi intercalado, ficava em casa, ia para escola...

### **Teve comida estragada?**

Os alimentos que poderiam estragar foram doados para as famílias, fizemos pacotinhos de verduras...

### **Qual vocês acham que foi o maior desafio no retorno presencial, pensando no trabalho de vocês**

Luciana: Acredito que a readaptação, todo o novo esquema, como trabalhar, a quantidade de alunos, que foi reduzindo, a gente teve que aprender a lidar com isso, a higienização, limpar, e a gente segue entendeu? Por mais que lá fora alguns dizem que reduziu, A gente não parou nosso cuidado, cuidado de manter limpo, higienizar todos os alimentos, sempre foram higienizados, mas agora tem que estar mais atento. Na verdade, trabalhar numa cozinha, a gente já tem que ter, antes da pandemia a gente já tinha todo o cuidado, a gente só deu uma caprichada, trabalhar com cozinha já tem o foco de higiene, ainda mais nessa escola que o povo é muito caprichoso e dedicado, então não mudou muito, só a questão do distanciamento, troca de aluno,

---

<sup>67</sup> Nomes fictícios

limpa a mesa antes de chegar o outro, só pode entrar no refeitório um por um até completar a mesa.

As cadeiras são numeradas e uma de nos direciona eles até o lugar. Não pode levantar da mesa todo o mundo junto. Eles que sentiram um pouquinho. Ai não pode levantar tia? Não. A gente explica, por causa da pandemia... é que no início eles estranharam, mas agora estão se acostumando...

### **Vocês sentem falta, saudade de algo?**

Aahhhh simmmmm (risos). Da bagunça das crianças, o refeitório cheio, quebrada de prato, comida no chão, não usar máscara, se olhar o sorriso, porque a gente gosta de ver. Eles chegam aqui e querem te abraçar, conversar mais, eles não podem conversar com a gente.

Bruna: até quando estava na rua, eu fui mexer com uma aluninha: oi tudo bom? Ela me olhou assim: quem que tu é? Risos. Eu sou a tia Bruna. “não parece tia Bruna”.

### **Tem algo que vocês achem que é positivo desse tempo, da escola assim, da cozinha assim?**

A higienização, a organização eu achei interessante... o uso de máscara para fazer a comida. Depois da pandemia a gente vai continuar usando.

### **Não incomoda?**

Agora não, a gente até esquece. Eu já fui embora de toca, depois olhei no vidro do carro: meu deus, estou de toca!

### **Como vocês veem a gestão municipal?**

Luciana: Eu acredito que a gestão municipal externa depende muito da gestão interna. Se aqui dentro eles tem interesse de lutar pelo melhor, vai acontecer o melhor, não acredito que seja só lá fora. Se a equipe quer mesmo fazer a diferença na escola, vai dar certo. No depende só deles. Pelo que vi de outra escola, não depende só deles, depende da direção aqui. E aqui o pessoal é muito dedicado. O pessoal é maravilhoso. É como se fosse uma família aqui.

A gente participou da outra gestão dessa escola e é bem nítido, a vontade que elas tem de fazer mudança na escola. a diferença é 100 %. Sem querer puxar saco de ninguém, mas a gente tem animo, vontade de trabalhar.

### **Isso vem da onde?**

Da gestão interna. A gente gosta do que está fazendo, quer fazer da melhor forma possível.

### **Como se deu para vocês o apoio emocional, de onde veio?**

Aqui 100% de apoio todo o tempo. E entre nós também. Esse ano foi minha primeira experiência em escola, elas foram me ensinando, mostrando como é (...).

### **Como vocês perceberam os desafios das famílias e da comunidade?**

Se fosse por eles as crianças vinham na escola, com pandemia ou sem pandemia. Agora vem quem quer...

Muitas crianças dependiam muito dos alimentos, infelizmente tem crianças que comem bem [só] na escola. As vezes não dá para dar para todo o mundo [repetição], mas a gente já conhece... escondidinho a gente dava.

### **Como vocês acham que a sociedade está compreendendo o lugar da escola?**

A sociedade nem sempre compreende, muitos exigem que tenha aula normal, acham que é só largar as crianças e a escola receber. E não é só pelos trabalhadores, funcionários, mas também pelas crianças. Tem pessoas que reclamam: essa escola não vai voltar ao normal? Como, se meu filho precisa estudar! Tem pais que não tem paciência porque eles já não estudaram, a maioria porque não tinha condições (...).

### **Como vocês acham que será a escola quando todos estiverem vacinados?**

Luciana: Eu acredito que normal normal não volta mais. Acho que vai ter um novo normal. Por algum tempo acredito que não (volta ao normal). Até porque tem essa questão de novos vírus.

### **Quanto tempo tu pensa?**

Uns dois anos... A vacina não é 100 % eficaz... é que o vírus cada dia uma coisa diferente aparece, mais resistente a vacina... esse ano não (vai ter o refeitório lotado), não 300, 350 que me tinha antes.

Antes era uma ba-gun-ça. Mas tu estava acostumada com os gritos, com as brigas, com as comilanças pelo chão, prato quebrado, (risos), tia me da agua, tia me dá agua, e não podia dar agua, tinha o bebedouro.

### **Podia compartilhar uma experiência que achem interessante desse período?**

Alessandra: A única coisa que me marcou foi um gurizinho que chegou no portão e perguntou: tia quando é que a cozinha vai voltar? Porque eu estou com fome, tenho que comer. Aquilo me marcou.

Cozinheiro (chegou durante a entrevista): e não é só ele né, quantas crianças vem aqui pela alimentação. Eles valorizam de mais a comida, eles não têm na casa deles muitas vezes a qualidade que a gente tenta oferecer aqui

### **Essas crianças que vocês dão repetição, porque vocês sabem que elas não têm em casa, vocês sabem porque conhecem daqui, ou a profe fala?**

Anna: Algumas a profe vem e fala, outras já conhecemos de anos

Alessandra: Às vezes há alguns que vem sujinhos. Teve uma vez que a professora teve que dar banho num guri, e até hoje ele vem do mesmo jeito, tadinho. os outros dias ele estava de pés descalço na chuva, sem guarda-chuva, no frio.

## **APÊNDICE J – ENTREVISTA COM MÃE DE ALUNA DO 2º ANO**

**Realizada em 30 de agosto de 2021**

**Júlia – moradora da comunidade - Auxiliar de serviços gerais na Neusa - Mãe da Valentina<sup>68</sup>, que está no 2º ano.**

Fui funcionaria em 2009 e retornei há dois anos, porque eu era da empresa terceirizada e agora voltei pela prefeitura. Valentina retornou esse ano. Eu tinha tirado ela, coloquei ela numa estadual, na mesma que meu filho estuda, e trouxe ela aqui de volta porque está com muita dificuldade em casa.

**(Pergunto sobre sua experiência ano passado e como está sendo esse ano, desafios, dificuldades com Valentina, com os temas de casa)**

Todas, pelo fato de eu trabalhar fora e eu não ter tempo, chego em casa e tenho a função da casa, tenho uma bebê de um ano e meio, então complicava bastante conseguir ajuda-la, e ela teve bastante dificuldade esse tempo que ficou parada. Ela não sabia mais as letras, ela esqueceu o alfabeto, esqueceu os números. Ela fez o jardim aqui, daí ela sabia o alfabeto, sabia os números. Quando ela foi para o primeiro ano começou a pandemia e ela teve que parar, fica em casa, e ela esqueceu tudo. E agora ela voltou no segundo ano. Eu explicava para ela, passavam uns minutos e ela não sabia mais.

**Ano passado vocês conseguiram entrar na plataforma?**

Não porque o horário da aula dela (aula online) eu estava no serviço, daí não tinha como.

**Tu estava aqui?**

Sim

---

<sup>68</sup> Nomes fictícios

**E esse ano qual tu acha que esta sendo o maior desafio para ela, para ti.**

Agora ela está melhorando. Ela está entrando no ritmo de novo. Ela tinha parado tudo, sabe? Até em outras coisas... eu falava algo para ela, passava uma meia hora, e ela já esquecia, eu pedia alguma coisa para ela e ela esquecia. Agora ela vem para escola e já aprendeu o alfabeto de novo, aprendeu os números de novo, ela está sendo alfabetizada agora no segundo ano.

**Nesse tempo todo sem escola, houve apoio entre as famílias? Criaram algum grupo de Whatsapp de pais? Entre tu e outras mães, outros pais da mesma turma?**

Não. Não foi criado.

**Não teve ajuda entre pais?**

Não.

**Como tu ve o papel da gestão municipal no que diz respeito a retomada das aulas presenciais (gestão do ano passado e desse ano).**

Eu sou meio suspeita a falar porque a Valentina tem problemas respiratórios, então eu fiquei com dois corações de trazê-la de volta e deixar ela em casa. Eu queria que ela aprendesse, mas ao mesmo tempo eu tenho medo dela vir se contaminar. Eles deixaram esse tempo as crianças em casa mas elas não estão imunizadas, não saiu vacina, não saiu nada, criança tu sabe que tira mascara toda hora, bota a mão nos olhos, tem todo um perigo, tem todo um risco. Mas eu acho que se não retomar agora... tem que retomar aos poucos então...

**O que tu acha sobre os desafios das professoras ano passado e esse ano?**

Pelo meu ver (eu digo esse ano porque ano passado não teve presencial, teve no início lá e...), eu acho que está sendo bem difícil para elas, porque tem todo um trabalho para ser feito, que nem a Valentina era para ser alfabetizada desde o jardim, primeiro ano e assim indo, e elas pegaram muitas crianças com esse tipo de dificuldade, não só no segundo ano, em todos os anos é aquela dificuldade pelo tempo parado em casa. Porque uma coisa é estar em sala de aula e outra tu ter uma folhinha para fazer em casa. Eles não aprendem com aquela mesma força do

que tu estar com uma professora, então para eles também eu acho que está sendo bem difícil porque tem que começar do zero, praticamente.

### **E ano passado como tu fazia, ela tinha com quem ficar quando tu trabalhava?**

Sim, a minha mãe ficava. Só que minha mãe ficava com mais dois, são três filhos que eu tenho, então dificultava para ela também pegar e dar uma força para a Valentina .

Quais tu acha que foram os desafios para a Valentina e para as crianças no ano passado, esse ano, o que ela te conta ou o que tu percebe?

Ela agora está superfeliz. Ela chega em casa contando tudo o que está aprendendo, que aprendeu coisas novas. Eles estão esses dias com essas lentes de aumento, as lupas, procurando umas flores. Tudo para ela é diversão na escola, ela está aprendendo, se divertindo, ela está outra criança agora, olhando do ano passado a esse ano, até uns meses atras, ela está outra criança (...).

Ela está fazendo laboratório de aprendizado com a deyse e a deyse falou a mesma coisa: ela esquece muito rápido das coisas. Acho que prejudicou um pouco ficar só dentro de casa porque a gente não tinha contato com ninguém, era só ela e os irmãos dela, não tinha outras crianças, não tinha escola, ficava só naquele mundo virtual, só dentro de casa olhando tv e jogando. Então isso acaba deixando a criança mais para baixo. A gente conversa com ela e ela esquece rápido as coisas. A deyse disse que vai dar mais uma investigada e de repente vai ter que encaminhar ela para uma psicopedagoga ou algo parecido para ver se consegue trabalhar um pouco a mente dela. A deyse passou uns trabalhos do youtube para ela, já que ela gosta de olhar, para tentar desenvolver um pouco, porque ela é meia travada, esquece rápido, tem uma memória fraca, mas ela é uma rica de uma criança. Acho que o que prejudicou foi essa pandemia mesmo, ficar em casa, ficar trancados dentro de casa. Há uns dois meses que ela voltou [na escola].

### **Como achas que a sociedade está compreendendo o lugar da escola?**

Eu acho que muita gente não está nem preocupado com a pandemia, com os filhos retornarem. Eu vejo por aqui, tu não vê o pessoal normalmente usando máscara, tu vê o pessoal aglomerado, festa todo final de semana. Aqui no bairro o pessoal não está preocupado, não. Tu passa e vê o aglomerado na esquina, as crianças que frequentam a esquina na escola sem máscara todos

juntos, então esse também é meu grande medo porque eu cuido, só que daí as outras mães não cuidam e vêm para a escola e a gente não sabe o que pode ser transmitido.

**Como tu acha que vai ser a escola quando todos estiverem vacinados e o retorno das crianças seja integral**

Eu acho que vai ser bom. Acredito que ano que vem vai estar todo liberado porque agora já estão falando em deixar as máscaras, que não tem mais necessidade, já tem esses assuntos que a gente vê na mídia, e eu acho que vai voltar tudo ao normal. Apesar de que mesmo que tenha um decreto que diga que não precisa mais usar máscara, eu vou continuar usando, meus filhos vão continuar usando. Minha pequena de um ano e meio, quando vou aqui no mercadinho ela bota a máscara, quer usar máscara. Ela vê a mana de máscara e quer usar máscara também.

**Tu tinha pego covid né?**

Peguei mês passado.

**E como foi? Acha que pegou aqui ou não tem como saber?**

Não porque aqui na escola todo mundo testou e deu negativo, então acho que não foi na escola (...). Eu fui no posto, o médico pediu teste, fui na sexta feira e no sábado peguei o resultado que tinha dado positivo. Eu tomei um susto porque tive contato com mus colegas, acabei no me cuidando o suficiente, até pedi desculpas para eles pelo fato de não ter ido antes no médico, mas eu jamais imaginaria porque eu não tive contato (...). A Valentina fez o teste e não pegou. Para mim foi um choque, não sei se foi uma contaminação no hospital.

**Tu já estava vacinada?**

Sim com as duas doses; e a de H1N1.

**Em relação ao teu trabalho, tu sente falta de algo?**

Não.

### **Tem algo que aches positivo da escola assim?**

Acho que os cuidados. Porque não é só a covid, tem muitos vírus, muitas bactérias. Antes a higienização não era com álcool, agora é com álcool, o cuidado redobrou, e isso é muito bom

### **Sente que recebeu apoio emocional nesse período?**

Sim, no serviço sim. Eu trabalhei em outra escola e fui muito maltratada. Essa escola é muito acolhedora, tanto a direção quanto os professores, os colegas, aqui é muito bom, eu não quero sair daqui nunca, é muito bom trabalhar aqui (...).

É contrato que pode renovar de 6 em 6 meses, agora eles renovaram e não sei como ficam os próximos. Não sei quanto tempo eles podem renovar, acredito que até dois anos. Eles estão vendo, não sabem se vão colocar terceirizada, se vão continuar fazendo contrato. Para nós é bem melhor com contrato, terceirizada é só incomodação porque a gente tem que ficar correndo atras do salário, eles não depositam certo, no depositam no dia, as vezes é dia 15, dia 20, e a gente tem conta, tem que pagar aluguel, eles não têm compromisso, vale transporte também, vale alimentação também. Agora a gente recebe tudo certinho, então a gente prefere que fique o contrato com a prefeitura do que venha uma terceirizada para acontecer tudo de novo. Eu era do tempo da Multiclin. Trabalhei dois anos e 9 meses, eles me pagaram 300 reais de rescisão, me demitiram na estabilidade, não me pagaram férias, não me pagaram nada. É um descaso, né.

### **Como tu percebeu os desafios da comunidade?**

A grande maioria não está nem aí, a grande maioria não tem um cuidado.

### **Sobre os desafios que muitos mencionaram sobre acessar à plataforma, a falta de conectividade, tu concorda?**

Eu não sei. Se uma mãe tem um celular ela pode emprestar para o filho estudar, a não ser que fique o dia inteiro no celular. É difícil que alguém não tenha um celular hoje, mais aqui. Eu acho que faltou interesse. Uma coisa é jogar para a escola [o filho], e ter o dia inteiro livre, outra coisa é emprestar o celular. Então acho que é isso, eles preferem a escola aberta para os filhos vir e ficar numa boa o dia inteiro. Porque a grande maioria não trabalha. E esse ano por que tu acha que foram demorando em mandarem para a escola as crianças? Não sei te dizer por que que aumentou [recém] agora.

